



Léon Chevreuil

O ESPIRITISMO INCOMPREENDIDO



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

O ESPIRITISMO INCOMPREENDIDO

Léon Chevreuil

Original em francês, de 1931:

Le Spiritisme incompris

Tradução: **Abílio Ferreira Filho**

Revisão: **Irmãos W. e Ery Lopes**

Formatação: **Ery Lopes**

Versão digitalizada:

© 2020

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



Léon Chevreuil

O ESPIRITISMO INCOMPREENDIDO

TEORIA SIMPLES & RACIONAL

*NÃO HÁ AQUI NEM RELIGIÃO,
NEM FILOSOFIA,
NEM ATEÍSMO,
NEM MATERIALISMO QUE RESISTAM.
É UMA QUESTÃO DE FATOS.
PASTEUR*

PARIS
ÉDITIONS JEAN MAYER (B.P.S)
8, RUE COPERNIC (16)
1931

ÍNDICE

Ao leitor — pág. 5

Capítulo I - Porque é preciso divulgar o Espiritismo!— pág. 8

Capítulo II - O Homem invisível — pág. 16

Capítulo III - O Espiritismo é uma Ciência — pág. 30

Capítulo IV - Filosofia dos Simples — pág. 43

Capítulo V - Temos uma alma? — pág. 57

Capítulo VI - Temos um corpo invisível?— pág. 71

Capítulo VII - O que é o ectoplasma? — pág. 84

Capítulo VIII - O problema das origens — pág. 97

Capítulo IX - A Doutrina das Reencarnações — pág. 106

Capítulo X - O além-túmulo — pág. 119

Capítulo XI – Meios de Comunicação — pág. 127

Capítulo XII – As Provas de Identidades — pág. 140

Capítulo XIII - Breve olhar sintético — pág. 157

AO LEITOR

O autor não se vangloria em trazer, aqui, a solução de nenhum problema. Ele não visa outro objetivo senão o de fortalecer a crença dos pesquisadores que, não tendo se deixado ir por longos estudos, se sentem algumas vezes inquietos por objeções e escrúpulos pseudocientíficos, que facilmente envenenam a opinião.

O Espiritismo é uma ciência ainda muito jovem para ser bem conhecida do grande público; é preciso ajudá-lo para compreendê-la, é preciso responder aos sofismas, é preciso sobretudo vencer a indiferença, e mesmo a hostilidade de certos sábios. Um fato é certo, desde que ele tenha sido empiricamente constatado; temos o dever de afirmá-lo, mesmo antes que ele não tenha sido explicado. A ausência de explicação em nada invalida a autenticidade do fato. Hoje um fato constatado, provado, experimentado: “A morte, que destrói o corpo, não afeta o espírito”. Homens de reputação mundial colocaram esse fato em evidência; o presente estudo tem por objetivo permitir ao leitor lançar um olhar ao conjunto, como eles conseguiram obter as provas do que afirmam, e sobre as concepções e hipóteses com as quais lhes foi sugerido o exame dos fenômenos espíritas.

Pessoas tendo, como nós, vivido na terra, puderam se

corresponder com observadores sábios que engenhosamente colocaram essas contestações fora de alcance de todos os sofismas imaginados para impor a descrença. Os espíritas obtiveram os fatos em primeiro lugar, a ciência os confirmou em seguida.

Após os espíritas vieram os metapsiquistas. Dos dois lados, há sociedades de estudos e, dos dois lados, os métodos diferem. Os espíritas que, naturalmente se esforçam em obter provas, fazem apelo aos espíritos e, por isso, é preciso organizar sessões, isto é, preparar um elemento receptor que seja capaz de receber e detectar as emissões do além-túmulo. Os metapsiquistas ao contrário, tendo por princípio não admitir nenhuma comunicação de espírito, esperam que elas se submetam a eles, tendem a invalidar tudo o que não depende de suas experiências pessoais. Com eles, toda discussão só leva à confusão, eles inventam objeções que, vindo da parte dos que não assistem à sessão e que não conhecem o controle, não tem nenhum valor. Que se lembre da história de Argel; se o Sr. Richet pôde ver e tocar uma aparição, é porque a isso ele se dispôs, porque ele veio para o meio espírita onde ela podia se produzir; ele não a solicitou, ela é que foi trazida até ele. Sabe-se que adveio, tal fato, atestado por Sr. Richet, e que teria tido uma grande importância para o conhecimento da verdade, foi perdido pela ciência, porque o público tinha fé nas objeções dos que não tinham visto nada. Hoje ainda pessoas honestas não creem senão na lenda e aceitam a versão da mentira.

Felizmente, temos ainda alguns homens superiores que sabem operar cientificamente sem destruir as manifestações; que com uma coragem e uma perseverança digna de elogios, publicaram os resultados de seus trabalhos, é aí que deverão tirar os profanos desejosos de se iniciar na nova ciência.

Aqui, apresentamos um resumo de ideias e teorias às quais, o

ponto de vista espírita, pôde conduzir alguns pensadores. O assunto é por demais vasto para ser tratado em uma simples brochura, pois engloba todos os problemas concernentes ao homem terrestre e ao mundo invisível. Se há somente hipóteses, elas podem ser discutidas, mas parecem tão lógicas, verossímeis e explicativas, encadeiam-se e se adaptam tão bem às descobertas da ciência a mais moderna que nos parece que a razão é quase forçada a se submeter a ela.

Capítulo I

PORQUE É PRECISO DIVULGAR O ESPIRITISMO!

A injúria e o ridículo que nós temos sofrido não partem senão daqueles que não tiveram a coragem nem a conveniência de fazer alguma pesquisa antes de atacar o que eles ignoram inteiramente.

CROMWELL F. VARLEY

Da Sociedade Real de Londres.

Uma ciência, até aqui desprezada, se mostra como uma revelação. Um fato, que tem atrás de si um século de calúnias e de injúrias, o fato espírita que se esforçava entre a ciência e a religião, porque ele representava uma ameaça contra todos os dogmatismos, resistiu à prova do tempo. Agora o fato se impõe, nos pressagia, a curto prazo, uma revolução na ciência, uma ação benéfica na ordem social, e forte capaz de infundir uma nova vida fé que se propaga.

O respeito devido à ciência, extraviada no erro materialista, tinha criado uma espécie de culto idólatra que se acomodava à indiferença de nossa época. A ciência tinha falado, o materialismo

triunfava e, pela preguiça intelectual dos incrédulos, o esnobismo científico devia substituir a fé. A juventude, sempre presa à palavra do mestre, aceitava sem desconfiança o vírus gratuito e obrigatório que lhe inoculava o ensino público e surgiu uma geração cujo espírito de negação era um diploma de superioridade.

Era preciso que o Espiritismo aparecesse para se opor a essa onda que ameaçava nos tragar, não mais uma doutrina, mas fatos contra os quais todos os sofismas vêm se desfazer. Como é mais fácil negar que explicar, tem-se feito tudo para lançar a dúvida nos espíritos; e esse novo capítulo da ciência experimental permanece sempre inédito, porque os que sentem e compreendem quanto é ameaçador para seu dogmatismo, deformam-no por capricho; assim, para o grande público, nada é esclarecido; e se a questão espírita se apresenta hoje com uma recrudescência de atualidade, ela não fica menos incompreendida. Todo o mundo fala dela e ninguém a conhece.

A zombaria é sempre aceita, é ainda uma maneira cômoda de evitar o obstáculo.

Sonhamos pois... provar a sobrevivência, não é uma loucura! E crer que aqueles, que sobreviveram vieram no-lo dizer; que uma vez privados de seus órgãos eles tomaram emprestado de uma pessoa estranha... Como um músico, que quebrou seu violino, veio tocar em um instrumento ao lado... não é cômico?

Entretanto, é isso que alguns conhecem por experiência e que os espíritas têm feito para ser aceito pelos homens de ciência, pelo menos os que quiseram de boa vontade se ocupar do assunto seriamente. Mas não é fácil conduzir um sábio a morder o fruto proibido. Ele não o faz sem tomar primeiro alguma precaução visando atrair a indulgência, frequentemente se começa por

descartar o Espiritismo, dizendo-se que é metapsiquista. O metapsiquismo deveria ser nossa mortalha, é uma palavra que se lança como um véu sobre nossa inconveniência: O pudor científico coraria por examinar o fato espírita em sua nudez.

A investigação científica não é coisa fácil nem ao alcance de todos. O que é fácil, é tomar conhecimento do que foi obtido de mais sério, seja como manifestações espontâneas, seja como provas experimentais destinadas a responder às objeções dos críticos mais exigentes. A literatura especial é rica agora em documentação científica, é nessa fonte que os neófitos poderão buscar sua crença e não em sessões fortuitas, vãs, onde se crê que se vá...”lhe mostrar isso.”

O conhecimento espírita traz à moral um suporte incontestável. Ele nos mostra o objetivo correto da vida e suprime o temor da morte. A crença no nada suprime também o temor da morte, mas deixa o homem na ignorância de suas responsabilidades. Quanto seria mais eficaz o conhecimento da sobrevivência em uma época como a nossa quando o suicídio justifica tudo; mata-se para satisfazer o ódio, mata-se para se vingar, mata-se para se enriquecer. Se não se consegue, a morte apagará tudo, isso não tem importância. Mas, o que é verdadeiramente horroroso, é que pais, decididos a praticar o suicídio, matam primeiro seus filhos. Isso aparece nos jornais, com a rubrica “Notícias em três linhas”. Assim, para os que agem com uma inconsciência semelhante, a morte é um fato atrás do qual não há mistério, eles ignoram mesmo que a questão possa se colocar, eles ignoram mesmo a dúvida, sua fé no nada é absoluta; tal é o estado da alma da população média, daquela que frequentou a escola.

Pensamos que a sociedade não seja responsável por tal

estado de coisa? Não seria melhor que se ensinasse às crianças a refletir? Quando a sociedade toma a seu cargo a educação do povo, ela poderia sem tocar nas soluções dos grandes problemas, lhe ensinar que ele não tem o direito de crer no nada, que a ciência não sabe mesmo o que é a vida, que ela não sabe mesmo o que é a matéria, e que desde que se queira ir ao fundo das coisas, não se encontra mais o mistério.

O Espiritismo não sabe disso melhor: ele não tem em seu ativo senão uma constatação empírica; homens como nós, tendo, como nós, vivido na terra, são algumas vezes levados a se manifestar. Todo o resto são só hipóteses; somente o Espiritismo para explicá-lo, propõe hipóteses satisfatórias, onde a ciência oficial só traz complicações e nenhuma verossimilhança.

Os educadores não duvidam disso; eles creem muito sinceramente que o ceticismo é a atitude mais científica, que, pela fé no nada, faz-se prova de uma grande força d'alma, e se criam as crianças nessa crença. Pensemos nos resultados, pensemos nas consequências. Pode-se tudo permitir nessa vida, a morte apagará nossos atos como a esponja que se passa sobre os números do quadro-negro, é a impunidade assegurada para todos os atentados; pode-se matar suas crianças como se mata uma ninhada de gatinhos, para lhes poupar a pena de viver, e também por outros motivos; perguntemos às enfermeiras, a essas nobres parteiras da maternidade, que conhecem a fundo a questão do aborto criminoso, o que elas pensam sobre esse capítulo.

Não contemos com a proteção das leis, é o sentimento da responsabilidade que não é preciso separar do ensino. A educação da primeira infância é uma sugestão que não apaga jamais, é pela moralização começada na escola que é preciso preparar a vida sadia para o homem feito. Se nosso ensino é obrigatório,

tenhamos cuidado com o que ensinamos; não temos o direito de sugerir mentira, nem de empurrar a criança nas águas estagnadas do agnosticismo antes que ela tenha adquirido a força de pensar por si mesma.

Eu temo a neutralidade mal aprendida, eu receio os sectários tais como o que, ultimamente, infligiu uma repreensão a uma professora de escola primária, porque esta tinha prestado o concurso de sua bonita voz, para uma obra de beneficência que não era suficientemente laica. A neutralidade assim entendida relembra erradamente aquela devida ao proselitismo. A moral não pode se apoiar senão em um ensino espiritualista e é preciso que a moral seja ensinada na escola.

O Espiritismo poderá exercer sua ação benéfica na ordem social, porque os fatos positivos se impõem cedo ou tarde aos que nos governam e aos que ensinam, e quando estes estiverem atentos, os fatos positivos, de caráter nitidamente psíquico, não serão mais exclusivos do domínio científico e a educação se ressentirá disso necessariamente.

Essa influência se faz já sentir na filosofia. Os filósofos não se dizem espíritas; mas certamente o Espiritismo não é estranho às tendências espiritualistas que se manifestam atualmente. A força poderosa dos fatos que eles conhecem, pelo menos pelos trabalhos dos sábios, que eles não podem ignorar, os obriga a refletir, e eles se tornarão nossos colaboradores sem o saber.

Eles já começam a evoluir em um sentido que está de acordo com as teorias espíritas. Uma nova concepção se faz relativamente à natureza de nossos pensamentos, começa-se a admitir sua realidade em tantas formas concretas e seu poder de ação sobre a matéria. De modo que o pensamento do homem se tornaria a coisa mais importante do mundo criado. Essa independência do

pensamento não permite que ele seja escravo de uma lei puramente física. Nessas condições, admitir-se-ia que a liberdade, que nós sentimos de escolher uma direção, poderia ter o valor de um fato experimental, que a faculdade de pensar poderia ser independente da matéria cerebral, de sorte que não é mais impossível que a consciência sobreviva à destruição do cérebro. Quando os filósofos tiverem dito isso, haverá belos dias para o Espiritismo, para o que se sentia tanta repugnância; um espírito utilizando um órgão... é o ato mais normal, somente o homem assim não crê naquilo que se lhe mostra, ele quer primeiro que se lhe explique. O Espiritismo... ontem ria-se dele, hoje ficamos admirados, amanhã será tudo normal.

O objetivo deste livro é justificar o Espiritismo contra os que o acusam de misticismo e de recorrer ao sobrenatural. Eu faço aqui um apelo à razão contra o apriorismo da opinião vulgar. É preciso que se saiba enfim, que a grande força do Espiritismo é ter prosseguido suas pesquisas a respeito do misticismo, ter colocado o problema da vida futura no campo experimental e ter tomado por juízes homens de ciência que, **AGORA**, declaram que a prova está feita.

É essa prova que nós gostaríamos de pôr ao alcance de todos. Não tratamos, nos primeiros capítulos, senão das questões preliminares: relação da alma com o corpo, um breve olhar sobre suas origens, consideração sobre os meios ordinários empregados pela Natureza, o papel moral das evoluções, a lógica das reencarnações. Falaremos em seguida dos meios de comunicações espíritas e das experiências extremamente complicadas pelas quais se pôde estabelecer, e colocar fora de contestação possível, a personalidade dos comunicantes.

Pretendemos poder afirmar que a crença na sobrevivência

repousa, hoje, em conhecimentos corretos; se ela conduz a humanidade a um ideal mais elevado, não é uma razão para acusar de misticismo uma filosofia firmemente apoiada em provas experimentais.

O Espiritismo é uma coisa séria que tem, atrás de si, um passado de longas provas e uma documentação formidável. Ele teve seus exploradores, seus historiadores, seus exegetas e seus filósofos, ainda em pequeno número, mas que não se pôde jamais refutar. Esperamos que haja continuadores na geração que está surgindo; mas que eles se guardem de todo entusiasmo, que eles não esqueçam que o Espiritismo abriu caminho entre os espinhos. O neófito deve esperar encontrar o que faz sempre obstáculos às novas verdades, a oposição, a indiferença, a incredulidade, os sarcasmos e a má-fé. Lembramos que os homens, que são a honra da ciência, têm aí consagrado uma vida inteira, e observaram durante vinte anos ou mais antes de se declararem satisfeitos com as provas.

Outros, mais felizes, obtiveram manifestações espontâneas de natureza a tornar sua convicção imediata, são exceções, trata-se de manifestações favorecidas por circunstâncias frequentemente trágicas, por afinidades espirituais ou de afeições profundas; nas sessões experimentais, cada um traz suas influências, boas ou contrárias, que nada têm de útil. Um pesquisador baseado na simples curiosidade, a presença de esnobes, que só assistem na esperança de colocar dúvidas ou antes, objeções pseudocientíficas, jamais conseguirão uma colaboração do além-túmulo; as sessões nulas se devem à más disposições, à falta de simpatia que é absolutamente necessária e é o caso infelizmente muito frequente. Onde não há um elemento receptor não se pode esperar uma comunicação, é preciso um poderoso motivo para

atrair os espíritos sérios, o além-túmulo não atende em guichês abertos. Aquele que pretender abrir as portas sem ter nada estudado, sem ter-se conduzido até lá por amor mais puro da verdade e as mais nobres intenções, baterá em vão; ele pode se comparar a um homem que se apresenta ao banco com um cheque sem fundos.

Capítulo II

O HOMEM INVISÍVEL

O verdadeiro conhecimento é ver tudo no invisível.

PARACELSO

O homem é tão cego através dos sentidos que ele não se vê mais a si mesmo; ele só vê o que está visível, em si, só a menor parte de si mesmo, e que ele vive muito mais, por sua atividade mental e sentimental, que por suas operações digestivas. O que é nobre, o que é grande, o que é belo interessa muito mais a humanidade do que se bebe e se come.

Em seu estado de cegueira, o homem acredita sinceramente que o pensamento sai de seu cérebro, como a urina sai de sua bexiga e, sem fazer um esforço para se examinar a si mesmo, ele raciocina quase que como uma máquina que se lisonjeasse por produzir o vapor porque ele sai de sua chaminé. Entretanto, o homem deveria ver que a máquina em si mesma não funcionaria se uma força não lhe viesse do invisível. Tudo o que se materializa aos nossos olhos, tudo o que produz um movimento qualquer, tudo o que condiciona nossos fenômenos, no plano físico, tem seu ponto de partida no invisível; e esse ponto de partida é alguma coisa que jamais foi vista... uma força.

O homem é uma força invisível, ligada a uma forma visível; e,

porque seus olhos são organizados para ver somente a matéria, ele não quer observar o que só aparece aos olhos do espírito. Ele se esquece de observar a espontaneidade que está em nós, e que faz com que sejamos uma causa entre as causas; causa ínfima, talvez, mas causa atuante, que nos torna capazes de comandar ou de resistir em uma certa medida.

Se então eu falo, aqui, do homem invisível, não se trata de seu corpo, mas dessa força inicial que está em nós e que somos nós, que quer e que comanda, e que não tem que pensar senão em seus órgãos para se fazer obedecer. A mais perigosa das superstições é acreditar que tudo sai da matéria, que há propriedades da matéria, que a gravidade é em si como uma força latente; é porque o século XIX teve a superstição da matéria que se acreditou, em um certo momento, poder fazer pouco caso dos problemas do invisível. Mas que então, hoje, com os conhecimentos que temos sobre a propagação das ondas, se ousaria fazer pouco do que é invisível?

A humanidade inteira reside no invisível, o pouco que vemos não é nada diante do que não vemos; e, se nossas faculdades psíquicas não estivessem atualmente mascaradas pela cortina que a matéria coloca diante de nossa vida terrestre, assim limitada por nossos sentidos, um novo aspecto desse mundo invisível nos seria mostrado, com a mesma objetividade que aquele que nos cerca. Se então conseguirmos qualificar de sobrenatural os fatos raros e misteriosos dos quais nos esforçamos para arrancar o segredo ao mundo invisível, digamos bem que isso aí permanece como superstição que o positivismo tinha favorecido, no último século, e pretendido colocar como limite ao progresso, nos interditando de estudar o que está fora do mundo visível.

Tem-se mesmo qualificado de milagre o que parece fora de

nossos conhecimentos. Mas, hoje, que conhecemos os milagres da ciência moderna, não há mais nada que não se possa explicar por alguma dessas possibilidades que Deus colocou na natureza.

A natureza só nos mostra o natural; aqueles que repelem os fatos espíritas, tanto como sobrenaturais, fazem prova de uma singular ignorância. Os espíritas trazem ao mundo uma revelação magnífica; ela não é nova, mas o que é novo é ter colocado no terreno científico e experimental o estudo do mistério e a substância do velho milagre. Nós, que nos fazemos de ouvido surdo, olhos fechados, silêncio guardado, assistiremos em breve a uma revolução psíquica, que ultrapassará em importância a da descoberta do Novo Mundo. Poderemos impunemente furtar o fogo do céu; Deus não nos pune por ler no grande livro da natureza; no dia em que os fatos não forem mais desconhecidos, nem incompreendidos, haverá um ofuscamento.

Os fatos estão aí, sempre negados, contestados, menosprezados, ridicularizados ou voluntariamente ignorados; é esse espírito de negação que é preciso vencer; e a tarefa não será fácil, pois não se pode forçar o cético a levar em consideração documentos que ele desdenha.

A documentação é muito rica e muito probatória, mas ela necessita de um estudo sério e, enquanto se tratar essa questão por brincadeira, como se faz na imprensa e em certas conferências, o público não será mais iniciado ao lado científico da questão espírita. Para ele isso não merece exame. Mas não se impedirá os que viram e tocaram a gritar sua convicção: a matéria passa e a vida continua.

Nossa vida está no invisível. Atrás do homem que come, que bebe e que digere, há alguma coisa muito mais nobre; há os sentimentos elevados que todo o mundo admira por instinto;

vivemos muito mais a vida intelectual e moral do que a vida material; pelo pensamento, muito mais do que pelos sentidos.

Os sentidos limitam nossas percepções, são os limites de nosso domínio pessoal; mas eles põem um obstáculo à nossa percepção do invisível e, entretanto, sua faculdade poderia ser muito mais estendida, pois não há invisível senão relativamente a nossos sentidos que poderiam ver muito mais longe. Com efeito, as realidades do além-túmulo são tão objetivas quanto as que se mostram à visão, não nos falta senão o instrumento que permitiria percebê-las. Há um lado orgânico e fisiológico do corpo humano, que não vemos. Mas, do mesmo modo que as ondas hertzianas ou as emanções do rádio, podem ser vistas e ouvidas graças ao maravilhoso progresso das ciências, assim essa parte de nós mesmos que se prolonga no invisível e que se apresenta como intermediária entre o pensamento e a ação pode se tornar visível, experimentalmente, nas sessões espíritas.

Entretanto, isso não é suficiente para se conhecer o homem invisível; atrás dos órgãos há sempre essa força misteriosa que comanda e que interpreta, a entidade psíquica, a alma central. Os metapsiquistas, que tiveram ocasião de observar que o ser humano podia receber informações sem o concurso de nenhum dos sentidos que nós conhecemos, supuseram então um sexto; é uma hipótese que coloca muito mal os dados do problema, pois não há nenhum aparelho orgânico que corresponda a esse sexto sentido.

Não refletimos assaz que os sentidos não trazem ao nosso espírito senão sinais convencionais, que, atrás dos sentidos, há a alma que interpreta. Aí está o homem invisível; o ouvido só escuta palavras, mas o homem invisível sabe a que pensamento essas palavras correspondem e essa interpretação não tem relações

com a fisiologia, se o ouvido recebe vibrações sonoras, os sentidos de nada servem para a compreensão de uma sinfonia musical; o órgão é absolutamente estranho à vida do espírito, como o aparelho Morse é estranho ao pensamento do telegrafista. É preciso conhecer, ter aprendido o alfabeto das vibrações, para compreender a linguagem dos sentidos. O homem invisível compreende a linguagem, qualquer que seja o órgão que a transmita, porque a alma em si mesma percebe e interpreta e, como ela não encarna senão por um tempo, é preciso que ela tenha uma faculdade especial que lhe permita uma vida de relação fora do corpo; essa faculdade é a telepatia. Como se constata que o ser humano é capaz de receber informações sem o concurso de nenhum dos sentidos que conhecemos, não se trata de um sexto sentido, trata-se de uma percepção central que é o meio normal das comunicações no além-túmulo.

Somente é preciso acreditar na imaterialidade das almas, tais almas seriam um puro nada. Não se trata senão de uma imaterialidade relativa, e não é preciso crer, nem mais nem menos, que essa imaterialidade representaria somente uma densidade menor; não, ela representa também uma nova modalidade, ela possui uma qualidade específica da qual não há outro exemplo na natureza visível, o poder de se modificar a si mesma.

Entre a alma e sua ferramenta há alguma coisa que não é nem a força, nem a matéria, mas que acumula a força e penetra a matéria; alguma coisa da qual a alma é o núcleo, e que é, ao mesmo tempo, um agente dinâmico e um elemento plástico, é uma substância ideoplástica. Temos, assim, três elementos que são necessários à interpretação dos fatos espíritas: o corpo material, o intermediário ou Perispírito, e o dinamismo essencial, a alma. O

Perispírito é exteriorizável, ele pode se separar do corpo, mas é inseparável da alma. É essa estreita união da alma com seu agente dinâmico, que chamamos “Espírito” que constitui o homem invisível, o qual preside às encarnações e às reencarnações. O corpo que vemos é aquele com o qual nos iludimos e que não tem outra utilidade senão de nos permitir entrar em relação com o homem terrestre. Se compreendêssemos isso, saberíamos que, desde o presente, nossa verdadeira vida é no além-túmulo, pois nosso pensamento não pode sair de nós mesmos, ele só tem sentido para nós mesmos, somos obrigados a materializá-lo, isto é, criar um corpo, encarnar nas palavras que exprime a fala ou a escrita, para que outros possam tomar conhecimento. Assim, desde agora, o essencial de nós mesmos vive e age no invisível; e se destruíssemos nossos órgãos, isso impediria de falar ou escrever, mas não destruiria nossa atividade pensante.

O magnetizador age sobre essa parte invisível do homem e o corpo torna-se inerte. Barão Carl du Prel, os mais científicos dos observadores na matéria, nos ensina que:

”O corpo astral exteriorizado não constitui somente o condutor de uma força motriz, mas que é também o de uma força vital, da forma, da sensibilidade e da consciência.”

Pode então existir independentemente do corpo material e separado deste, em outros termos ele é imortal, o que será certamente provado experimentalmente segundo as vias abertas por De Rochas. As ações produzidas pelo corpo astral durante a vida terrestre do homem entre os sonâmbulos e entre os médiuns devem então ser idênticas às do corpo astral definitivamente exteriorizado pela morte. Os fenômenos que se observam nas sessões espíritas podem ter uma dupla fonte, os médiuns e os espíritos, e uma multidão de observações tem provado que os

espíritos operam por meio de forças que se fundem com as do médium, resultando em uma bem homogênea.¹

Os experimentadores jamais deveriam perder de vista essa dupla fonte e essa fusão; o que não fazem os espíritas muito crédulos, que atribuem tudo aos médiuns. No corpo ou fora do corpo, a faculdade psíquica é sempre a mesma; é porque, se nós pudermos colocar um sensitivo fora do corpo ou distrai-lo momentaneamente de seus órgãos, poderemos dizer que é possível estudar o além-túmulo no modelo vivo. É o que fez o Sr. Coronel De Rochas provando que as faculdades motrizes ou sensíveis podiam se exteriorizar.

Há uma bela experiência a fazer com o ser encarnado, porque o médium exteriorizado se torna semelhante, quase idêntico, a um habitante do além-túmulo e que, nesse estado, aparece um novo sentido, que o coloca em relação com as coisas misteriosas do além-túmulo. Mas o além-túmulo é um mundo difícil de se explorar porque não se compreende geralmente que ele começa nas regiões inferiores da subconsciência para se elevar gradualmente até às mais altas moradas da inteligência.

Nesse domínio, o novo sentido, a telepatia, desempenha um papel que, teoricamente, permitiria a comunicação de pensamento entre todos os seres. Praticamente não é bem assim, porque o dinamismo pessoal de cada indivíduo consciente só pode agir em um raio restrito; mas certas interferências podem se produzir e elas explicam a intervenção dos espíritos tanto quanto a sugestão dos magnetizadores.

A telepatia, escreveu Camille Flammarion, não pode ser negada. “A ação de um ser sobre um outro à distância é um fato

¹ DU PREL, Carl. *A Magia, Ciência Natural*. Vol. I pág. 186.

científico tão certo como a existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sírius.

Com efeito, é perfeitamente observado, experimentado e demonstrado, que um agente, sujeito ativo, pode materializar uma imagem que o percipiente, sujeito passivo, poderá interpretar ou reproduzir em uma folha de papel fazendo, do objeto traçado fora de sua vista, um desenho fiel. Está provado que existem casos espontâneos ou acidentais, ocorridos com uma pessoa, que foram sentidos, à distância, por uma outra pessoa em relação de sintonia. São fatos clássicos, dos quais há uma quantidade de exemplos, confirmados pelas enquetes mais sérias.

Os primeiros magnetizadores, no começo, não tinham visto essas correspondências magnéticas, senão como um novo meio de curar; mas Puységur descobriria o sonambulismo, e é então que apareceram as maravilhosas faculdades de clarividência, de leitura através de corpos opacos, de lucidez longínquas, etc., e eles tiveram a surpresa de ver aparecer as primeiras comunicações do além-túmulo.

Essas experiências se repetiram em nossos dias e chegaram a demonstrar que a alma desligada do corpo, mesmo no ser em vigília, possui faculdades que lhe são próprias e são faculdades que, independentes dos sentidos, são evocadas para resolver o problema da comunicação espírita. Sir Olivier Lodge pensa que associando o éter à nossa hipótese de uma força psíquica, as transmissões de imagens se explicariam naturalmente por vibrações análogas às das ondas eletromagnéticas.

Assim, o Espiritismo introduz o além-túmulo no quadro da natureza; para ele, não é mais o céu com seus anjos, simplesmente a vida do além-túmulo de nossos órgãos. O além-túmulo existe para o animal, para o inseto, para a planta, tanto quanto para o

homem. A planta tira aí sua vida no magnetismo solar, o inseto tira seus instintos, o homem tira suas inspirações, sua consciência moral, seu dinamismo vital e suas faculdades intelectuais na medida do seu alcance; isto é, de suas correspondências mais ou menos estendidas ao invisível.

A telepatia não é provavelmente outra coisa senão uma função do Universo vivo. Poderíamos defini-la: uma função do dinamismo consciente, estendida a todos os seres, e permitindo a circulação das ideias.

O problema assim colocado ou antes, a hipótese sendo aceita, teríamos um além-túmulo em vários estágios, em baixo o mecanismo psíquico das entidades celulares, no alto as belas comunicações tão frequentemente constatadas, antes da morte, em torno da morte e após a morte. Não ficaríamos mais chocados por contradições aparentes devidas a interferências, à fusão e às confusões possíveis das correntes telepáticas, nas regiões inferiores de nossa consciência mediana.

Não saberíamos insistir nesse ponto que os centros nervosos, desde o cérebro até à simples célula nervosa, são ao mesmo tempo centros psíquicos, que sua ação psíquica depende do invisível, que ela é distinta do movimento fisiológico que provoca. Isso é tão verdadeiro que o grande fisiologista, Claude Bernard, não pôde explicar o automatismo dos centros nervosos senão se apoiando ou antes, se apropriando da teoria polizoica (isto é poli-anímica) de Durand De Gross, que ele deturpou, supondo uma inteligência inconsciente latente no organismo. Escutemos seu discurso de recepção na Academia Francesa: “Cada função do corpo possui assim seu centro nervoso especial, verdadeiro cérebro inferior, cuja complexidade corresponde à de sua própria função. Estão aí os *centros orgânicos*... Nos animais inferiores, esses centros

inconscientes constituem somente o sistema nervoso.” E, chegado ao instinto, ele conclui: “Há então inteligências inatas; nós as designamos sob o nome de instinto.”

Assim, eis um inconsciente inteligente e que está latente no organismo!!! Malgrado todo o respeito devido a Claude Bernard, quando lemos essas coisas com a atenção, somos obrigados a convir que tudo não passa de um discurso incompreensível. E tudo isso para suprimir da alma toda consciência, a lhe supor uma fonte latente no organismo, o que equivale a supor latente no aparelho o conteúdo de uma mensagem telegráfica.

Pois enfim, o inconsciente não é nada, senão uma abstração de forma negativa. É impossível atribuir uma função ao inconsciente, seria como se atribuísse um movimento à insensibilidade. A inconsciência, se ela existisse fora do nada, seria a insensibilidade psíquica.

Por isso o instinto, em si mesmo tem uma sensibilidade que lhe permite obedecer à sugestão vinda de alhures, o instinto não age senão em função do dinamismo inteligente que abrange tudo o que vive e do qual somos inconscientes. Uma ação coordenada, e tendendo a um fim longínquo, exige uma consciência em alguma parte. Os pretensos centros orgânicos de Claude Bernard são centros psíquicos e lhe atribuir, ao mesmo tempo, a inteligência e o inconsciente é um absurdo, pois é impossível afastar o fator psíquico do movimento fisiológico. É a alma que possui o corpo e não o corpo que age sobre a alma. Corar de vergonha e empalidecer de pavor são movimentos provocados por uma simples ideia, e que se comunica de célula a célula como os folículos de uma sensitiva, que transmitem, uns aos outros, a impressão recebida pelo primeiro a ser tocado.

Se os centros orgânicos são centros psíquicos, eles podem se

comunicar entre si telepaticamente, da mesma forma que a transmissão do pensamento, opera, de alma a alma, entre vivos sem o concurso dos sentidos. Os fisiologistas nos dizem que não se concebe o pensamento funcionando fora do cérebro; é porque eles só observam o homem visível e não levam em conta o corpo etéreo, que é o duplo do corpo visível, e que é o verdadeiro condutor da força motriz, a armadura das formas orgânicas, da qual pode se separar, mas que, sempre unido à alma, é a verdadeira sede da consciência e da sensibilidade. Os experimentadores psíquicos, Kerner, Reichenbach, De Rochas deram-se conta dessa separação da alma e do corpo, que se traduz pela sensibilidade e a inércia do corpo material. São esses fatos de exteriorização que permitiram fazer do Espiritismo um estudo perfeitamente objetivo, formando um capítulo novo da ciência positiva experimental.

Algumas pessoas se admirarão talvez por aprender que o Espiritismo é científico; transformou-se entre as mãos dos homens de ciência que, ainda em um número muito pequeno, examinaram todas as suas faces. De agora em diante, podemos experimentar no homem vivo e, graças à lucidez dos sonâmbulos, aprender muitas coisas sobre o além-túmulo. Fazemos tabula rasa das velhas ideias sobre a espiritualidade pura, para tornar à afirmação de Platão de que a alma tem sempre um corpo.

O corpo visível, que ilude o comum dos mortais, não é senão o duplo exterior do corpo etéreo, que o olho não vê; estamos sob sua dependência porque ele é necessário à nossa aprendizagem; sem ele, toda relação seria impossível na terra. Os órgãos são as ferramentas indispensáveis a um trabalho manual, a palavra e a escrita não são senão as materializações do nosso pensamento, o qual se elabora no invisível; e, do mesmo modo que se pode

destruir um livro sem parar a vida intelectual do autor, pode-se quebrar nosso instrumento de relação sem parar o movimento psíquico.

A ciência oficial, que se reconheceu sempre incapaz de explicar como o movimento dos órgãos pode responder a um ato da vontade, achará uma explicação dessa relação no corpo psíquico. A telepatia ajudando, não haverá mais absurdo supor possível uma comunicação entre o habitante da terra e o do além-túmulo, já que este difere daquele senão pela privação de órgãos que a experiência provou não ser de nenhuma utilidade para a transmissão do pensamento à distância. Mas há necessidade de discursar tanto? Não é evidente que toda força vem do invisível? É o mesmo para a vida consciente e inteligente.

Se a vida sai do invisível, como os mundos, é que, como eles, é uma materialização lenta. Sob o eterno impulso de um dinamismo misterioso ela se coloca em movimento e evolui. Em presença da ciência moderna que, cada dia, estende os limites de nosso saber, os fisiologistas têm ainda, da vida, uma concepção mesquinha.

E quando se trata de interpretar os fenômenos mais transcendentais da fenomenologia espírita, é piedoso ver homens de ciência pretender que é preciso estudar as faculdades normais do homem antes de admitir o sobrenatural. Como se pudesse fazer uma diferença entre as faculdades do homem encarnado com as do desencarnado!

Nessa ordem de ideia, os metapsiquistas giram em um círculo vicioso, querendo a todo preço atribuir às faculdades do médium os conhecimentos que lhe venham do além-túmulo, de certo modo, evitando um problema que não querem abordar. Chega-se assim a negar a correspondência com os desaparecidos dando clarividência a tudo sujeito uma extensão impossível; um poder

ilimitado de tirar na memória de não importa quem, não importa qual distância, os elementos que lhe permitiriam representar a pessoa desaparecida fazendo uma comédia sempre mentirosa. Veremos em seguida, as experiências que tornam essa explicação ridícula; no momento, eu me contento de assinalar esse entendimento que consiste em querer fazer sair do organismo humano encarnado manifestações que certamente têm uma outra origem. É uma ideia preconcebida querer sempre observar por baixo para atribuir toda atividade psíquica à fisiologia pura; querer fazer sair a inteligência da matéria; fogo de uma pedra; a luz da vela; e a vida de um primeiro germe.

No entanto, é suficiente observar o que nós somos, e o planeta que habitamos, para compreender que as fontes da vida são as mais longínquas, que o infinito nos esmaga, que a marcha ascendente da humanidade é função da evolução planetária e que essa evolução não para no bicho humano. Há séculos que a vida se eleva, e nós começamos somente a entrever a magnificência do final; supor que tudo isso repousava, em estado latente, na substância de um composto químico é uma hipótese mais mesquinha que aquela que, por outro lado fazia de nosso miserável planeta o objeto único da criação. A Astronomia tem prodigiosamente engrandecido a obra do criador; nenhum esforço de imaginação poderia hoje nos representar a extensão do mundo criado. O sol é um milhão de vezes maior que a terra; colocado ao lado de uma estrela de média grandeza, ele não vale um fósforo químico. Seria preciso seiscentos mil bilhões de sóis como ele, para criar uma massa da grandeza de Betelgeuse, a famosa estrela de Órion que é, em si mesma senão um ponto no infinito.

E o inseto humano, nascido ontem, que fervilha ainda nos baixos fundos de nosso planeta obscuro, não ousa elevar os olhos.

Ele procura, em uma matéria sem alma, o meio para explicar quimicamente a origem da força criadora que gera eternamente a vida dos mundos.

Miserere ei Domine!!

Capítulo III

O ESPIRITISMO É UMA CIÊNCIA

Confesso que fico surpreso e com pena da timidez ou da apatia que mostram os homens de ciência em presença desses fatos.

William Crookes

O Espiritismo tende a provar, pela via experimental, isto é, apoiando-se unicamente nos fatos, a realidade da sobrevivência.

Seu objetivo é por isso o mesmo que o das religiões, seu método, diferente, pois que ele independe do misticismo.

A ignorância geral e a injustiça da opinião, a seu respeito, são bastante incompreensíveis, apesar dos estudos tão numerosos, publicados por homens de ciência, que deveriam ter abalado a apatia dos intelectuais; hoje zombam do lado frágil do Espiritismo, e contra seu lado verdadeiramente científico, parece que fazem a conspiração do silêncio.

A mais bela e mais satisfatória doutrina filosófica que jamais se havia proposto ao mundo, é ainda pouco conhecida e incompreendida. Se há uma discussão sobre o assunto da sobrevivência, parece que não têm nenhum conhecimento do estado atual da questão, respondem como se os fatos não

existissem, como se nossas provas não fossem provas, ignoram-nas, o que é um meio fácil de contornar o problema.

Certos autores escreveram livros inteiros para nos provar que o corpo morre; eles não têm dificuldade para pôr isso em evidência e, imperturbavelmente, prosseguem suas demonstrações como se os fatos metapsíquicos não existissem; ficamos estupefatos que esses apóstolos do nada não se dão mesmo ao trabalho de fazer alusão aos argumentos científicos do espiritualismo moderno.

Apresentar o problema da sobrevivência, é apresentar a questão espírita, já que a demonstração da sobrevivência é o objetivo ao qual se aplica a pesquisa espírita. Essa questão foi exposta, há poucos anos, ao que se chamou de elite intelectual, pelo jornal *Comedia*. As respostas dos correspondentes foram brutais, cortantes, humorísticas, nenhuma delas refutou nossas provas, quase todas deram testemunho de uma ignorância completa dos estudos metapsíquicos.²

Um deles responde: “Nem a experiência nem a razão nos fornecem o menor indício sobre a possibilidade da sobrevivência. Eu entendo que os que a afirmam desprezam a razão... eu espero que eles me provem razoavelmente o absurdo da razão.” Um outro não crê na sobrevivência porque: “Viver toda a eternidade com as pessoas que nos aborreceram na terra... Que infelicidade”. Para se contentar com semelhante objeção é preciso jamais ter lido um livro de filosofia espiritualista. Outros saem da questão, como Claude Farrère que adere à opinião de Confúcio: “Quando eu souber o que é a vida, eu me ocuparei de saber o que é a morte”. Mas não há necessidade de saber o que é a vida para constatar que

² Um relatório dessa enquete foi feito pelo Sr. Jules Gaillard, na *Revista Espírita* de 1927, abril, junho, julho, que colocamos, aqui, como contribuição.

estou vivo, eu posso fazer a mesma constatação para os falecidos.

Outros parecem crer que não temos outro ponto de apoio senão a revelação dos fantasmas, tomando seus desejos como razões suficientes. A Sra. Rachilde não acredita porque se ela estivesse ameaçada de sobreviver isso a faria doente. Outros por causa dos massacres inúteis de 1914-1918. Isto merece uma réplica: somente a sobrevivência explica a indiferença da natureza a respeito do que chamamos morte. O Sr. Paul Souday não acredita porque os que creem não apresentam nenhuma prova. Resposta de jornalista falando do que ignora. É assim que o Sr. Clement Vautel acredita que o “Espiritismo é uma religião, a última da época”.

Como se vê, as respostas não são brilhantes do lado dos incrédulos, as únicas razoáveis são as dos fisiologistas, cuja crença é motivada pelo fato de que lhe parece impossível que uma consciência possa subsistir sem o cérebro. Esse argumento que parece se apoiar em alguma coisa se apoia, na realidade, no desconhecido, pois ninguém pode afirmar que o cérebro seja outra coisa senão um instrumento de execução, sobre o qual age o pensamento.

Para os católicos, o agnosticismo é um dever, a maior parte crê porque eles acreditam em tudo o que a Santa Igreja católica, apostólica e romana diz. Se, com isso, sua consciência fica tranquila, eles não têm necessidade de saber mais nada; mas são outros para quem os teólogos têm tanto deturpado a religião que eles aprovam a necessidade de recorrer aos fatos e se apoiar nos fenômenos que fizeram a crença dos primeiros cristãos e os Pais da Igreja. É preciso notar a exceção do abade Moreux que crê que a sobrevivência da alma é tão demonstrada quanto as verdades mais assentadas da ciência.

Todavia, ele evita falar do corpo espiritual que é, para os espíritas, o objeto da mais preciosa experimentação. “A alma não conseguirá subsistir no espaço sem uma forma que a individualize”, escreveu Gabriel Delanne com todos os espíritas.

A enquete foi dirigida a alguns espiritualistas independentes. A Sr. Juliette Adam responde: “eu recebi provas tais que é impossível discutir o valor; eu creio porque eu vi. O que é a melhor das razões.”

Os que viram, sabem; saber é melhor do que crer. Da parte de outros crentes independentes há ainda argumentos filosóficos muito sérios, e que estão pouco a pouco próximos do Espiritismo. Mas o resto é lamentável. O Sr. Van Dongen crê na sobrevivência porque isso faz feliz a tanta gente! Outros prometem enviar a resposta quando eles estiverem mortos, por meio da mesa girante. Enfim, o responsável pela enquete, Sr. Pierre Borel, para concluir, atenua o questionamento, evocando a lembrança de suas conversações com C. Flammarion. Este dizia: “A morte não existe, ela é só uma evolução; o ser humano sobrevive na hora suprema, a qual não é de todo a hora derradeira. *Mors janua vitoe*, a morte é a porta da vida.”

Eis aí a verdadeira conclusão a que chega o Espiritismo; apoiando-se nos fatos, nos testemunhos e nas experiências. Não é tomando um fato isolado, mas se apoiando em um grande número de fatos e em um grande número de provas concordantes, é que o Espiritismo se mantém em uma via verdadeiramente científica, pois, coisa ordinariamente ignorada do vulgo, nenhum fato espírita está em contradição com a ciência.

Não há nenhuma razão para negar um fato que não esteja ainda explicado, e não é mais necessário explicá-lo antes de se ter as consequências lógicas. Constata-se a telepatia e não se a

explica; mas a consequência desse fato é que a velha fisiologia clássica vai se achar nas maiores dificuldades. No século XIX se dizia: “A telepatia não existe, porque é impossível”; no século XX se respondeu: “Eu a vi, eu não explico ainda.” Não ficamos parados nas pesquisas pelo esnobismo científico que, quando não querem se convencer, mostram exigências às quais não é sempre possível satisfazer. Quando se pode dizer: “Eu a vi”, é frequentemente a melhor das provas. É por que a constatação empírica tem o direito de se apresentar antes da interpretação científica que nos será recusada tanto que a ciência dirá: “É impossível.”

Não nos acreditamos com direito de negar o que as testemunhas de valor afirmam ter visto, quando se trata de um fato simples e fácil de contestar; não nos cremos com o direito de contestar o valor das enquetes que são confirmadas pelos testemunhos múltiplos e em condições suficientes para estabelecer uma certeza moral. Pois há certezas morais que valem as certezas científicas, sobretudo quando essas certezas científicas se apoiam em uma negação tal como “isso é impossível”. O ilogismo está aqui flagrante. Não tentaremos por isso fazer provas da presença real de tal ou tal espírito, começaremos por provas que a realidade de um fantasma não é coisa impossível; é por isso que os espíritas organizam sessões experimentais em que, seja pela hipnose, seja pela materialização, eles têm demonstrado até à evidência que o homem vivo possui um corpo fluídico exteriorizável, o que é uma resposta à objeção de impossibilidade.

A exteriorização mais rudimentar, a menor manifestação ectoplásmica, torna-se então uma certeza empiricamente obtida. Mas não há certeza científica, pois o cético pretende limitar sua observação a um fato tomado isoladamente. Ele dirá, por exemplo: “E já vi um ectoplasma mas não havia espírito dentro.” O que ficou

vazio nas conclusões.

Não é preciso mais se esconder atrás das objeções sentimentais como o fazia ultimamente um bom eclesiástico escrevendo: “Nada me fará crer que minha alma imortal seja associada a essa coisa viscosa que é o ectoplasma!” A que um espírita belga, o Sr. Clement de Saint-Marco, dava esta resposta: “O pobre Monsenhor! Ele evidentemente jamais pensou a que se vinculou sua alma imortal no momento em que seus pais lhe deram o nascimento.”

Enfim, nenhum argumento pode se opor ao fato empiricamente constatado; se a ciência quer se ocupar, ela não tem senão um direito, é o de pesquisar para explicar se ela pode, mas ela não é melhor qualificada do que quem quer que seja para dizer: “Isso não é.”

O melhor meio de saber se há sobrevivência, é quando um sobrevivente vem ele mesmo nos relatar a prova. Se for impossível isso jamais acontecerá. Ora, aconteceu, não muito frequente, bastante, entretanto, para que seja afirmado em todos os tempos e em todos os lugares, de sorte que podemos dizer que o fato foi constatação histórica, empírica e experimentalmente.

Em todos os tempos os fenômenos espíritas, as aparições espontâneas ou provocadas, têm tido testemunhas dignas de fé e neles é que se apoiaram as religiões. Samuel aparecia ao rei Saul, Moisés e Elias são evocados diante dos apóstolos.

No advento da ressurreição de Jesus, as aparições se multiplicaram; era um fenômeno conhecido dos apóstolos que não tinham visto, nas primeiras manifestações do Cristo, um fenômeno transcendente, já que se diziam entre eles: “É somente um espírito.” E São Paulo, tomando as aparições como uma

simples prova da sobrevivência não fazia distinção entre o que ele chama de ressurreição de Jesus e a ressurreição dos mortos. “Se os mortos não ressuscitam, Jesus não ressuscitou; e se o Cristo não ressuscitou, nossa pregação é vã e vossa fé também é vã.” (1 *Cor. XV 13*) A fé não tem então como base mais certa senão a aparição de uma pessoa falecida.

É preciso lembrar que fatos de certa natureza são abundantes na história antiga, temos sobre esse assunto narrações de Platão, Valério-Máximo, Aristóteles, Tito Lívio, Suetônio, Plínio, Plutarco, Tácito, etc. A sombra de Teseu aparecia na Maratona e Pausânias nos diz que, quatrocentos anos mais tarde, o campo de batalha estava ainda assombrado. Os fantasmas de Brutus, de César, de Cassius são clássicos. O palácio de Calígula era assombrado, o espectro de Agripina perseguia Nero, Caracala era atormentado pelos de seu pai e de seu irmão.

Um templo tinha sido erguido em Roma pela memória de Castor e Pólux, em lembrança das aparições desses dois heróis, vistos por todo o povo romano, em várias circunstâncias, entre outras, na batalha do lago Régille; as inscrições gravadas nessa fazem fé e, o que é mais notável, é que na ocasião das festas comemorativas desse evento, cada um evocava seus penates e muitas famílias tinham comunicações com seus mortos.

Mas é sobretudo entre os primeiros cristãos que, se acreditarmos nos Pais da Igreja, as aparições eram frequentes. São João-Crisóstomo, Santo Agostinho, Clemente de Alexandria, Gregório de Nice, São Jerônimo creem nas aparições e Orígenes nos diz que viu em grande número, que acha melhor omiti-las do que as expor à chacota dos incrédulos. São Martinho evoca frequentemente aos mortos e ele mesmo aparece, após seu falecimento a São Severino, a Santo Ambrósio e todos seus irmãos.

No tempo das perseguições, a história dos mártires nos ensina que muitas conversões eram devidas às aparições. Dirão certamente que não se pode apoiar em fatos que são quase lendas; isso é verdade para cada fato em particular, mas todos os fatos não são lendários, e é devido a fatos observados que as aparições estão na história. Aliás, eles continuam e à medida que se aproximam de nós tornam-se cada vez menos duvidosos.

A história dos santos contém tantas narrativas concernentes às aparições que não é possível recusá-las inteiramente; e, hoje ainda, os conventos são assaz frequentemente o teatro de manifestações que as semanas religiosas atribuem às almas do purgatório. Outras se produzem nas famílias e que jamais são levadas a público. Os historiadores só conservaram as que se produziam nos cursos da Europa e em torno de grandes personagens.

As famílias reais tinham seus fantasmas anunciadores de mortes, suas damas brancas ou verdes. O filho de Filipe IV, na Espanha, retornava do purgatório; Catarina de Médicis e Carlos IX eram atormentados por aparições, um fantasma anunciava sua morte a Henri II de Montmorency, outros foram vistos sob Luiz XIII, sob Luiz XIV, sob Luiz XV e sob a Revolução.

Mas temos muito melhores hoje como se pode perceber das enquetes nas famílias e conhecer os fatos excepcionais que se produzem na intimidade e em torno dos leitos de morte; são fatos espontâneos que eram escondidos com cuidado, porque não era bom entregá-los aos inquisidores. A grande guerra (primeira guerra mundial) nos fornece a um certo número e sobre esse assunto a literatura piedosa não estava atrasada, pois foram publicados seis volumes de manifestações da irmã Teresa do Menino-Jesus em que as aparições desempenham grande papel. Se

for preciso crer nos testemunhos, elas eram perfeitamente objetivas, isto é, materiais. A pequena santa tocava os doentes, tirava suas bandagens, recolocava seus cobertores sobre os ombros. Ela fazia aportes, dava dinheiro, enchia o porta-moeda de um pobre cego sem recursos. Dirão evidentemente que falta aqui, totalmente, a confirmação científica, mas um ponto é adquirido, ele tem uma grande importância; após a publicação desses volumes, o Espiritismo livrou-se de uma objeção que se lhe fazia frequentemente nos meios pensantes. Não se dirá mais que, quando se está no céu, é impossível deixar suas ocupações celestes para agir materialmente sobre nossa miserável terra.

Aliás, essa afirmação é contrária ao ensinamento dos Pais da Igreja que, todos, nos dizem que o espírito separado do corpo pode aparecer aos vivos.

À objeção da falta de provas científicas eu respondo que certa ordem de fatos que aparecem constantemente na história tem valor tanto quanto uma constatação empírica!

Vocês não creem, e compreendemos sua incredulidade; vocês somente nos dizem: “Isso não é porque eu sei que isso é impossível.” Bem! É aqui que vamos responder. “O Espiritismo vai se tornar experimental, e vai provar que não é impossível.”

Com efeito, se nós chegarmos a desprender do homem vivo, o corpo etéreo do qual cada um de nós é provido; e se nós pudermos, com ele, produzir o fantasma visível, que está em questão na história, teremos demonstrado, pela experiência, que não há impossibilidade do corpo etéreo gozar de uma vida independente.

Não podemos evocar os espíritos experimentalmente; porque eles só escutam outros apelos de mútua simpatia, uma afinidade

psíquica ou uma emoção intensa. É no homem vivo que o Espiritismo preciso ser estudado, é nele que precisamos descobrir o mecanismo que explicará a relação entre os seres sem a intermediação dos sentidos, isto é, um mundo de transmissão direta entre as almas, pois não temos que fazer diferença entre a propriedade psíquica do ser vivo ou do homem desencarnado, o mecanismo anímico não é de natureza psíquica, é preciso procurar fora da fisiologia normal e para isso o magnetismo e a hipnose são preciosos meios de observação. O Sr. Coronel De Rochas estudou os profundos estados da hipnose e a exteriorização da sensibilidade; demonstrou perfeitamente que no estado sonambúlico, o corpo etéreo exteriorizado conservava sua sensibilidade, o que prova que o princípio essencial da vida pode se soltar do corpo e que é independente de nossos órgãos.

Entretanto, não é a alma que o Sr. De Rochas exteriorizou, a alma pertence e depende de um meio etéreo que não podemos localizar. O que o Sr. De Rochas exteriorizou, é o agente condutor que liga o espírito à matéria, que estabelece a ligação entre a alma e os cinco sentidos dos quais esta pode perfeitamente se privar.

Não é o cérebro que pensa, é o dinamismo psíquico que determina as vibrações do cérebro porque o espírito tem necessidade dele para corresponder-se com os cinco sentidos e para efetuar a contração muscular, mas a alma pode passar sem tudo isso, ela pode viver do pensamento puro e a transmissão de pensamento não toma emprestado nenhuma via sensorial para se comunicar. A telepatia age diretamente seja sobre o cérebro, seja sobre os organismos inferiores de uma pessoa estranha; trata-se, aí, de experiências que fizeram no homem vivo, o que não nos permite mais duvidar. Para fazer compreender os efeitos da telepatia e seu mecanismo, digamos que, no sensitivo consciente, a

imagem se transmite por uma vontade estranha, desde o momento em que ela é percebida, dá a ilusão da realidade; ao passo que nos órgãos inferiores, a ideia se iguala à ação (mecanismo inconsciente, automatismo).

Aqui é necessária uma importante observação. Há dois tipos de aparições, a que é provocada pelo pensamento é perfeitamente irreal, ela não ocupa nenhum lugar no espaço, é o sentido interno do sensitivo que transforma em visão objetiva uma ideia transmitida. A outra, que é material, é devido à exteriorização do corpo etéreo ordinariamente invisível, reforçado pela circunstância de um elemento mais ou menos denso que lhe confere a visibilidade.

As duas formas de aparição têm sido constatadas no homem vivo, mas elas estariam igualmente ao alcance de um espírito que tivesse deixado seu corpo, já que se trata de um fenômeno extrafisiológico. Uma outra prova da realidade do fantasma nos é dada por observação direta, nos casos assaz raros onde uma pessoa se desdobra acidentalmente, à vista de toda pessoa presente.

Como se vê, não há nenhuma hipótese, trata-se de fatos constatados empiricamente; eis aqui, então descartada a objeção de impossibilidade. É possível que pessoas tendo vivido na terra usam poderes que tão bem constatamos no homem vivo e, por esse meio, nos provam a continuidade de sua vida consciente. Mas para alcançar esse objetivo, as aparições não nos são de grande socorro, elas não falam, são frequentemente inconscientes e parecem não intervir senão em um fim limitado. Não é o mesmo para a possibilidade que têm os seres vivos de provocar o automatismo. Depositando nas profundezas desconhecidas do subconsciente a ordem de escrever ao despertar, um

magnetizador imporá a seu sensitivo a reprodução automática da frase que terá ditado. Mas um médium oferece a mesma possibilidade a uma entidade do além-túmulo; e essa sugestão imposta a um órgão secundário, sem participação da vontade, tem a vantagem de não permitir ao médium uma interpretação fantasiosa; a escrita mecânica reproduz textualmente a expressão verbal imposta pelo comunicante.

Obtêm-se de sorte coisas bem diferentes; são, algumas vezes, incoerências e absurdos, isso depende da fonte dos automatismos e da qualidade das mediunidades; mas obtêm-se também resultados admiráveis, tal como a produção de uma obra-prima literária pela mão de um iletrado ou ainda, do grego e do chinês por um médium que jamais tenha conhecido senão o francês. Enfim, obtêm-se provas de identidade com uma clareza perfeitamente surpreendente.

Encontramos ainda uma prova de independência relativa da alma no fato em que ela pode agir sobre o aparelho de sua voz. Se ela não encontra, na mediunidade automática, a possibilidade de escrever, ela pode, após vãs tentativas, se dirigir ao sentido visual, o sensitivo verá então objetivar-se diante de seus olhos os caracteres gregos ou chineses, e nesse caso ele não escreve mais automaticamente; ele copia, mais ou menos corretamente, os sinais gráficos que lhe são apresentados. A comunicação pode também se fazer por sons, estão aí alucinações visuais e auditivas que o sensitivo percebe conscientemente. Mas o agente pode ainda recorrer à expressão verbal dirigindo-se aos órgãos vocais; naquele caso, é ainda o automatismo, e todos os centros motores podem ser assim influenciados por uma vontade estranha, que utiliza um aparelho que não lhe pertence, para fazer escrever, falar, cantar, tocar piano, desenhar ou mover a prancha, quando

ela prefere esse modo de comunicação. Em uma palavra, a mediunidade se dirige a todos os sentidos, indiferentemente, e isso se observa no homem vivo; isto é, quando o agente que sugestiona, e o executor que repete, são, ambos, pessoas em carne e osso. O que torna completamente verossímil o fenômeno espírita, que não é senão a repetição desse gênero de sugestão que provoca o movimento dos órgãos.

Eis o quadro no qual podem se incluir as manifestações de toda natureza; da subconsciência, do sonambulismo, da sugestão hipnótica, do animismo e do Espiritismo. Sozinhas, as manifestações intelectuais de ordem mais elevada poderão ser atribuídas ao Espiritismo, quando não houver meio de se achar uma outra explicação.

Ora, é manifesto, para quem quer que seja que vale a pena estudar a fenomenologia na sua totalidade, que as altas manifestações encontram, no Espiritismo, sua explicação mais razoável; e que os esforços feitos em um outro sentido, pelos céticos, os conduziram a hipóteses extravagantes e visivelmente inspiradas pelo desejo de não crer.

Capítulo IV

FILOSOFIA DOS SIMPLES

A ciência natural não pode jamais substituir a filosofia, já que ela só estuda o que está sob os sentidos.

CARL DU PREL

Sendo que a ciência nada sabe sobre as origens da vida, sabendo também que todas as forças conhecidas são forças cósmicas, isto é, universais, é inconcebível que certos biólogos tenham acreditado poder achar o germe da vida na substância físico-químico de um protozoário. Eu creio que o que falseia o julgamento, nessa matéria, é o espetáculo da natureza que não nos mostra senão as coisas ao contrário. O homem tem tendência a tomar os efeitos pelas causas; observa-se a germinação das plantas e, ingenuamente, atribui-se a um germe propriedades germinativas.

Dever-se-ia, entretanto, compreender que a vida é uma força e que é o impulso dessa força específica que faz que a vida se manifeste sob não importa qual forma, não importa qual meio, por tudo onde ela encontra uma possibilidade de se concretizar na matéria. A criação é uma obra eternamente atuante.

A vida sempre existiu; os seres, têm um começo. Nosso sistema planetário tem um começo; mas o que é nosso sistema planetário na Via Láctea? O que é o nosso sistema no infinito?

Flammarion no-lo disse: “Comparar nosso globo a um grão de areia na orla do mar, é lhe dar uma importância que ele jamais teve.”

A pesquisa espírita, que se atém à filosofia dos simples, não visa nenhum fim limitado. Ela não se demora nas contemplações místicas, nem na inútil repetição de experiências adquiridas. Cada fato tem sua significação e o método mais prático exige que não se prenda aos fatos senão para tirar deles consequências.

Não perguntamos: “O que é Deus?” Perguntamos primeiro: “O que é o homem? Como é ele feito? Quais são seus poderes?”

Estamos em condições de responder: “O homem é um espírito encarnado na matéria.” É um habitante da matéria visível, que tem dificuldade em se conhecer na sua natureza essencialmente psíquica. Sua dupla natureza lhe permite agir ao mesmo tempo nos dois planos, visível e invisível. A observação nos mostra que todo ser vivo está animado de um movimento evolutivo do qual não conhecemos nem o começo nem o fim. Esse movimento não é o de uma máquina já que o homem se aciona a si mesmo, toma consciência de si mesmo. A vida é um movimento perpétuo que progride no curso das vidas sucessivas.

Todos os filósofos se acham desviados ao nos propor hipóteses contraditórias, onde os prós e os contras podem se sustentar com probabilidades iguais, não é o mesmo a filosofia espírita que conhece que os fatos e quem, após ter se correspondido com um amigo, sobrevivente no além-túmulo, está em condições de nos afirmar: “A morte do corpo não interrompe a vida.”

Temos podido fazer essa constatação independentemente de todo dogma científico ou religioso; em nossa ignorância das

causas primeiras, nós nos contentamos com o que nos revela um sistema abarcando todos os fatos.

O porvir se admirará do apriorismo científico e do pouco de sentido crítico dos homens que condenaram a pesquisa dos primeiros espíritas. Há cerca de trinta anos que, pela primeira vez, um instituto foi inaugurado, rua Condé, para o estudo dos fenômenos psíquicos. Altas personalidades universitárias fizeram, nessa ocasião, conferências que tinham por objetivo ensinar aos espíritas e lhe proporcionar um bom método, indicando-lhes as regras de uma verdadeira observação científica. A primeira dessas regras era que, sozinhos, fatos renováveis à vontade poderiam ser levados em consideração pela ciência.

Essa afirmação era tão contrária à evidência que ela teve que ceder diante da crítica assim como várias outras do mesmo valor. Nossos professores não pretendiam que as ciências psíquicas, onde antes os problemas, pudessem ser estudos exatamente como os fenômenos psíquicos, isto é, como um coelho que se desseca, e se exigisse então que o método empregado nos laboratórios fosse o único admitido para o exame dos fenômenos que poderíamos lhes apresentar. Chega assim, por um raciocínio apriorístico a proclamar o dogma de um determinismo psicológico que suprimiria a moral, o senso do dever e a liberdade.

Isso voltaria a argumentar, no espírito de nossos sábios, que se há o ser na natureza, se a alma é outra coisa senão uma manifestação físico-química, eles não estudarão e abandonarão os pobres espíritas à sua triste superstição.

Mas se existe uma superstição própria a falsear o julgamento dos homens é bem a que supõe que a matéria, que nada faz senão obedecer, fosse capaz de gerar o espírito que comanda.

A filosofia espírita não aceitou essas premissas, ela entende que a observação psíquica não pode ser tratada quimicamente e eis aqui obrigada a se separar da ciência que lhe impõe um método semelhante. Aliás, sendo tudo um mesmo assunto de estudo não podemos perseguir o mesmo objetivo, uns pesquisando a modalidade, outros, a significação dos fenômenos. Estes dão alguns passos no conhecimento, aqueles não avançam do lugar, pretendendo não avançar senão quando tiverem descoberto o determinismo dos fatos.

Diante de nós se abre o livro da natureza, pretendemos que, para decifrar esses textos obscuros, não é indispensável compreender a técnica de sua composição tipográfica. Do fato de um médium não falar uma língua que ele jamais tenha aprendido, eu tiro a conclusão de que está em relação psíquica com uma inteligência que conhece essa língua; do fato de que um lápis se anima sem contato aparente, para produzir a escrita, eu concluo daí que existe um contato não aparente com o órgão invisível que o põe em movimento. Eu não tenho necessidade de conhecer que relação pode existir entre o espírito e a matéria para constatar que o simples efeito do pensamento pode produzir o automatismo e não espero o veredicto dos que pretendem descobrir o determinismo desse fato antes de acreditar no mesmo. Constatemos primeiro, explicaremos mais tarde.

Após a constatação de um fato, começa o papel do raciocínio que toma o fato por base. A afirmação de que o exame dos fatos psíquicos deve recorrer aos mesmos métodos que os que são empregados para a observação de fenômenos físicos são uma afirmação apriorística, imprudente e que supõe resolver uma questão sobre a qual a dúvida subsiste.

Não se trata mais, aqui, de método, trata-se de bom senso, a

filosofia não se presta às análises químicas.

A convicção espírita pôde parecer ingênua a certos sábios, ela pôde, mesmo parecer audaciosa; é assim como Lavoisier devia julgar a atitude do camponês que tivesse visto cair pedras em seu campo; como um simples camponês teria a audácia de ter a cabeça de um Lavoisier? É dessa inconveniência que o Espiritismo se tornou culpado com respeito à ciência, mas é bem errado quando se conheceu um fato.

Sabemos para onde vamos, sabemos para onde conduzimos a ciência quando ela for forçada a confessar todos os fatos. Os sábios têm, como os outros, ideias místicas e supersticiosas. O século XX tinha criado a superstição da matéria; Büchner, para quem o átomo era um dogma, via aí o começo de tudo; Büchner está morto, o átomo também; Curie matou a verdade fundamental sobre a qual ele se apoiava, para declarar que um movimento de mesa tivesse sido miraculoso. Aqui ainda, o argumento científico se mostrou falível como o do ignorante se apoiando em um fato simples.

A filosofia espírita pretende se apoiar em noções adquiridas que, se elas não são verdades científicas, é pelo menos a expressão do que se impõe como a mais provável à nossa razão; esse método é seguramente também tão correto quanto fecundo, e a ciência que pretende não admitir senão certezas se iludem.

É certa a razão que se pode fundamentar para declarar que o espírito não está condicionado como a matéria, e não está submetido às mesmas leis.

Desde que entramos no domínio da consciência e da vontade, saímos do quadro já explorado; querer submeter a essas leis conhecidas as operações da inteligência, é querer que se aplique

as leis da hidráulica à eletricidade. O Doutor Geley demonstrou admiravelmente que o universo é um dinamismo inteligente; se é assim, nós entramos em um mundo onde o determinismo não é aplicável; porque, se a causa geratriz de tudo o que existe é um dinamismo inteligente, eu sou eu mesmo uma força da mesma essência que aquela da qual eu sou procedente; isto é, uma força diferente de todas as outras forças conhecidas, e das quais o atributo novo é de possuir uma certa espontaneidade. Que não se faça objeção a nosso pouco de liberdade, para uma gota d'água que se lança ao mar, este se desloca; e negar que o esforço individual seja uma causa eficiente, seria negar o princípio representado pelo paralelogramo de forças.

Não está aí uma especulação tirada da imaginação, é uma dedução tão certa como a que se tira do raciocínio geométrico sobre a medida dos ângulos; é suficiente somente se admitir esse ponto de partida necessário, que o universo é um dinamismo inteligente.

Quando Descartes escrevia: "Eu penso, logo existo!" Ele podia se enganar. Talvez que a *animala mundi* pense em nós. Tocamos aqui no problema tão delicado de nossa liberdade.

Os partidários do determinismo estão errados em recorrer ao Absoluto; eles raciocinam sempre como se uma premonição fosse uma coisa inelutável, o que não é; mas, porque não temos o poder de modificar os eventos, eles confundem a potência, que não temos, com a liberdade, da qual nós temos tão pouco.

A única liberdade que nos pertence é de fazer esforço sobre nós mesmos.

Dizem-me que todo ato é o efeito de causas anteriores, que se eu me determino ao ato, é que eu tenho um motivo determinante.

Está combinado, mas a espontaneidade que está em nós e que se impõe à nossa percepção interna não é uma ilusão. É um fator individual que não pertence senão ao ser vivo; não fazer essa distinção, entre o vivo e o inerte, é impossível à razão humana; é impossível adaptar a condução de sua vida à hipótese determinista. No fundo, ninguém crê nisso, nem pode crer. Se alguém tivesse essa pretensão, dai-lhe um sopro... se ele nisso se revolta, ele não é determinista, já que crê na vossa responsabilidade. Se alguém, seguindo o conselho do Evangelho, apresentasse a outra face, seria um santo capaz de fazer esforço sobre si mesmo. Ora, quem diz “esforço” diz liberdade.

Nossa vontade é uma força que une as outras forças ou que as contraria. Se não houvesse uma espontaneidade capaz de fazer esforço em um sentido ou em outro, não haveria determinações penosas. A resolução tomada, sem luta contra si mesmo, não teria nada de doloroso, a ato acionado, como o movimento de uma máquina, nos deixaria indiferentes. Importa afirmar que a alma e suas manifestações não podem ser tratadas como fenômenos físicos. Todo ato que provém de um fator inteligente deve ser consentido; uma mão que se materializa e produz escrita, um lápis que escreve, sem suporte visível, não se prestam a experiências de laboratório. Tais como as que se pratica com o coelho. O coelho em si mesmo não se presta se se tem necessidade de seu consentimento.

É esse consentimento que é preciso esperar, mesmo para a obtenção de fenômenos inferiores do animismo, e à mais forte razão para as manifestações espíritas, que se observam quando elas querem se produzir. É extremamente difícil organizar receptores que recebam o assentimento do invisível; os sábios não chegam aí, porque eles operam de tal modo que a colimação

penetra seus ossos. Eles querem controlar um fenômeno antes de ter feito o que é preciso para obtê-lo. Os espíritas o têm obtido e não têm necessidade de esperar que a ciência descubra o *modus operandi*, para levar em conta fatos cujo alcance filosófico é de alta importância. Dizer-me que, sem o controle sábio, não há certeza possível, é absolutamente falso. Quando após um controle sério temos certeza de que um sensitivo possui uma faculdade mediúnica, é possível deixar se desenvolver o fenômeno até ao ponto onde se torna evidente por si mesmo. Então a observação é suficiente, o controle não teria nada a acrescentar à evidência de várias mãos formadas sob meus olhos, e se movimentando a sessenta centímetros de meu olhar, entre as duas mãos, bem à vista, de um médium.

Se os fatos de que nos ocupamos pudessem ser inseridos no quadro da fisiologia, não seriam metapsíquicos. Cabe à fisiologia reformar sua doutrina para se adaptar aos fatos. Ela não poderá fazê-lo senão sob a condição de aceitar, como hipótese de trabalho, a existência de faculdades novas. Desde que se trata de faculdades da alma, entramos em um domínio onde o determinismo não é mais senão uma hipótese impotente.

A sucessão de eventos depende de uma série de causas ligadas entre si, isso é evidente no mundo exterior, mas desde que se trata de mim, ser pensante e atuante, essa evidência se esvanece; eu sou eu mesmo uma causa na série das causas.

O sentimento que temos de nossa espontaneidade não é uma ilusão. O inseto em si mesmo se torna uma causa eficiente; ele é, como o homem, uma força entre as forças, como uma gota d'água no mar, ele desempenha seu papel na vida.

O homem dono de sua razão deliberada; e o ato que se segue, tendo recebido a impulsão de sua vontade, torna-se um fator

individual que modifica o que teria podido ser. Isso cai sob o sentido da observação interna; desde que os fenômenos metapsíquicos escapam à empresa de métodos rigorosos. Não se experimenta os costumes de um inseto, contenta-se de os observar. Essa observação exige uma paciência e uma engenhosidade que poucos pesquisadores têm sabido pôr em prática. É com uma paciência semelhante e mesmo uma engenhosidade que é preciso observar os fenômenos anímicos, espíritas ou metapsíquicos.

Objetam que as leis são imutáveis. Mas a liberdade é uma das leis da vida; eis aí o que é preciso compreender.

O que tem de divino no universo é que há uma lei moral no fundo de todas as consciências. Quando os sofismas da razão chegam a abafar essa voz da consciência, não há mais harmonia na vida social. Ao passo que o universo físico é governado por leis imutáveis que levam ao determinismo, a lei que nos condena à liberdade é imutável nos seus efeitos; o homem sozinho tem o poder de perturbar a harmonia do mundo, de violar a lei, e sofrer as consequências.

Não há um homem inteligente que não compreenda que se não houvesse nenhuma injustiça entre os homens, nenhum egoísmo entre os indivíduos, se se respeitasse sempre a verdade, sem jamais infringir a lei de solidariedade que rege os seres, teríamos a felicidade perfeita; é a evidência mesma.

Por consequência, não há problema do mal, o mal não existe senão porque nós o geramos, porque o queremos ou o toleramos. Nós agimos ao encontro de uma lei imutável que é evidente para todos. A chave do enigma que procuramos se acha na liberdade de nossas almas, procuremos o que é justo, o que é verdadeiro, o que é bem, é um ideal que não se pode enganar, eis aí a estrela que nos

indica o caminho da redenção. Infelizmente, todo o mundo não vê a estrela, os magos são em pequenos números.

O Espiritismo atrai hoje a atenção dos sábios que não se deixaram deter pelo receio do ridículo e que entraram com prudência na via experimental. Eis aí os magos e os pastores que conduzirão o rebanho. A marcha será lenta; os espíritas conduziram com grande dificuldade, diante do fenômeno os que tiveram bastante humildade para aceitar a técnica que se impõe. O primeiro passo a se dar é chegar ao conhecimento do corpo psíquico exteriorizável, base de toda ciência metapsíquica. Há aí os que são incapazes de dar o primeiro passo; eles creem ainda que o fenômeno deveria poder se obter à vontade e obedecer a seu aviso, então que a experiência nos mostrou que é preciso obter o consentimento da coisa invisível, que se comporta como um animal receoso não ousando sair de sua toca.

É preciso chamar os espíritos para que eles manifestem sua ação sobre a matéria e não crer que, na primeira tentativa, iram ver anjos. Vós não vereis tudo primeiro, senão o feto de uma materialização; mas não é preciso dar, aos que trabalham do outro lado, o sentimento de que eles agirão inutilmente; os que assim agem conforme motivos e o ceticismo irônico não é uma boa maneira de os atraírem.

Se um médium for posto ao exame dos que, sem levar em conta trabalhos de seus mais velhos, se creem capazes de julgar sem nada ter visto, nem nada lido, há grandes chances para que eles não obtenham nada, eles se lançam sobre um começo de ectoplasma; os jornais dirão então que houve fraude e envenenarão a opinião pública com relatórios adulterados sobre essas sessões falsas, então que se faz o silêncio absoluto sobre os resultados positivos de que dão testemunhos outros sábios muito

mais qualificados.

Se o Espiritismo, por seu lado, realizou uma magnífica síntese, é que junta à sua coleção experimental um dossiê impressionante de fatos espontâneos. Não cessam de querer invalidar essas provas, não têm levado em conta o valor das testemunhas, nem seu número, nem a qualidade das enquetes confirmadas por documentos oficiais. A ciência, dizem deve recusar, em bloco, tudo o que não tem um caráter narrativo. Era preciso então excluir de nossos conhecimentos tudo o que tem sido tratado na história, na geologia, nas descobertas paleontológicas, nos acidentes meteorológicos e nos costumes dos animais. São testemunhos os quais é insensato de não se levar em conta; há hipóteses que não se receia de se levantar e que são absurdas.

Quando homens tais como Crookes, Richet, Morselli, afirmaram fatos que são vinte vezes seguros, após os ter experimentado durante trinta anos, por que negar suas provas com argumentos miseráveis. As provas da existência do corpo psíquico foram bastante numerosas; é para se atrair um sucesso fácil, junto ao vulgo, que se engana um público que não lerá jamais os relatórios das experiências, faz-se do espírito e isso o diverte, mas é científico e sobretudo é honesto?

Algumas mediocridades, tendo sede de promoção pessoal não receiam de se opor, a esses longos anos de investigações, algumas fraudes bem conhecidas, mas que não exerceram nenhuma influência sobre a opinião definitiva desses homens de ciência. Alguns desses infelizes críticos não tiveram olhos senão para as façanhas de médiuns trapaceiros que não enganaram jamais ninguém tanto o truque era fácil de descobrir, e eles os comparavam com médiuns sérios que contam trinta anos de

carreira honorável e que sempre foram cientificamente controlados.

O interesse da questão não está, entretanto, aí, as fraudes não ensinam nada, nós as conhecemos; mas é de um interesse capital saber que os fenômenos existem e, para isso, é suficiente estudar. O bom senso e a voz da razão são ainda os melhores juízes, quando se quer chegar à verdade.

É infelizmente evidente que certas verdades são temidas pelos que tomaram posição em sentido contrário; o desejo de não se render os incita então a negar os fatos ou exigir uma solução absoluta que não existe em nenhuma parte nesse baixo mundo, o que lhe permite esperar. Observam assaz que se o Espiritismo faz seu caminho, é precisamente porque ele não pesquisa o absoluto e que não visa senão um fim limitado. Esse objetivo ainda limitado é suscetível de provas: em certas condições, que nós não conhecemos ainda, os mortos deram sinais de vida.

Todas as religiões se apoiaram no fato de que vozes de além-túmulo se faziam escutar. Elas viram aí uma revelação. Seja! Mas essa revelação não era divina. Para os que a fé é suficiente nos dizem que a revelação é um fato. Eu concordo, mas não se pode apoiar num fato que pôde ser embelezado pela tradição oral, deformado pelo tempo, submetido à exegese de tradutores que não compreenderam o gênio das línguas. Moisés se escondia sob um véu... isso quer dizer que seu povo não podia ver sua revelação em sua verdadeira face. Eu estou muito mais convicto da realidade de um ectoplasma, que se formou sob meus olhos, do que de clarões do Sinai.

As experiências, a fotografia, a moldagem são a fonte única da fé espírita, e, como ela faz tábua rasa de todos os dogmatismos, seu método é irreprochável do ponto de vista científico. Abstração

feita dos erros individuais, o Espiritismo torna-se um ramo da ciência positiva experimental.

Ele não nega os milagres dos Santos, ele os explica. A afirmação de que tudo é governado por leis imutáveis pode ser verdadeiro, tanto que ela se aplica à observação de forças exteriores, mas ela é absolutamente gratuita se se aplica às forças que estão dentro de mim. A liberdade existe do fato de que a sentimos em nós; do fato de que condenamos a mentira, o egoísmo e a preguiça; está aí um fato que não tem nenhuma relação com a fisiologia. Se houvesse um determinismo de ações psíquicas, nossa consciência ficaria surda, não haveria nem bem nem mal, seríamos todos criminosos e o mundo se tornaria um inferno.

Não é isso; porque a vida é um fenômeno único, emanada de uma força específica, um dinamismo inteligente, como o Doutor Geley o demonstrou.

Ele nos fez ver, também, o quanto a ciência oficial era impotente para explicar os fenômenos vitais.

Não se explica que essa ciência, obrigado a recuar diante da força dos fatos, contentou-se em criar palavras. Diante da realidade de uma substância que se exterioriza para formar, fora do corpo, membro materializado, abusa-se da credulidade dos simples dizendo-lhes que isso se explica pela ideoplastia.

O que é preciso dizer, é que a ideoplastia, um fato tão constatado, é suficiente para provar a existência de um dinamismo específico sob a influência do qual se desenvolvem os órgãos.

Negar isso, seria dogmatizar para sustentar um ensinamento ultrapassado. Não é mais, aí, prudência científica. Quando um homem tem a grande honra de ocupar uma alta situação no

ensino, quando está em condições de influenciar a opinião, há verdades que ele deve dizer, o silêncio seria uma mentira.

Os metapsiquistas que foram capazes de constatar essa força misteriosa que se chama vida, sabem também como é capaz a alavanca misteriosa que se manifesta em nossos órgãos. Há aqui uma dupla revelação, que somos obrigados a levar em conta; um dinamismo específico e um organismo invisível; são dois fatos elementares ou, se quisermos, duas hipóteses sem as quais é inútil abordar a metapsíquica.

Tanto que os partidários do determinismo e do método continuarão a trabalhar sobre hipóteses que são desmentidas pelos fatos, eles não darão um passo à frente, seus estudos ficarão estéreis. Se eles não chegaram ainda ao conhecimento do corpo psíquico exteriorizável, é que eles não sabem ainda o que nós espíritas sabemos; é que seu método pretendo científico é uma bola que eles arrastam no pé, é que sua ciência não lhes ensinou nada ainda.

Capítulo V

TEMOS UMA ALMA?

O Universo é um dinamismo Inteligente irreconhecível.

C. FLAMMARION. (URANIE)

Bem, não! Nós não temos uma alma. Não é preciso dizer: Eu tenho uma alma..., é preciso dizer: Eu sou uma alma.

A maioria dos crentes vivem nessa ilusão que há, ao seu lado, alguma coisa que seria sua alma. Eles não se apercebem de que aqui o sujeito e o objeto se acham confundidos em si mesmos. É o corpo que fala, mas é a alma que pensa. É a alma que possui um corpo, e a alma sou eu mesmo, é o centro de emissão de tudo o que eu penso e o ponto de recepção de tudo o que eu sinto. É a força que sou eu mesmo, e que identifico comigo mesmo; é a força consciente em si, que não obedece senão a si e que suspende a ação dos reflexos para fazê-los agir em um sentido indeterminado e no instante preciso quando eu disser: eu quero.

Não é senão em nós mesmos que tomamos conhecimento dessa ideia de força, que seríamos incapazes de inventar se ela não estivesse em nós. Eis aí a revelação mais deslumbrante que possa atingir a humanidade, já que, remontando do conhecido ao desconhecido, devemos necessariamente supor que há alma na natureza; isto é, um dinamismo psíquico de que temos a sensação

de ser e o poder de agir.

Essa força, que cria organismos é necessariamente organizada, isto é, hierarquizada. Toda unidade individualizada é ligada a um dinamismo supra pessoal formando uma corrente ininterrupta que abraça tudo em sua magnífica unidade.

Para abordar o estudo dos fatos metapsíquicos, é necessário adaptar uma hipótese de trabalho e, diante da carência de velhas hipóteses físico-químicas que serão sempre incapazes de explicar os problemas da organização, da geração e da evolução, somos forçados a recorrer a esse dinamismo psíquico baseado em deduções lógicas e que é a capaz de resistir à prova dos fatos. Uma força diretriz construindo órgãos, segundo um plano traçado antecipadamente não é, como observa Claude Bernard, nem do domínio da física nem da química.

É preciso então recorrer a esse dinamismo inteligente, tão bem demonstrado pelo Doutor Geley para compreender a vida fisiológica de um ser qualquer, o qual não é um fragmento da vida total do Universo, e a alma que nós somos, a qual não é senão uma parcela do dinamismo da criação.

A alma, assim compreendida, não é tão simples como se crê geralmente. O pequeno mundo que somos não poderia ser constituído de outra forma senão da que ele emana. Tudo o que vive tem uma alma, para nós a célula é um ser vivo, tanto as que compõem o tecido das plantas quanto as de nossos próprios tecidos; de sorte que o homem é uma alma servida por almas e desta vez podemos dizer que nós temos almas, temos multidões de almas, que sentem, já que elas obedecem, que são uma força, já que elas agem.

Quanto a nós, somos o deus dessas consciências ínfimas. “*Dii*

estis...” — disse Jesus. Compreenderemos então a obra magnífica da criação, assim como o laço que torna todos os seres solidários na Unidade hierarquizada que vai do arcanjo ao zoófito.

Nenhuma ciência poderá existir sem as deduções filosóficas que a acompanham necessariamente; mas a dedução é, aqui, tanto mais necessária quanto se trata do estudo da alma que deve se conhecer a si mesma.

Devemos então, antes de tudo, nos compreender a nós mesmos. A hipótese de que uma alma poderia agir sem a ajuda de uma forma material não pode ser considerada. O primeiro problema que se põe diante de nós é então o do fato constante que nossos movimentos obedecem a nosso pensamento; observamos isso sobre nós mesmos, mas nós o observamos também nos outros, nas operações do magnetismo, por exemplo, que são um precioso meio de investigação psíquica.

Nos estados de hipnose constatamos uma espécie de desorganização psíquica, uma dissecação do animismo inferior, momentaneamente privado de sua direção normal, e sugestionável ao ponto de executar mecanicamente a ordem mais absurda. Devemos concluir disso que há um mecanismo psíquico, e que a alma central, momentaneamente distraída de suas associações, perdeu a direção dessas consciências elementares que não são incoerentes senão porque não se lhe dão ordens incoerentes. As consciências ganglionárias, as dos tecidos celulares, não são assaz elevadas na hierarquia anímica para associar ideias, elas não têm senão a inteligência de sua função e a sensibilidade específica que cria a relação telepática, elas executam passivamente os movimentos e contrações que uma longa prática lhes ensinou.

Há então uma fisiologia do invisível, uma organização

psíquica, cujo corpo invisível é o elemento substancial, dócil e maleável; é ele que estabelece o laço procurado entre a ideia e o movimento.

Existe, fora da matéria, e é ele quem organiza a matéria viva de sorte que o corpo do homem, como o do inseto, não é senão o pensamento exteriorizado de um ser que se materializa. Não há unidade senão na consciência de ser, de pensar e de agir; mas para conceber a organização psíquica em seus movimentos complexos será suficiente se reportar à fisiologia de nossos órgãos, já que eles não são senão um forro de nossos agregados psíquicos; uma adaptação da matéria ao corpo etéreo o qual está em correspondência com o dinamismo universal, no qual está embebido tudo o que vive. O que chamamos correntes nervosas são somente os sinais transmitidos, de dispositivos a dispositivos, do centro de emissão à sensibilidade do simples tecido celular. Tal é, ao que me parece, o pensamento do grande psiquiatra Myers, quando ele escrevia:

“De fato, eu afirmo que a antiga hipótese da alma infusa, possuindo e governando o corpo como um todo, mantendo, no entanto, relações reais embora obscuras, entre os diferentes grupos conscientes mais ou menos dispartados em aparência e com grupos ligados ao organismo, ao mesmo tempo que associados a grupos mais ou menos localizados de substância nervosa, é uma hipótese que não é mais embaralhada nem mais difícil de admitir do que nenhuma das propostas até aqui. Eu afirmo mesmo que é possível fazer a prova e, para mim, essa prova já está feita.”³

É certo que se nós obtemos uma só manifestação da consciência sobrevivente após a destruição do corpo, (e um espírita não pode duvidar que a prova tenha sido feita), não há

³ MYERS, W. *Human Personality*. Vol. I, p. 35.

meio de se compreender de outro modo a atividade psíquica.

O mecanismo da memória, por exemplo, não nos mostra a unidade consciente governando nossas lembranças, mantendo nossas relações com imagens disparatadas e com grupamentos de ideias que obedecem a nosso apelo. É preciso que essas ideias tenham alguma coisa de objetiva, que sejam ligadas a uma substância para que, estando ausentes, elas voltem e se tornem presentes. Se quero me reportar à época de minha infância, na classe primária, por exemplo, estou certo de que vou evocar a lembrança de pequenos camaradas cujos nomes não estão mais em minha memória há sessenta anos. Mas eles virão sem que eu os chame.

Vejo aí um processo telepático. A magnífica unidade do organismo universal acharia sua explicação sem a telepatia, mais ou menos entendida segundo o lugar que o ser ocupe em seu grau de evolução. Entidade divina, angélica, etérea, humana, animal ou protoplasmática, tudo é uma alma em seu posto que provoca o movimento, centrífugo ou centrípeto, e que tem seus agentes de ligação em uma esfera mais ou menos extensa. Sua primeira manifestação é concretizar na substância primitiva, sua evolução consiste em se aumentar, isto é, fortificar sua individualidade.

Os corpos são as manifestações das almas, como as palavras são a manifestação do pensamento. O dinamismo inteligente sustenta a vida de todos os seres, e cada um deles se acha limitado pela forma na qual ele se concretiza. Quanto à direção central, ela irradia mais ou menos, segundo os progressos do ser, segundo sua experiência pessoal; a vida deve se conquistar, isto é, que entre o instinto e a inteligência não há diferença de natureza, só há uma diferença de modalidade. Assim as atitudes e as desigualdades observadas em cada espécie poderão sempre se conduzir a uma

fonte única e a uma lei geral, como não se deixava de modo nenhum de repetir nosso mestre Camille Flammarion:

“O Universo é um dinamismo. Uma força invisível e pensante que rege mundos e átomos. A matéria obedece.

A análise das coisas mostra em tudo a ação de um espírito invisível. Esse espírito universal está em tudo, regendo cada átomo, cada molécula, aqueles mesmos impalpáveis, imponderáveis, infinitamente pequenos, invisíveis, constituindo por agregação dinâmica as coisas visíveis e os seres e esse espírito é indestrutível, eterno.

O materialismo é uma doutrina errônea, incompleta e insuficiente, que não explica nada à nossa inteira satisfação.”⁴

É de um dinamismo misterioso que tiramos os elementos de nossa consciência e de uma força específica que está na origem do movimento telepático que se emite e que se percebe, que permite corresponder consciente ou inconscientemente com todos os seres.

Utilizamos telepatia sem o saber, e há instituições e meios de conhecer o que os sentidos não explicam.

Os materialistas de boa-fé se dão conta disso; a intuição de Kant recebeu uma grande confirmação do fato metapsíquico da circulação do pensamento, esse último está vagamente indicado no famoso tratado de Charles Richet, cuja passagem merece ser citada; página 256:

“É provável que o mundo exterior — e por mundo exterior eu entendo também o pensamento de outros homens — pode influenciar nossos atos, nossa vontade, nossos sentimentos, porque ele age constantemente sobre nós, embora não possamos perceber. Por serem fracos e sempre vagos, frequentemente ineficazes, os

⁴ FLAMMARION, Camille. *Avant la Mort*, p. 55. Paris 1920.

pensamentos humanos ambientes e as vibrações desconhecidas de cada um não têm nenhuma ação aparente.

Em todo caso, não é porque eles são profundamente misteriosos que é preciso se recusar a estudá-los.

Essas vibrações desconhecidas existem. Elas são certas. Elas são em raros momentos capazes de tocar os elementos inconscientes de nossa inteligência e, por aí, chegar em seguida até a consciência. Já é muito fazer essa precisa afirmação em presença de negações desdenhosas da ciência oficial e da incredulidade sarcástica e vulgar.”

E é o Sr. Richet que fala assim, é a afirmação precisa de um fato para o qual é preciso encontrar uma significação. Não é uma extensão da telepatia que se constata assim? Evidentemente! A telepatia volta no conceito de uma lei universal permitindo a comunicação e o intercâmbio de pensamentos e de sentimentos entre todos os seres.

A natureza, ao mesmo tempo psíquica e dinâmica, correntes nervosas transmitindo as sensações, pode-se deduzir de dois fatos experimentais bem estabelecidos: a circulação do pensamento e a contratilidade do músculo. De outra maneira, diz-se, há, no invisível, uma organização sistemática da telepatia e da telecinésia ou para falar como o vulgo a famosa dança das mesas, tratada com desprezo pelos ignorantes, é reveladora de alguma coisa formidável. Há um dinamismo invisível perfeitamente independente dos órgãos e, do mesmo modo que o elemento químico rádio modificou nosso conceito da matéria, a telecinésia é chamada a modificar nosso conhecimento do corpo humano. Terminado o dogma do átomo fundamento material de tudo o que existe! Fim da tese da célula nervosa segregando o pensamento! Eis aqui, fundada na experimentação, a certeza de que a alma domina a matéria e que podemos admitir as duas correntes telepática e telecinésica que, sozinhos, os espíritas da primeira

hora constataram e que tiveram a coragem de trazer à luz.

Após eles vieram os metapsiquistas. Sua obra é excelente e socorro nos seria por demais úteis, infelizmente, ainda imbuídos de preconceitos que eles persistem em crer científicos, têm uma tendência a tudo colocar no quadro de teorias já conhecidas e que não são aplicáveis senão à matéria. Daí, as suposições inverossímeis que eles admitem antes de recorrer a interpretações que seriam completamente verossímeis desde que se tivesse em conta o dinamismo inteligente que condiciona todas as formas da vida criada.

É por essa hipótese que o Espiritismo se torna a doutrina mais científica e a mais verossímil de todas as que foram propostas. De uma série de fatos que não são ainda universalmente admitidos, mas cujo reconhecimento é só uma questão de tempo, os espíritas tiraram a dedução legítima de que a alma existe porque ela é independente do corpo e que pode se manifestar ao longe, o que torna sua existência tão certa como uma verdade química, histórica ou astronômica.

O erro materialista não tem então necessidade de ser demonstrado, é a alma que é a realidade essencial, são as faculdades da alma que é preciso trazer à luz. Os filósofos e as religiões experimentaram-na, elas não tiveram êxito, não se pode aí chegar senão pela constatação de faculdades ocultas. É nisso que o Espiritismo se distingue de todas as doutrinas que o precederam. Jamais cessou de se apoiar nos fatos, jamais perdeu de vista os que fizeram obstáculo a teorias ultrapassadas. Ele aceita as hipóteses que nenhum fato contradiga, quando elas são explicativas, ele tira deduções de todos os fatos constantes, mas ele não rejeita o accidental, que ele se nos apresenta sob formas suscetíveis de serem observadas.

Sabemos que as forças, ditas psíquicas, obedecem a leis que conhecemos imperfeitamente; conhecemos melhor as que estão em nós porque há, nelas, possibilidades de ação e de resistência que pertencem somente a elas. Não há teorias mecânicas que possam explicar a faculdade que temos de resistir, de retardar o ato e de agir somente no momento em que a vontade o exige; não há reflexos que não sejam suscetíveis de serem postos no fio da navalha, esperando que a alma diga: Eu quero ou eu consinto.

Resistindo a excitações exteriores é que a vida se manifesta e se mantém em órgãos que forças cegas tendem constantemente a destruir. O movimento da alma não é uma função, se ela não se mantivesse por trás do cérebro, este não conheceria senão sensações táteis. Ele conheceria a dureza dos objetos pela resistência que opõem ao que os toca, mas seria incapaz de determinar a forma, porque a noção das formas e sua dimensão é um conhecimento que resulta de uma operação mental e não de um contato. Se a alma não tivesse sua faculdade especial, se sua percepção íntima não fosse toda pessoal, toda excitação não produziria nela senão respostas automáticas, ela só afetaria o ponto onde se produz o contato; não haveria coordenação entre as diferentes séries de sensações táteis e elas não seriam transformadas em alguma coisa mais elevada como, por exemplo, o sentimento musical. Uma vibração do ar afetando o tímpano não poderia se tornar uma sinfonia, ela ficaria como uma sensação qualquer sem interpretação, não é o tímpano que é sensibilizado, é a alma.

O cérebro é somente o detector de nossas sensações físicas, não nos apresenta um quadro registrador, onde a alma, após ter lido, coordena, harmoniza e em seguida traduz por um gesto exterior, sobre o mesmo teclado, o trabalho inteligente que é feito

nela, segundo como ela é mais ou menos dotada. Assimilar essa operação àquela da função respiratória é um detestável sofisma. O pulmão respira e só faz respirar, ao passo que, sob a pressão de uma vontade consciente, a mesma matéria cerebral produzirá efeitos adaptados às circunstâncias tais como bater, cantar ou calcular.

A ideação precede a expressão verbal, esta sai do cérebro como a palavra sai da boca; a linguagem e a escrita são os corpos materiais criados para concretizar uma operação mental que as precedeu. Em suma, o corpo humano é um aparelho atrás do qual se esconde uma atividade consciente de uma outra natureza; essa consciência é a **ALMA**. É o nome que damos a essa grande desconhecida que sabe, que quer e que pensa. Não é preciso que o receio de ser acusado de misticismo nos faça recuar diante de uma palavra. Tudo o que vive, tudo o que evolui, plantas, metais ou cristais têm almas, há almas protoplasmáticas e há almas etéreas, estas estão na cabeça daquelas. Uma alma que conquistou sua individualidade, e que evoluiu há muito tempo, como a alma humana, é um sol no centro da nebulosa; ela é servida por uma multidão que se associou provisória ou definitivamente, a esse grupo complexo. Após a evolução animal ou anímica, começa a evolução espiritual, esta é sempre modificável, o progresso é para assimilar e se associar aos melhores elementos e se desligar dos piores; constituem assim afinidades morais que não são senão a contrapartida espiritual das afinidades químicas. Assimilam-se conhecimentos verdadeiros ou falsos, sofre-se a influência dos meios que se frequenta, progride-se no bem como no mal seguindo a direção que se dá a seus pensamentos secretos; cada um constitui assim seu próprio domínio, enriquece-se sua memória, desenvolve-se sua inteligência em razão dos esforços

aos quais a vida nos incita.

Tendo assim aumentado seu domínio, a alma forte vive sobre suas terras, mas tem sempre essa característica de poder resistir ao mal e de ser heroica; é a prova experimental que nos é imposta na vida terrestre. A alma tem sempre a liberdade de não se submeter. Podem-se organizar massas militarmente; para obedecer, os indivíduos devem se inspirar na razão, no interesse geral, eles devem consentir. O soldado não é um mecanismo em uma máquina, ele pode preencher sua função como uma máquina porque ele obedece a um motivo superior, mas se tomba nas mãos do inimigo, pode ser heroico, recusar a se informar mesmo do perigo de sua vida; uma máquina funcionaria entre não importa qual mão. Ela não poderia manifestar uma força de alma.

Querer, sentir, amar são faculdades e não funções, são os atributos específicos do ser vivo. O erro de alguns metapsiquistas é de querer observar os fenômenos psíquicos como se observa o fígado ou o pulmão, vivendo-o como o inerte, o mesmo método de observação não pode se aplicar à matéria e ao espírito. A palavra histórica: Eu não encontrei a alma sob o escapelo, era uma ilustre burrice. Tanto quanto procurar o gênio musical na alma de um violino.

A constituição fortemente complexa desses grupamentos de almas organizadas em torno de um centro, nos é confirmada por fatos tais como a divisão e a alternância da personalidade. Há dissociações anímicas. O indivíduo, por causa de um choque ou de uma perturbação mental, se achou privado da relação telepática que o ligava a uma parte de suas lembranças. Sua riqueza adquirida se acha dividida em vários grupos, com os quais ele retoma contato alternativamente, dando a cada mudança a impressão de uma pessoa diferente.

A unidade central está sempre aí, no entanto, ela não está na situação de um homem que, vivendo ora na cidade, ora no campo, teria perdido o grupo de lembranças anexos a uma ou outra residência. Comerciante na cidade, jardineiro no campo, cada personalidade ignora a outra. É um proprietário que não conhece mais que uma parte de seu domínio. Haveria uma ligação a se fazer com o processo da memória onde quase a totalidade de nossas lembranças está sempre ausente e retorna quando a chamamos. A aplicação ao trabalho exige essa ausência de nossas lembranças. Eu não poderia resolver um problema difícil se todas as lembranças de minha vida viesse me assaltar. Temos então o poder de nos isolar, de nos confinar em um grupo especializado de nossos conhecimentos. É o que acontece na divisão da personalidade. As imagens que temos armazenado são seres que não são absolutamente desprovidos de objetividade, elas podem se desligar, podem mesmo cair sob a dependência de uma vontade exterior, a sugestão hipnótica encontraria aí uma explicação fácil.

Aliás, foram os primeiros magnetizadores que descobriram a telepatia, a lucidez, a clarividência e o sonambulismo. Os estados de hipnose e de sonambulismo nos mostram algumas vezes sensitivos muito medíocres tomando, de uma fonte desconhecida, informações bem acima de seus meios.

Mas o que prova que o movimento de ideias tem alguma coisa de objetivo é que esses fenômenos não podem se explicar sem uma ação exercida à distância.

Os termos de criptestesia, de metagnomia, não nos é suficiente, o fato novo, o fato colossal, é que o elemento psíquico é exteriorizável, é preciso reconhecê-lo, é preciso afirmá-lo.

Enfim, o que está fora da fisiologia, o que pertence exclusivamente à alma, é o sentimento de nossa consciência

moral.

Não esqueçamos que se nós somos uma alma servida por almas, somos também o instrumento mais ou menos dócil de forças espirituais que não conhecemos. Não ocupamos o topo da criação, há almas acima de nossas almas; não somos senão a modesta abelha de colmeias misteriosas às quais nos prende uma lei de afinidade. Não pertencemos todos à mesma onda de encarnação; há acima e fora de nossas percepções visuais, elementos psíquicos bons e maus que nos influenciam, cabe a nós assimilar os melhores. O progresso só pode se realizar na associação dos seres, fazemos parte de uma coletividade à qual somos ligados por nossos antecedentes; há simpatias e ódios que flutuam em torno de nós; esforcemo-nos a liberar-nos dos elementos corrompidos que nos arrastam em nosso rastro; elevemos nossos pensamentos em direção dos habitantes das altas moradas, onde reina o amor do belo, do verdadeiro e do justo.

Temos o poder de nos modificar, é por isso que fazemos a experiência da vida; é preciso aproveitá-la, sem isso tudo fica a recomeçar. Lembremo-nos da parábola do maior dos sábios: o que for desligado na terra será desligado no céu.

Nós estamos mergulhados no vício; atravessamos uma crise de imoralidade que nos assusta, mas há alguma parte de uma luz que nos ilumina; jamais é completamente noite no fundo da consciência humana, trabalhemos e esperemos.

Vemos almas que se agitam por quimeras, são sacudidas pelas quedas da vida; bons ou maus perseguimos o mesmo ideal, o melhor, mas tateamos em sentido contrário, onde está a verdade, onde está a ilusão? Onde está o bem e onde está o mal? A dor nos responde.

As vidas inferiores não puderam se organizar e progredir senão em uma luta que foi um horroroso dilaceramento da carne, a mesma luta recomeça com os dilaceramentos do espírito. É a vez da alma sofrer; ela procura sua via em uma noite apavorante, não conseguindo mesmo dissipar o pesadelo das guerras atrozes; a humanidade gravita em seu calvário, mas é a alma que faz tudo, é ela que agita o mundo, que luta, que sofre e que chora. É a alma que faz as guerras e que faz as revoluções sangrentas. O martírio dos povos só cessará no dia em que, instruídos pelas provas e aspirando ao repouso, o reino da paz e da fraternidade se tornar um fato. Esse dia virá quando a evolução coletiva tiver feito, nas nações, o que já realizou no indivíduo superior, então a massa compreenderá, saberá onde está a verdadeira felicidade. É preciso introduzir esse ideal na educação, suggestionar a criança em direção dele.

Capítulo VI

TEMOS UM CORPO INVISÍVEL?

De todos corpos escapam raios corporais nos quais a alma opera por sua presença e aos quais ela dá a energia e a potência de agir.

MAXWELL

Os filósofos de todos os tempos têm reconhecido que uma alma não poderia existir sem um corpo. O ser pensante não sendo senão uma emanção da divindade, tem necessidade de se isolar em uma forma corporal para constituir uma personalidade, fora da qual não teria podido tomar consciência de si mesma. A privação de um corpo é incompatível com o conhecimento do eu.

É uma verdade, perfeitamente compreendida pelos materialistas, que justifica sua incredulidade. Eles disseram: os mortos não sendo senão um montão de substância inorgânica, não podem sobreviver tanto como as pedras pensam, como as pedras falam.

Esse raciocínio, perfeitamente lógico, cai por si mesmo se nós pudermos fazer a prova de um corpo invisível, independente do corpo visível. Essa prova está feita, mas é difícil de ser constatada pelo corpo de sábios porque estes não se decidem a estudar um

fato cuja possibilidade eles negam.

No momento em que a ação do homem se estende fora de seu corpo visível, a alma ou a força que está em nós, se afina por atos que necessitam de um condutor material.

Esse condutor plástico, é o perispírito que transborda mais ou menos de nosso organismo. Bem entendido, é preciso admitir que a vida é uma força, e que a manifestação vital é um movimento; o materialista é incapaz de explicar um ou outro desses dois fenômenos. A força nós a sentimos em nós, a noção de força é inseparável do ser vivo, e para explicar a relação entre a matéria e o espírito, isto é, o movimento, temos necessidade de um princípio intermediário que é o perispírito. O magnetismo animal, tal como foi ensinado por Mesmer, não repousa numa concepção diferente e, antes dele, Maxwell tinha escrito: "de todo corpo escapam raios corporais, nos quais a alma opera por sua presença, e aos quais ela dá a energia e a potência de agir."

O grande enigma da vida terrestre se mantém inteiramente entre esses dois problemas da força e do movimento. Antes do aparecimento da vida no globo, havia a força que produz a vida, antes da constituição do órgão mais ínfimo, havia o pensamento elementar que constrói esse órgão.

Tudo o que constitui nosso mundo visível, tudo o que tem uma realidade objetiva, os organismos vivos como os planetas são materializações. O processo evolutivo de não importa qual órgão é uma materialização lenta, movimento que não pode se produzir senão sob o impulso de uma força ideoplástica emanada de todo indivíduo com potência para agir. E, do mesmo modo, não conhecemos outra força senão a que sentimos em nós e tiramos do misterioso éter. Tudo é alma, disse Victor Hugo.

O erro dos materialistas vem do que eles tomam por sobrenatural, tudo o que sai do quadro restrito no qual eles se fecham. Sua posição tornou-se insustentável desde que as descobertas recentes da ciência destruíram esse quadro, e que nós penetramos cada vez mais no invisível. Hoje, a existência do corpo espiritual exteriorizável não pode mais ser negada senão pelos que não estudaram a questão. Sem esse intermediário, que o liga à força universal, o corpo de carne não poderia viver; não mais do que a lâmpada elétrica poderia clarear sem o fio que a liga à usina. Eu desafio o materialismo a me responder como quando a lâmpada está quebrada não há mais luz; ele não esquece uma coisa, é que a força que está na fonte do aparelho não fabricou a lâmpada, ao passo que o que está na fonte da vida individual fabricou a sua, e como nenhuma força existente poderia cessar, a força consciente permanece consciente; ela permanece aí como a eletricidade permanece no fio cuja lâmpada está quebrada. Como a eletricidade é uma força de luz, de calor ou de movimento, eu posso utilizar esse fio para obter luz, calor ou movimento, assim como a força criadora é uma força consciente de si mesma, ela pode sempre encontrar sua consciência no corpo invisível, que não cessou de estar em contato com a força desconhecida de onde saiu sua vida.

Tal é a importância do corpo psíquico e o imenso interesse que nos apresenta é que, de sua realidade, depende a vida ou a morte de um neoespiritualismo onde se vai retemperar a consciência dos homens, a vida ou a morte de um materialismo onde naufraga a humanidade.

Entre a ciência da matéria e a do espírito, aparece uma outra ciência que não é ainda nem carne nem peixe, é o Metapsiquismo e é inacreditável que ele não tenha ainda se atrevido a se

pronunciar publicamente sobre esse ponto capital pois, se não se admitir o corpo psíquico exteriorizável, a metapsíquica não tem nenhum fundamento, nenhuma razão de ser.

Por seu lado, os teólogos deverão trazer seu precioso concurso a esse neoespiritualismo, único capaz de regenerar o mundo. Um sentimento de religiosidade ingênua não admitia senão com uma certa repugnância a ideia de um suporte material da alma. A necessidade do sobrenatural, a aspiração acerca do impossível tinha contribuído muito, na nossa época científica, para aumentar a perturbação e a incredulidade dos espíritos; os catecismos, afirmando que a alma era puro espírito, sustentavam uma doutrina que, tomada ao pé da letra, não era a da Igreja. Os Pais da Igreja jamais admitiram esse exagero místico. São Cirilo dizia que se chama “espírito” tudo o que não tem um corpo espesso e pesado, isto é, vulgarmente falando, e por oposição ao corpo de carne, chamávamos assim o que é bastante sutil para escapar aos nossos olhos. Ao passo que Tertuliano afirma francamente a corporeidade da alma e vai, mesmo, até a dar a Deus uma certa corporeidade. Santo Ambrósio escreve: “Não imaginemos que nenhum ser seja destituído de matéria em sua composição.” São Tomás devia pensar do mesmo modo, já que ele nos diz que os anjos tomavam emprestado ao ambiente os elementos de sua materialização. Ora, para reunir esses elementos substanciais é necessário um meio substancial em si mesmo.

A ciência, por isso, não tem razão em ver por toda parte sobrenatural e miraculoso para deixar de levar em consideração um fato demonstrado.

Eu não admito que se diga: A natureza não pode fazer que um corpo se eleve da terra. E se ele se elevou? Eis aí a questão de fato à qual é preciso responder antes de tudo. Um homem que me

afirmasse hoje que uma mesa é jamais erguida, seria um inconsciente incapaz de levar em conta todos os absurdos que implica essa negação. É preciso dizer: a natureza não pode fazer tal ou tal coisa sem o concurso do homem, por exemplo: ela não pode fazer uma estátua de mármore, por conseguinte se eu descobro uma antiga nas escavações de Pompéia, daí concluo que um escultor fez essa estátua. E se eu vejo que uma mesa se eleva sem contato, daí concluo que o médium a suspendeu com alguma coisa que não é visível, com um membro fluídico. Mas todas as possibilidades estão na Natureza, na condição de compreender o homem vivo ou desencarnado.

A mesa se eleva ela mesma ou não, está aí uma simples questão que a Universidade de Sorbonne se recusa em responder. É preciso que os que são considerados como autoridades científicas saiam de sua reserva, que tenham a coragem de se documentar e de não se contentar com sessões negativas, que são negativas por sua culpa, para lançar na lama, à opinião vulgar, esses resultados negativos que a imprensa não tem vergonha de interpretar como prova de fraude e de flagrante delito.

As experiências de Crookes são clássicas e definitivas, a ação do corpo humano exercidas fora dos seus órgãos visíveis, dito de outra forma, a ação à distância, prova a existência de um agente invisível, de um intermediário fluídico que constitui o laço necessário entre o pensamento e a matéria.

Não somente esse agente existe, mas ainda ele é exteriorizável e, fora do corpo, pudemos constatar suas propriedades dinâmicas e sensíveis.

Vinte anos após William Crookes, foi preciso abrir uma diplomacia extraordinária para trazer alguns sábios para vir ver de perto esses fenômenos que, até então, não tinham sido

observados sem menosprezo. Dessa época datará o nascimento da metapsíquica, o belo tempo de Eusapia Palladino, que nos é preciso ser defendido contra a calúnia e, a partir dessas sessões tornadas célebres, o estudo da metapsíquica entre em uma via melhor. Será a eterna honra de César Lombroso, Charles Richet, Julian Ochorowicz, De Rochas, etc., de nos ter poupado a vergonha cuja ciência pôde corar com o aparecimento do magnetismo.

Eis aqui, extraído do livro do Sr. De Rochas, um fragmento de relatório de uma dessas experiências no começo:

“Éramos quatro amigos em torno da mesa, de rigor, além do médium Eusapia Paladino. Os lugares de honra, isto é, os dos lados do médium estavam tomados: à esquerda pelo Sr. Tassi, De Pérouze, à direita pelo professor Manuel Otéro Acévédo, de Madrid, que está em Nápoles há dois meses (junho de 1889). Ele veio rápido para observar e estudar *de visu* os fenômenos que eu tinha mencionado em outras ocasiões.

O professor Otéro estava armado de incredulidade, mas é um observador escrupuloso; eu tenho o direito de supor que ele é a encarnação de um inquisidor dos tempos de Torquemada, a julgar por sua maneira de atar o médium e impossibilitá-lo de fazer o menor movimento. Devo acrescentar ainda que, para convencê-lo mais da sinceridade dos fenômenos, exigi várias vezes as experiências, não mais em minha casa, mas na dele, isto é, em seu quarto de hotel. Após os prelúdios habituais de todas as sessões, tais como: suspensão da mesa, pancadas dentro desta, troca de cumprimentos e de reverências especiais com o professor Otéro, o espírito familiar que conheceis, sempre se revelou sob o nome de John King, se declarou de bom humor e muito feliz porque se lhe dava ocasião de tentar a conversação de um materialista desse temperamento. Fiel à sua promessa, ele começou a aproximar as cadeiras da mesa imprimindo-lhes diversos movimentos e colocando-as uma sobre a outra. Ele deixava entrever algumas vezes um braço misterioso que sai de debaixo da roupa do médium. Braço

que se podia muito bem tocar para certificar que não se era presa de uma alucinação: esse fenômeno que se produziu frequentemente em plena luz é um dos mais evidentes, pois exclui toda fraude, é suficiente, por si só, a quebrar a armadura do mais obstinado São Tomé.

O Espírito de John nos rogou em seguida para moderar a luz, baixando o gás até ao ponto desejado por ele. Essa injunção que é sempre um pouco suspeito para quem assiste pela primeira vez a essas experiências, dá lugar a esperar que os fenômenos se tornem extraordinários; a emoção ganhou os assistentes. Ao final de pouco instantes, durante os quais se ouviu somente o rangido habitual dos dentes da médium, que está em um estado de letargia, Eusapia, em vez de conversar como sempre em um muito mau dialeto napolitano, começou a falar em puro italiano rogando às pessoas sentadas a seus lados para lhe segurar as mãos e os pés.

Depois, sem escutar a menor fricção, nem nenhum movimento rápido de sua pessoa, nem mesmo a mais ligeira ondulação da mesa em torno da qual nós nos encontrávamos, os Srs. Otéro e Tassi, os mais próximos da médium, foram os primeiros a perceber uma ascensão inesperada; pois eles sentiram elevar suavemente os braços e, não querendo jamais deixar as mãos da médium, eles continuam a acompanhar sua ascensão. Esse caso esplêndido de levitação é tanto mais digno de atenção quanto havia lugar sob a mais rigorosa supervisão.

Aturdido por um fato tão extraordinário e tão imprevisto, um de nós perguntou a John se lhe seria possível elevar um pouco a médium de debaixo da mesa, com os pés juntos, de maneira a nos permitir constatar ainda melhor a suspensão. A seguir, sem discutir a solicitação exigente e maliciosa, Eusapia foi elevada de debaixo da mesa a 10 a 15 centímetros; cada um de nós pôde livremente passar a mão sob os pés da “mágica” suspensa no ar.”

A dupla Eusapia apareceu pela primeira vez quando foi magnetizada pelo Sr. De Rochas. Colocada em estado profundo de

hipnose, ela vê aparecer para sua grande admiração, à sua direita, um fantasma azul. Questionada, se era John, ela responde que não, mas que era disso que John se servia.

Foi preciso que esses fenômenos produzissem uma grande emoção em toda a Itália para que César Lombroso consentisse enfim ao exame dos fenômenos rejeitados.

Poucos sábios, diz ele, foram mais do que incrédulos em relação ao Espiritismo.

Mas, após ter ouvido alguns sábios negarem os fatos de hipnotismo, como a transmissão de pensamento, a transposição de sentidos..., fui conduzido a me perguntar se meu ceticismo com respeito a fatos espíritas não era da mesma natureza daquela dos outros sábios para os fenômenos hipnóticos.

Isso foi em Nápoles, em 1891, no hotel de Genebra, onde se hospedava que Lombroso começou suas experiências.

É preciso ter lido os relatórios dessas sessões; quem quer que queira dar uma opinião não tem o direito de ignorá-los. As hipóteses de uma força magnética são insuficientes para dar-se conta desses fatos cientificamente observados. Uma campainha que se agite e se mova sobre cabeças e mantida por uma mão, é a única hipótese explicativa, aliás, confirmada pela visão e pelo toque. Não é suficiente responder que isso vem do médium, é seu duplo que age, e eis aí a prova material que procuramos; isso não é novo, já que a crença no duplo, fazia o fundo da ciência antiga. Mas, nas sessões de Eusapia, a ação de um corpo fluídico organizado foi provada com todo o rigor que não se tem o direito de exigir em nossa época.

Nas sessões de Nápoles, o narrador escreve:

”Se se leva em conta a natureza meridional de Eusapia, de seu

caráter vivo e irritável, é preciso se admirar de sua paciência em suportar as fantasias torturantes de pessoas desconfiadas. Essas exigências, vindo de pessoas absolutamente incompetentes, me revoltavam ao ponto de eu me decidir a abandonar a sessão...Eu me arrependo de dizê-lo, no curso da segunda sessão com Eusapia Paladino, eu tive ainda uma vez a prova de que a crença do homem é independente de seu raciocínio.”⁵

E, com efeito, os negadores se contentam sempre, não importa qual seja a objeção, tão absurda quanto ela seja.

Em Roma, a ação das mãos se manifestou, Ochorowicz viu um piano que se deslocava, ele foi aberto com barulho e a mão tocou algumas notas; atendendo a um desejo expresso, ouvem-se ao mesmo tempo notas altas e graves, nas duas extremidades do teclado, provando a ação de duas mãos distintas. Um copo meio cheio foi apresentado aos lábios de Ochorowicz e numerosos toques de mãos visíveis não deixavam nenhuma dúvida de que se tratava de mão material e humana. A prova que resulta das empreitadas e das modelagens é ainda mais forte. Enfim, em Varsóvia, quarenta sessões, admiravelmente controladas confirmam tudo o que precede e ações tais que..., tocar acordeão, tirar os óculos, etc., são bem o fato de uma mão articulada.

Obtém-se também, uma magnífica levitação completa do médium, esse resultado embora mais impressionante que os outros, é menos útil em nosso ponto de vista, pois ele não permite afirmar que o médium estava suspenso por braços humanos. Pois é a organização fluídica de um membro humano que fazemos questão de demonstrar.

Ochorowicz imaginou um aparelho elétrico munido de uma campainha que avisasse caso as mãos de Eusapia abandonassem o

⁵ *Exteriorização da Motricidade*; ed. 1896, p. 118

contato das mãos dos controladores; a campainha tocava igualmente se Eusapia só tocasse as mãos de seus dois controladores com uma só mão. Nessas condições, os observadores foram tocados várias vezes e sentiram distintamente os dedos das mãos sem que o aparelho tocasse.

Cinco pessoas viram distintamente, em uma claridade suficiente, uma grande mão esquerda pegar a mão de Sr. Prus-Glowaki no momento em que este último tomava, ele mesmo, a mão esquerda do médium, cujas duas mãos estavam, aliás, visíveis e controladas. A mão que tocava planava livremente acima da cabeça da médium.⁶

Eis aqui, aliás, a última conclusão de Ochorowicz:

“A hipótese de um “duplo fluídico” (corpo astral) que, em certas condições, se solta do corpo da médium, parece necessária para a explicação da maior parte dos fenômenos. Conforme essa concepção, os movimentos de objetos sem contato seriam produzidos pelos membros fluídicos da médium.”

Eu poderia multiplicar os exemplos; o primeiro fisiologista e o primeiro físico de nosso tempo, os Srs. Ch. Richet e Oliver Lodge organizaram, nas ilhas de Hyères, sessões mais probatórias ainda, se isso fosse possível. Reproduzir seus relatórios insistindo sobretudo no valor do controle e a realidade de mãos bem distintas, seria um pouco longo e fastidioso, e seria uma repetição inútil. É suficiente lembrarmos, aqui, que pseudocientíficos que, sem cessar, reclamam experimentação, mas que jamais acreditam nos experimentadores. Conforme esses dados autênticos, clássicos e indubitáveis, podemos afirmar que a força que suspende uma mesa, que agita uma campainha, que passeia seus dedos sobre um teclado, que toca violão, que tira óculos, que se deixa ver, tocar,

⁶ DE ROCHAS, Albert: *Exteriorização da Motricidade*; 1896, p. 160.

moldar e fotografar não é senão uma força mecânica; é um corpo invisível nas condições normais, um corpo dotado de propriedades dinâmicas, sensíveis e exteriorizável, que se manifesta assim objetivamente.

Enfim, se alguém duvida ainda da objetividade, da rigidez e da plasticidade do corpo psíquico, lembraríamos que as moldagens, antigas e recentes, não deixam nenhuma dúvida a esse respeito. Mas como o espírito humano é assim feito, que suas crenças são frequentemente independentes de todo raciocínio, e que, para não se submeter à evidência, constata-se o valor das experiências e dos experimentadores, estes últimos obtiveram uma prova irrecusável e permanente, que desafia toda imitação fraudulenta; cada um pode ver com seus próprios olhos.⁷

Eu quero falar de luvas de parafina obtidas em condições de controle irreprocháveis. Rogando à entidade oculta para mergulhar suas mãos em um balde de água quente sobre a qual se despejou uma camada de parafina que flutuou em sua superfície, a mão que se afunda nessa cera líquida arrasta através dela, ao retirar-se, uma fina camada aderente. Não há senão uma desmaterialização do membro fluídico que possa se liberar de um molde assim frágil obtido nas mesmas condições.

O misoneísmo, o dogmatismo passional se esforça, entretanto, contra esta última prova, obstina-se contra ela, tentou negar o valor por meio de insinuação pérfida e de sofismas vergonhosos, que não demoraremos a refutar.

Respondemos somente aos preconceitos dos homens de ciência que creem que as comunicações mediúnicas são a base de toda a crença espírita. Não é nada disso, os espíritas da primeira

⁷ Das espécies, obtidos pelo Dr. GELEY, são conservados no Instituto Metapsíquico Internacional (Fundação Jean Meyer), Avenida Niel, 89, Paris.

hora fizeram experiências como os sábios de hoje. É preciso ler em Aksakof as narrações de tantas sessões onde as moldagens tinham sido obtidas com a Srta. Fairland, com a Sra. Firman (*Psychische Studien*, 1877); com o Dr. Monck, em 1878; nas famosas experiências de Reimers, com a Sra. Harly, onde se pôde constatar que os moldes obtidos mantinham do médium os sinais distintivos da idade, reproduzindo mãos que não eram, entretanto, as suas. Isso prova que o duplo do médium é o suporte da formação plástica, mesmo quando essa formação é devida a uma intervenção estranha. Em outras sessões organizadas igualmente em 1878, Great Rossel Street, com Eglinton, obteve-se a reprodução plástica de seu próprio pé (duplo do médium), estando os pés perfeitamente controlados. De outra parte, com a Srta. Wood obtiveram-se em uma mesma sessão dois moldes de dimensões e de conformações diferentes, todos os dois de um pé esquerdo o que exclui a suposição absurda de que o médium teria mergulhado seu pé na parafina.⁸

Observar-se-á, então, que em tudo o que precede não fazemos apelo senão à experimentação e que, se é bem verdadeiro que os espíritos se dizem envelopados por um corpo sutil, não acrescentamos fé aí, porque a experimentação veio confirmar o ensino.

O Espiritismo submeteu sempre sua crença ao exame da razão e a contraprova experimental, tanto que ela pode ser aplicada ao ser vivo.

É então apoiados na experimentação, e no testemunho da ciência independente que afirmamos: 1º que temos um corpo invisível; 2º que esse corpo é um agente dinâmico; 3º que ele é um

⁸ Ver AKSAKOF: *Animismo e Espiritismo*; p. 127 a 139.

condutor por meio do qual se transmite a ideia do movimento, o que explica a relação entre o espírito e a matéria, entre a obra e o operário.

É o veículo da força que se manifesta no ser vivo, é o suporte das formas que se materializam; ele brinca de morte e preside aos nascimentos; explica a evolução por um perpétuo recomeço dos seres e a continuidade do elemento psíquico que se afirma pelo progresso constante, tal é o princípio das reencarnações. Vejo pessoas que declaram não acreditar nisso, entre essas pessoas eu não vejo uma só que possa me explicar a evolução.

A evolução é um fato que se constata e que, fora de toda explicação, PROVA a continuidade da força atuante. Dizer que o Espiritismo não fez ainda a prova é uma diversão fácil que é preciso deter, é que a concepção espírita nos deu, da evolução, uma explicação racional e suficiente, o que nenhuma outra ciência pôde fazer.

Capítulo VII

O QUE É O ECTOPLASMA?

Não há aqui, nem religião, nem filosofia, nem ateísmo, nem materialismo, nem espiritualismo que se mantenham.

PASTEUR

No curso de longa experimentação espírita apareceu um fato colossal, empiricamente constatado e ainda inexplicado, mas cuja importância é tal que é evocado para reverter hipóteses que eram a base do edifício científico, filosófico ou religioso. Quero falar do ectoplasma que, após ter resistido há mais de sessenta anos a todos os sarcasmos, terminou por ver tombar as últimas resistências da crítica. Hoje, a ectoplasmia é um fato constatado e experimentado.

Os recentes congressos psíquicos colocaram a questão na ordem do dia e, em todos os países, as experiências mais recentes só confirmaram as observações antigas. Os Espíritas da primeira hora, que obtiveram aparições, não podiam ainda conhecer a natureza da ectoplasmia não observada; aparecia, entretanto, mas não se via nela senão um trabalho preparatório que se atribuía à presença do espírito em vias de materialização. Foi preciso a intervenção da ciência que, chegando mais próximo da observação do fenômeno, analisando as fases e os aspectos cambiantes, reconheceu a natureza fisiológica da substância emanada do

médium.

Foi o Sr. Richet o primeiro a batizar com o nome de ectoplasma, esse aspecto embrionário da materialização, que o Dr. Geley estudou, por sua vez, e que comentou de um modo tão engenhoso.

A primeira coisa que impressiona o observador, que examina seriamente o ectoplasma, é o caráter incompleto de suas formações. Esse aspecto defeituoso é um alimento fácil para a crítica, e quando pessoas incompetentes, vendo essas coisas pela primeira vez, querem meter-se em algo que ignoram, emitem um julgamento estúpido e precipitado, gritando ser trapaça. Não há fraude possível com cinco ou seis aparelhos fotográficos, apontados simultaneamente em torno do fenômeno. É ainda mais estúpido, da parte dos que nada viram, condenar a experiência fotografada que, tomada na claridade do magnésio, só fixa o instantâneo, enquanto a substância exteriorizada se forma, se modifica e forma a figura sob os olhos do observador.

O que resulta dessas provas instantâneas, é que a imagem tomada de frente oferece uma aparência normal, ao passo que as objetivas que apontam as costas ou perfil, por cima ou por baixo, nos revelam os defeitos de um órgão incompleto e as lacunas de uma substância ainda informe.

Nas verdadeiras sessões espíritas, o ectoplasma parece ser o prelúdio de uma manifestação. Nas sessões experimentais, que buscam somente, com outro objetivo, o controle rigoroso, não se sabe muito se o desdobramento do médium resulta de seu único esforço ou de uma intervenção oculta necessária, mas a hipótese emitida não é menos importante, pois supõe-se que a imagem assim formada obedece a um pensamento-força, que este vem de um espírito, do médium ou dos assistentes.

De todo modo, isso seria a prova da exteriorização do elemento etéreo, cujo corpo visível é o forro e isso seria a prova experimental da influência exercida sobre a matéria pelas forças psíquicas.

Uma força nervosa não pode produzir efeitos mecânicos e plásticos fora do corpo humano. Ora, esses efeitos tendo sido observados, fora do corpo, podemos estar certos de que existe um agente dinâmico sólido e exteriorizável, embora invisível; é ele que é o aparelho psicofisiológico, que seria o condutor de força, e o agente de ligação, entre a matéria e a alma.

Não há outra explicação da vida senão que o dinamismo inteligente que está no topo e impregna todas as almas e seu instrumento de manifestação que é o Perispírito. O homem é uma força servida por forças. Essas forças podem ser manipuladas por uma simples emissão da vontade dirigida pelo pensamento, o que nos mostra a autossugestão e a hetero sugestão; é assim que os estados de hipnose se prestam à experimentação. As pesquisas engajadas nessa via pelos primeiros magnetizadores, retomadas e continuadas pelo Sr. Coronel De Rochas, aguardam um continuador.

O que esperamos da ideoplastia, é que ela projete uma nova luz sobre o problema insolúvel do movimento no Universo; o que constitui o movimento é uma perpétua troca de energia entre a matéria e o éter; nossas almas participam desse movimento tirando, desse misterioso reservatório, a força individualizante que ela transmite; só somos então os intermediários ganglionários na unidade da vida universal.

Entre o vivo e o inerte, entre o corpo e o espírito, há uma corrente centrífuga e centrípeta que explica nossas atividades fisiológicas. Entre nós e o além-túmulo, há trocas semelhantes que

explicam a atividade psíquica. Daí, vêm as intuições, talvez as reservas da memória, nossas inspirações boas ou más, sábias ou loucas. Para que essa relação possa existir entre o eu e o meu organismo, entre eu e o além-túmulo, era preciso um intermediário que tivesse afinidades nos dois planos; esse intermediário é precisamente o perispírito, cujo ectoplasma é uma porção materializada.

As primeiras provas sérias de exteriorização ectoplásmica foram obtidas pelas fotografias por volta de 1873, com o Sr. Butland como médium, e com experimentadores oferecendo toda garantia de competência e de honorabilidade. Após ensaios infrutíferos, o Sr. Beattie obteve sobre placas formas inesperadas. Operava-se em um cômodo obscuro colocando, simplesmente, as mãos sobre a mesa.

“Na primeira sessão, fizeram-se nove poses sem resultado. Na segunda sessão, que teve lugar uma semana depois, obtivemos um resultado na nona pose. Se nada tivéssemos obtido, teríamos decidido abandonar as experiências. Mas ao desenvolver a última placa, vimos imediatamente aparecer uma imagem com uma vaga semelhança com uma forma humana.”⁹

É preciso ressaltar que nenhuma forma era visível a olho nu, somente a placa sensível registrava o fenômeno invisível. Um grande número de experiências permitiu se dar conta da sucessão de imagens, e sua evolução. Concluiu-se então estar na presença de uma força invisível possuindo a faculdade de exercer uma ação química e regida por uma inteligência.

É preciso dizer também que não se conhecia os progressos recentemente adquiridos em fotografia, era preciso quatro minutos de pose, de sorte que a substância óptica, modificando-se

⁹ *Animismo e Espiritismo*, por AKSAKOF; p. 30.

durante o tempo de pose, aparecia como um nevoeiro, mas as formas trazendo nelas a prova de sua extraordinária origem. Os contraditores tinham a mesma mentalidade que os de hoje, toda hipótese era boa na condição de repelir a ideia de uma exteriorização orgânica e Hartman explicava tudo pelas vibrações do éter de uma fragilidade superior... (?) Mas examinando as fotografias publicadas na obra de Aksakof, vê-se claramente que essas criações materiais tendem à forma orgânica e que elas evoluem para a representação do conjunto de uma forma humana. Essa evolução foi posta fora de dúvida pelo professor Richet e o Doutor Geley.

O que os espíritas tinham constatado há muito tempo é estudado hoje nos laboratórios, nos congressos metapsíquicos de Copenhagen, de Varsóvia, de Paris, de Londres e de Atenas. Por toda parte publicam-se relatórios que provam a identidade dos resultados acompanhados de fotografias que, malgrado a diversidade de médiuns, apresentam todas o mesmo aspecto, e confirmam umas às outras.

Após William Crookes, o Dr. Paul Gibier, Sir Oliver Lodge, o professor Charles Richet, Julien Ochorowicz, o professor Enrico Morselli, o doutor Imoda, a Sra. Bisson, o Barão Schrenck-Notzing, os doutores Geley, Crawford e Lebiectzenski, eis aí uma porção de novos observadores que estudam a ectoplasmia em torno da admirável médium Margery e isso continua, já que o número de *Psychic Science* de janeiro de 1930 contém um relatório de T. Glen Hamilton, sobre os médiuns Elisabeth e Marie M., e reproduz fotografias semelhantes às precedentemente obtidas. Haveria aí conclusões a tirar das quais não se poderia exagerar a importância; há vozes que teriam o dever de se fazerem ouvir, testemunhos que seriam preciosos para o conhecimento da

verdade, mas que esperamos em vão do lado dos metapsiquistas. O doutor Geley tinha começado um estudo nesse sentido, ele tinha um volume em preparação sobre esse assunto capital, teve a infelicidade de perdê-lo no momento em que trazia os documentos mais preciosos. Enfim, a prova definitiva, a prova visível e tangível do fenômeno ectoplásmico se acha nas empreitadas obtidas no mástique e nas luvas de parafina que não podem ser obtidas por nenhum outro processo senão o da desmaterialização das mãos fluídicas. Essas peças são inimitáveis, é impossível, afundando uma mão humana em mástique, fazer um molde e é impossível obter uma luva de parafina sem uma preparação muito complicada e sem consagrar um tempo enorme, o que não pode se fazer em uma sessão sob controle. Sobre isso, os céticos terão o que fazer, unhas e dentes virão a se quebrar.

Quanto aos que supusessem que experimentações, gozando da consideração geral, tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista da honestidade, poderiam se prestar conscientemente a uma fraude, exigindo um trabalho de muito fôlego, não temos que lhes responder, não se discute com os imbecis.

Toda contestação se tornou então inútil; a produção de mãos moldadas em uma luva de parafina, de mãos com dedos encurvados, e mesmo entrecruzados, constitui uma prova objetiva da materialização e da desmaterialização de uma forma orgânica independente do corpo. Uma série de modelagens, outrora obtidas pelo Sr. Reimers, tinha feito essa prova desde 1876 e ela foi renovada no Instituto Metapsíquico pelos Srs. Richet e Geley em 1921.

É incompreensível que a imprensa, que acolhe tão facilmente as pretensões do primeiro remédio vindo na descoberta de um

novo micróbio ou de uma vacina, guarde silêncio inexplicável sobre a descoberta que ultrapassa em importância todas as desse século, entretanto, tão maravilhosas.

Será preciso aceitarmos, daqui para frente, a noção de uma força biopsíquica, própria a cada indivíduo e condicionando a atividade pessoal de cada entidade dotada de vida e de movimento.

O ectoplasma nos traz a prova experimental, a prova visível e palpável da existência do perispírito. Essa materialização, tão incompleta, tão imperfeita que seja, não é senão a repetição de um fenômeno que se observa por toda parte na natureza. Um planeta que se condensa, uma planta que sai da terra, são materializações lentas. O nascimento da criança não é, em si mesmo, senão uma materialização lenta do perispírito que se incorpora; a formação ectoplásmica é a repetição imperfeita e acidental do mesmo processo e segue a mesma via, é uma paródia efêmera da vida. Ela é efêmera porque é ideoplástica.

O corpo invisível, ainda ignorado da ciência que se recusa a admiti-lo, é então um simples condutor de energia psíquica. É um verdadeiro corpo, ao mesmo tempo material e invisível, um corpo especializado, que foi formado em vista de uma adaptação da alma individual à vida corporal. Essa adaptação, uma vez alcançada, faz parte de nosso sistema vital; ela estabelece a ligação entre a pessoa moral, que somos, e a obra que ela efetua atualmente no plano terrestre.

Após meio século de experimentação, é tempo de examinar o novo objeto em sua essência e em sua forma. Sua essência, ao que tudo indica, é etérea e, quando se diz “o corpo etéreo” não é preciso se entender como um corpo leve, inconsistente, diáfano. Quando se o estuda em seus efeitos, ficamos estupefatos de

constatar que essa substância invisível é, ao mesmo tempo, rígida e capaz de opor uma grande resistência à matéria. Ochorowicz, esse observador tão sutil e delicado, detalhando o fenômeno, dissecando-o, analisando-o em sua mais simples expressão o controle de uma ação à distância, já tinha observado a rigidez de um simples raio ectoplásmico. Na massa, ela é suscetível de mostrar uma força para nós incompreensível.

O que é o éter? Ele parece, de acordo com os físicos e particularmente conforme Sir Oliver Lodge, que nossa matéria visível, a mais dura e a mais sólida, não é, com relação ao éter, senão uma teia de aranha, e, tão paradoxalmente que isso nos pareça, o éter seria mil vezes mais duro que o mais duro dos metais.

O perispírito, tirando do éter os elementos constituintes de sua organização fluídica, participaria de sua natureza sólida? Seria permitido crê-lo, de acordo com as experiências que conhecemos. O corpo psíquico, malgrado sua natureza proteica e sua individualidade, se mostra capaz de exteriorizar um dinamismo de uma potência incrível. Sabemos que seu papel é transmitir a força ódica, mas junto a médiuns excepcionais e nas sessões espíritas, com a colaboração dos espíritos, dir-se-ia que funciona como um acumulador. A força psíquica pode se transmitir de uma pessoa a outra e, em certos casos, várias pessoas reunidas formariam alguma coisa análoga aos elementos de uma bateria elétrica cujas forças se somam quando elas são ligadas entre si por certas afinidades psíquicas, isto é, por armações de mesmo nome.

Geralmente, atribui-se aos órgãos nos quais ela se manifesta a força conhecida como magnetismo animal ou de correntes ódicas, forças mais ou menos submetidas a excitações conscientes ou inconscientes (o pensamento que cura; a autossugestão), mas nas

sessões espíritas, com a colaboração dos espíritos, e sob a direção de um guia, o órgão do médium se torna um verdadeiro acumulador de forças psíquicas, cujos efeitos não são imputáveis à ação biológica normal, já que ela aceita a direção de uma inteligência oculta e que ela responde ao desejo dos experimentadores. Já falamos das levitações de Eusapia, observadas pelos sábios de todos os países, a quem elas pareceram tão leve que lhes parecia suspender uma pluma, eu não compreendo por que se afirmou, nesse propósito, que aí há uma suspensão de leis da gravidade, não há jamais suspensão de leis, é preciso dizer que Eusapia estava sustentada, escorada, por alguma coisa que não se via.

E o que é preciso reter dessa experiência, é que alguma coisa, órgão ou alavanca, era rígida quanto invisível. Eis aí a revelação de um fato que não é único, já que foi perfeitamente constatado com Home, e que foram conservadas sobre isso várias narrações nas vidas dos santos. A mesma força se revela nos levantamentos de objetos pesados tais como um piano ou como se viu com D. D. Home, um tronco de árvore tornar-se tão leve que ele pôde segurá-lo sob seu braço. Há aí outra coisa como uma força eletromagnética, já que há uma forma desconhecida de manifestação dinâmica e um fator psíquico que preside à sua ação. Constata-se, nessas sessões, uma boa vontade engenhosa que se esforça para responder ao nosso desejo. Uma mesa se torna pesada ou leve e obedece à palavra, o que não tem equivalente em mecânica, nem em física. Uma ampola de Leyde se descarrega ao primeiro contato; a força psíquica acumulada não atua do mesmo modo, ela se comporta como aquele que opera nos órgãos, ela se esgota depressa e se adapta a uma ação determinada. Uma mesa se torna pesada ou leve obedece à palavra, o que não tem

equivalente em mecânica nem em física. Uma garrafa de Leyde se descarrega ao primeiro contato; a força psíquica acumulada não age do mesmo modo, ela se comporta como aquela que opera nos órgãos, ela se esgota rapidamente e se adapta a uma ação determinada. Uma mesa se tornou pesada ou leve quando da solicitação de R. Wallace, de Aksakof, de Bouterow, e de outros. Citemos os relatórios de W. Crookes que tem a maior autoridade na matéria. Nós abreviamos.

Primeira experiência: uma mesa é suspensa em uma balança de molas. Ao comando: “Torne-se leve”, a balança acusou somente um peso de 0,230 quilogramas.

Segunda experiência: “Torne-se pesada”; foi preciso uma força de 9 quilogramas para suspender um só lado da mesa.

Terceira experiência: Eu pergunto se a força seria capaz de suspender a mesa horizontalmente enquanto eu a puxasse por meio da corda da balança. A mesa deixa totalmente o piso ficando perfeitamente horizontal e a balança acusa uma resistência de 12 quilos, etc.

Alguma aproximação que se possa fazer entre essa força que levanta a mesa e um campo de força magnética, em nada diminui a importância do fato que aí ocorre, uma inteligência que compreende e colabora com a experiência proposta. E para citar experiências recentes, lembramos que Ossowiecki, na residência da Princesa Wolkonska, em pleno dia, atraiu a si, a uma distância de 2,50 metros, uma estátua de mármore; era preciso três homens para deslocá-la. Não é suficiente dizer que há aí uma força desconhecida, há um trator e esse trator é invisível, eis o que importa sublinhar. É preciso também observar que essas mesmas forças, que parecem se acumular para produzir tais efeitos psíquicos, se manifestam, entretanto, em detrimento de outras

faculdades mediúnicas de ordem subjetiva. Por exemplo, quando Ossowiecki renunciou a essas experiências de efeitos psíquicos, começou a se desenvolver sua maravilhosa faculdade de clarividência. É então possível que uma força de mesma natureza se aplique a duas espécies de mediunidade tão diferentes, ao ponto de uma esgotar a outra? Ou poderia a força ódica se prestar a modificações?

A exteriorização da força psíquica se manifesta sob uma forma que causa profunda admiração e à qual não se prestou atenção, eu quero falar de batidas. Quando Eusapia, afastada da mesa, e em pleno dia, simulava bater com o punho, batidas formidáveis lhe respondiam.

Os processos verbais do Instituto Geral Psicológico faziam fé nisso, mas sinalizavam somente que as batidas se produziam após o que Eusapia simulava. Ela dava algumas batidas no ar e a resposta ritmava seus golpes como um eco. Ou ela batia sobre o ombro do Sr. Curie e era na mesa que se ouviam as batidas correspondentes.

Eu vi esse fenômeno, muitas vezes e de muito perto, e o que mais me admira, não são os golpes, é a natureza do barulho que eles produzem, eram golpes formidáveis, mas secos e duros como o choque de um martelo. O punho não seria capaz de fazer isso, não mais que uma descarga elétrica ou outro procedimento imaginável. O ouvido não se engana. Se fosse um corpo invisível que bate, seria um corpo duro. Eu me pergunto se essa nova modalidade do corpo exteriorizável não seria de natureza a explicar a contração muscular e a rigidez cataléptica.

Fatos de uma grande violência foram constatados em sessões de materializações, quando se deu uma aparição de surpresa. É um gesto que não se deve tentar senão quando se estiver

absolutamente seguro de não haver nenhum fraudador. Se se tem uma exteriorização verdadeira, a substância volta tão brutalmente ao corpo do médium que há perigo para ele e para o experimentador que ela arrasta com ela e como a substância se reabsorve instantaneamente, não se prova nada e não serve senão para alimentar a crítica malvada. O jornal o Eclair, de dezembro de 1905, disso relata um exemplo. É o jornalista Montorgueil, que foi o herói da aventura. Eis aqui um extrato de seu artigo:

“Eu assistia a essas reuniões como incrédulo, convicto de que eu desmascararia algum mistificador, eu não duvidava de modo algum que não havia um entre nós.

Uma tarde eu me senti tocado no ombro, era algo um pouco brusco. Um instante após, uma saia roçou meus joelhos que eu agarrei entre meus dedos e que lhes escapou. O fantasma veio sobre mim, e, de repente, eu me senti violentamente molhado. Eu acreditei ser uma brincadeira insolente: eu agarrei, furioso, a mão que passeava sobre meu rosto. A raiva misturada de terror decuplicava minhas forças. Eu gritava para acender a luz, o que o engenheiro fez imediatamente.

Eu estava em pé, eu tinha um braço passado sob meu braço que o apoiava contra meu corpo; eu apertava o punho que tinha agarrado no meu punho cujo furor parecia um torno; eu não percebia o barulho de um sopro. A mão do fantasma tentava, entretanto, escapar de meu aperto; eu a sentia derreter em meus dedos.

Contra mim, ninguém; cada um de nós estava em seu lugar e testemunhava mais por curiosidade do que esgotamento. É fora de dúvida que uma pessoa que eu tivesse agarrado, que eu tivesse derrubado à terra ou nessa luta de corpo a corpo me tivesse derrubado antes que tivéssemos afastado nossas mãos. Ela certamente não se desgarrou com um empurrão.

Meu adversário tinha desaparecido.

Eu mantenho em minha mão, arrancada da mão do fantasma, o

pano com o qual eu tinha sido molhado... Eu devo esclarecer que no momento quando a luz se fez e que a mão se esvaneceu, o músico (o médium) caiu sobre o canapé (espécie de sofá), com um grande grito, e ficou prostrado, inerte, vários minutos.”

A personalidade do fantasma é uma questão que não trataremos no momento. Afirmamos somente que, de uma quantidade de observações podemos concluir com relação à natureza sólida do corpo etéreo que é a armadura indispensável no suporte do edifício material. A massa celular não tem, por si mesma, a potência para se mover, nem para se contrair; é preciso que a corrente ódica provoque essa tensão, e esta age sob a dependência da vontade. Não é fácil constatar essa rigidez na materialização em vias de formação, porque esta não se deixa tocar ou se desfaz tão logo, mas constatamo-la na forma de marcas e de moldes ocultos. Para formar um punho ou um rosto em um bloco de mástique é preciso exercer uma pressão à qual a cadeira não poderia resistir, ela esmaga e se deforma. Para obter um molde dessa espécie, é preciso que toda a massa celular seja impregnada desse dinamismo psíquico que contrai o músculo. É uma corrente ódica que, sob o império da vontade, se acumula e cria essa possibilidade de tensão que se observa igualmente na rigidez cataléptica.

Em resumo, toda força emana do invisível e não há exceção a fazer para a força que somos nós mesmos.

Capítulo VIII

O PROBLEMA DAS ORIGENS

Todos os dias globos se organizam, todos os dias novos seres aparecem, todos os dias consciências se formam, todos os dias almas desabroçam.

EUGENE NUS
(Os grandes mistérios)

À luz dos fatos espíritas, a alma (ou se preferir denominemos dinamismo inteligente) é a única hipótese lógica. A obra da criação é sustentada por essa força misteriosa que penetra tudo, e que faz a matéria sair de sua inércia.

Alma, corpo e condutor psíquico, eis aí o que podemos conhecer de nós mesmos. Mas isso não é suficiente; o fenômeno mais incompreensível, nesse mundo, é de nos vermos; é de nos sentirmos vivos e conscientes. Como terminará isso?

A essa questão, somente o Espiritismo é capaz de responder. Observemos que não se trata, para isso, de resolver nenhum enigma, é suficiente constatar um fato. Será suficiente constatar a sobrevivência de uma pessoa, tendo vivido na terra, para ter a certeza de que a consciência individual não é uma chama que se apaga quando não há mais vela. Não há misticismo, não há senão

um fato inseparável de suas consequências.

Mas antes de procurar essa prova difícil, experimentemos ler no grande livro da natureza, sempre aberto diante de nossos olhos. Se quisermos saber aonde vamos, procuremos primeiro de onde viemos, nosso presente aclara o passado e o passado aclarará o porvir.

No presente, observemos a vida em nós mesmos e sobre aqueles que são constituídos como nós mesmos.

Começemos pela criança. Não vejo nada de mais absurdo do que supor que a criança que vem ao mundo aí vem pela primeira vez. Seria preciso para isso supor que uma coisa obscura e sem nome, tal como seria uma nova consciência, em que nenhuma excitação anterior tivesse podido criar uma memória, que um simples pacote de substâncias nervosas, vazia de sensação, e desnudada de experiência, fosse já capaz de operação inteligente como a que consiste em traduzir, em imagem representativa de objetos, uma simples sensação táctil ou, em imagens representativas de ideias, de simples vibrações sonoras.

E depois é necessário demonstrar a impossibilidade que aí haveria ao que se forma, no seio da mãe, no curso de nove meses de gestação, um instrumento tão complicado como o aparelho visual, em um meio onde a vista não tem nenhuma utilidade, e isso antes de ter jamais funcionado. Essa demonstração seria suscetível de longos desenvolvimentos mas é inútil insistir, todos os fisiologistas estão de acordo acerca disso. Em todo processo embrionário os órgãos complexos que se formam são de vidas que se repetem. Se o homem é capaz de viver da vida dos sentidos, desde quando ele aparece em nosso mundo, é que ele fez uma longa aprendizagem no curso de precedentes evoluções na vida animal.

Deus conduziu a Adão todos os animais, isto é, que todos os animais concorreram na formação da besta humana, sobre a qual devia, mais tarde, soprar o sopro de vida.

Isto está então visivelmente escrito no livro da Natureza. Nossa vida é uma criação lenta e a evolução, sempre em progresso, se afirma em formas sucessivas. A alma se materializou em uma primeira célula viva através de três reinos da natureza, antes de se elevar até ao homem. Eis aí nosso passado.

A ilusão que importa combater é a lenda de Adão, a ideia do ancestral, o avô do gênero humano. Temos falseado nossa imaginação com a ideia da descendência representada sob a forma grosseira de uma árvore genealógica. Era preciso representar a criação do homem, como uma nebulosa, pelo montão de substância psíquica bruta. Não é possível crer que tenha existido um ancestral na origem de cada espécie, que este tenha aparecido espontaneamente com um organismo criado com todas as peças. Não é razoável crer que uma divindade caprichosa teria, um certo dia, lançado, em um ponto do tempo e do espaço, o ancestral do cão, do cavalo e do coelho; é preciso admitir que nada começou na ordem das causas, que a força criadora existiu; não é mesmo permitido crer em um germe inicial e atribuir a esse germe a partida de um movimento. Um germe não é uma causa primeira, não é senão a modalidade de uma manifestação individual. Uma faculdade germinativa seria tão ridícula quanto a faculdade dormitiva. Supor que ela teria dormido durante séculos para se revelar em uma bela manhã, seria recorrer à explicação do milagre.

E depois se admitíssemos um primeiro germe como semeadura da vida, esse germe se teria comportado, como todo outro germe, não teria gerado a diversidade de espécies: uma

semente de couve produziu sempre couve, um ovo inicial não teria podido se diversificar.

Ao passo que uma força não teve jamais começo, o movimento sempre existiu, com o dinamismo inteligente temos alguma coisa preexistindo à individualidade nascente e, por outro lado, o movimento eterno que agita o universo nos permite compreender que uma oportunidade se apresenta, em um tempo e em um lugar determinado, para uma manifestação da vida.

O problema, aqui, é o mesmo que o do movimento. O movimento não pode sair da inércia, a vida não pôde sair do nada, a esfera que rola é a manifestação evidente da impulsão que ela recebe; uma consciência que evolui necessita de uma impulsão análoga; somente a esfera que rola diminui sua velocidade, a vida não diminui, ela progride; o campo de força está sempre aí retendo-a como o ferro pelo ímã. Longe de entravar a marcha de evoluções, a renovação dos órgãos não serve senão para fixar novo progresso. O corpo morre, mas a ideia da espécie se conserva e mesmo melhora.

A alma é perfeitamente visível, para quem sabe ler no livro da natureza. Todo processo orgânico, toda operação fisiológica é uma manifestação da alma, como o caractere da tipografia é uma manifestação do pensamento. A alma se exprime na matéria e se observa desde a célula primitiva. Ela aumenta, se associa, se especializa e se organiza em sistemas cada vez mais complexos e faz prova de uma grande fantasia, pois a infinita variedade de formas desde o início será sempre um quebra-cabeça para o naturalista.

É preciso ver, aí, uma psicologia do inseto. É preciso admitir que o infinitamente pequeno do princípio pensante está aliado ao infinitamente pequeno da matéria e que, para a conservação e a

reprodução das espécies essas consciências ínfimas encontraram soluções diferentes segundo as contingências que as estimulavam ou o meio no qual evoluíam ou no qual tiram seus instintos.

Os seres vivos não descendem uns dos outros, eles se associam. Mas é sobretudo na parte inferior da escala, entre os insetos, e no mistério da fecundação, que essas associações apresentam uma diversidade desconcertante, e dão prova de uma engenhosidade que confunde nossa ciência. Na parte alta, essa diversidade desapareceu, os mamíferos não são mais representados senão por um pequeno número de espécies, e adotaram um modo único de fecundação. O homem não se reproduz senão como as raças bovinas, equinas, caninas ou suínas; ao passo que os insetos, organizações já muito complexas, parecem ter-se livrado das tentativas sem número. As pulgas, os pernilongos, as formigas, os anelídeos, os mariscos, os coleópteros, dípteros, neurópteros e lepdópteros resolveram, cada um de uma maneira diferente, o problema da procriação. Mesmo espécies que se poderia crer muito aproximadas uma da outra tais como a abelha e o marimbondo tiveram uma maneira toda diferente de assegurar a vida de sua progenitura.

Ter observado tudo isso, e declarar que não há senão o efeito simples de uma propriedade físico-química seria uma pura teimosia.

Da vida nada sabemos senão que ela existe, que ela se modifica, que podemos observar seus movimentos, do que resulta que a nossa não pôde aparecer senão devido a uma longa série de modificações cujo processo de desenvolvimento do embrião conserva ainda os traços.

Mas se observamos tudo isso, é porque alguma coisa de exterior à vida existia antes dela, o dinamismo inteligente no qual

existia, como possibilidade, a primeira impulsão da consciência.

Toda vida individualizada teve um começo, todo organismo começou na Terra, mesmo a Terra começou mas, antes da formação desse planeta, já existiam astros velhos e astros recém-nascidos. Sempre houve céus estrelados.

A questão da origem do bicho humano se prende ao conhecimento de nossa evolução. A criação opera hoje, como sempre operou, ela é sempre atuante e eterna. O primeiro homem não pôde aparecer em uma região determinada. A vida terrestre começou por uma quantidade de manifestações protoplasmáticas das quais saíram seres simples, que se multiplicaram e terminaram por se associar, que se especializaram, achando vantagem em se unificar em organizações mais complexas que representavam a soma de uma quantidade de vidas anteriores que, seguindo certas afinidades, operaram a soldadura. É sobre toda a superfície do planeta que a substância psíquica bruta teve que despertar, é a totalidade do globo que foi o teatro dessa evolução, a animalidade superior preparou, para nós, os instrumentos de visão, de audição, etc., que constituem a vida dos sentidos, indispensável à eclosão da vida mental e o homem terminou por aparecer em todas as regiões da terra habitável. Essa verdade escondida já estava no texto da Bíblia quando se diz que Deus deu peles de bichos para nos cobrir.

Ou seja, o espírito encarnou na matéria viva; toda a obra da criação é uma materialização lenta, que se repete mais rapidamente no nascimento da criança. É aí que a espiritualidade começa, a alma vai tomar corpo, é em um organismo psíquico já preparado de longa data que ela inicia. Chegamos aqui ao nascimento da alma como fala São Paulo, quando ele diz que o homem nasceu da obscuridade. É que a alma está ainda

inconsciente. Observemos que a palavra latina empregada por São Paulo — (*in ignobilitate*) — pode muito bem se traduzir pela inconsciência original, o estado obscuro da alma que ainda não nasceu, porque ela não sentiu, ela está vazia de experiência e por consequência inconsciente. São Paulo, que conhecia bem a escola de Alexandria, parece já ter compreendido a bela filosofia moderna exposta pelo Dr. Geley em seu livro: do Inconsciente ao Consciente. Aliás, ele conhecia todos os mistérios, mas não no-los dá como vindo do Cristo.

Compreende-se que os que tinham responsabilidade moral não tenham incluído em seu ensino essa doutrina evolutiva inacessível ao vulgo. A lenda de Adão, suscetível de ser interpretada de outra maneira no ensino oral, era talvez muito sensata em outros tempos e com outros costumes, era talvez uma grande força para as autoridades de deixar crer que o primeiro homem, tendo conhecido Deus no Paraíso Terrestre, era de lá que vinha a verdade revelada, cujos padres tinham podido conservar a tradição. Moisés também tinha conversado com Deus, obtido tudo dele; mas com o novo Testamento a lei torna-se flexível e isto é extremamente notável, Jesus não deixou escrita nenhuma palavra da lei.

Mas o princípio de autoridade recomeçou mais tarde a se apoiar nos textos de origem divina, isso foi no século nove para sustentar o dogma da soberania temporal. É preciso remontar a instituição dos papas aos primeiros tempos da nova Igreja, ao detentor da palavra divina; São Pedro tinha conhecido o Cristo, era a ele que precisava ser atribuída a soberania de Roma, e como a instituição do papado não aparecia de forma nenhuma na vida de Pedro, nem na de seus sucessores, Roma teve a má inspiração, por volta do século IX, de confeccionar arquivos, bem conhecidos

hoje, sob o nome de falsos decretos. É no mesmo estado de espírito que em épocas lendárias imaginava-se uma árvore genealógica que atribuía uma origem divina à autoridade reinante. Todo rei descendia dos deuses. Hoje os teólogos gostariam que suas afirmações mais imprudentes tivessem uma origem sobrenatural, e isso será a morte do dogma, pois a natureza nos divulga seus segredos.

A verdade é que a primeira manifestação da força criadora foi como uma poeira de vidas que se elevavam de toda parte do planeta e saíram, penosamente, de seu período de inconsciência. Tomemos uma espécie qualquer, ela não tem antepassados que se lhe pareçam se adentrarmos na noite dos tempos. Sua forma atual é o resultado de progressos sucessivos que se realizaram no tempo e ao qual concorreram uma quantidade de vidas anteriores que existiam outrora em organizações menos ricas e menos complexas.

Assim, se quiséssemos remontar a pista dos ascendentes do homem, perceberíamos bem rápido que ele é o produto de uma multidão de alianças e que ele tem milhões de avôs; toda pesquisa de filiação se espalharia ao infinito para levá-lo à sua raiz, que não é um primeiro germe mas um cabeludo cujas fibras englobam o mundo inteiro.

Darwin abordou esse problema mas está longe de ter resolvido o enigma. Ele nem tentou estabelecer a árvore genealógica de uma espécie qualquer, nem procurou a origem das espécies, ele somente procurou a causa de suas mutações e suas observações conservam todo seu valor; mas ele falou como naturalista, é tempo de falar como metapsiquista; a causa dessas modificações é de ordem psíquica. O movimento evolucionista progride sob a impulsão do dinamismo inteligente que o

condiciona e o progresso nos mostra que essa impulsão é permanente. Não se pode mais negar a presença da força que se esconde na matéria viva. É essa força com a qual o ser se identifica que faz com que não haja ponto de solução de continuidade na vida consciente, que abandona um órgão para reconstruir um outro, de sorte que a individualidade se mantém no campo de força onde está imersa no corpo etéreo.

A Palingenesia, isto é, o recomeço de uma vida que reencarna na matéria, é a única explicação possível da conservação das espécies e de sua marcha para o progresso. Com ela se explica tudo, sem ela tudo retumba na obscuridade.

Capítulo IX

A DOCTRINA DAS REENCARNACÕES

A honra de tê-lo ressuscitado pertence à França. É uma glória que nos era devida, pois essa nobre crença fez a força e a grandeza de nossos pais. Falamos do dogma da reencarnação das almas, do retorno à vida terrestre dos homens que já viveram.

EUGENE NUS

Não há criações espontâneas, por consequência não se vê como seria possível imaginar uma outra teoria senão a da reencarnação para explicar o homem em Deus.

A obra criadora é uma encarnação do espírito na matéria, logo todo ser complexo é uma reencarnação, já que esse ser conhecia o uso de seus órgãos; essa memória dos órgãos foi adquirida no decurso das vidas anteriores, a menos que suponhamos que Deus tenha tido o capricho, em um certo dia, de fazer um milagre, e criar, tudo a partir de uma peça, os antepassados de todos os animais que Noé teve que encerrar em sua arca.

Não podendo crer em semelhante fenômeno, somos obrigados a supor que nossa primeira encarnação foi, na origem, sem precedente, isto é, senão uma espécie de matéria psíquica

bruta que esperava no invisível, a ocasião de uma excitação qualquer para tomar consciência de si mesma; isso foi o começo de uma individualização, todas as formas que ela revestiu desde quando foram reencarnações.

Mas acabamos de tratar essa questão das origens; tomemos o mesmo problema no homem, o mesmo raciocínio se aplicará ao nascimento da criança. Se sua alma não fosse, pelo menos, transparente na forma de vidas anteriores, as percepções orgânicas não teriam, para ela, nenhum sentido; sem memória, ela não poderia se servir de seus órgãos, não conheceria o seu uso; não poderia mesmo mamar em sua mãe.

Admitamos, se assim o quisermos, o que é contrário as nossas experiências, que não possamos obter provas da reencarnação, isso não fica menos estabelecido senão que toda outra doutrina é concebível; é preciso ver o que vale aquilo. Do ponto de vista da educação moral, jamais houve nada de mais fecundo por toda parte onde ela aparece na história, ela fez a grandeza das nações que investiram no ensino, e muito particularmente a de nossos antepassados, os Gauleses, que tiraram desse ensino seu espetacular desprezo pela morte, essa crença não enfraqueceu senão no momento da decadência dos povos, nas horas sombrias de orgia romana e na noite da Idade Média. Foi uma grande infelicidade, para o neocatolicismo que não ousou retomar, por sua conta, o ensino cristão da preexistência e das reencarnações; ensino que a Igreja deixou se perder numa época de barbárie, onde ela preferiu as ameaças do inferno à ideia evangélica.

Eu não insisto na antiguidade dessa doutrina cuja origem se perde na noite dos tempos, é a mais universal das tradições.

Plotin nos lembra no livro I das *Eneidas*: é, diz ele, um dogma reconhecido de toda antiguidade, e universalmente que, se

a alma comete faltas, ela é condenada a expiá-las sofrendo punições nos infernos tenebrosos (no negro diriam os crentes), depois ela é admitida a passar em novos corpos para recomeçar suas provas. E ele diz mais: “Cada um tem a sorte que lhe convém e que é harmônica com seus antecedentes.”

A lista dos grandes pensadores que aceitaram essa doutrina, nos tempos modernos, é verdadeiramente muito longa para ser citada: Fournier, Pierre Lerroux, Henri Martin, George Sand, Lamartine, Victor Hugo, etc., mais sobretudo Jean Raynaud que escreveu um livro (Terra e céu) para demonstrar o perfeito ordenamento e a lógica, esse livro forçava a admiração de Armand Barbès.

A ideia reencarnacionista não encontra objeção senão da parte dos que fazem uma ideia falsa, pois ela não é sempre compreendida. Ela não é somente satisfatória para a razão, mas ainda está de acordo com todas as ciências naturais, na condição de não confundi-la com a metempsicose. Não se supõe que as almas trocam de corpo, mas admite-se que elas encontram, em seu perispírito, o suporte indispensável à conservação da consciência adquirida e que esse núcleo, alma e perispírito, uma vez individualizado, é capaz de reconstruir um corpo semelhante ao precedente, assimilando a substância orgânica que ele tira do seio de uma nova mãe. Ele refaz assim o que já fez e isso está conforme às leis da natureza, pois que toda vida é um recomeço, o embrião traz em si, os traços fisiológicos de seu passado e de seus progressos. É uma nova edição revista e corrigida das formas antigas.

Os fisiologistas nos ensinam, com efeito, que o desenvolvimento do feto, no seio da mãe, não faz senão repassar, um tempo muito curto, pelas prodigiosas etapas que uma

evolução anterior tinha colocado nos séculos a percorrer. Para que isso tenha sido possível foi preciso, necessariamente, que a vida atômica, isto é, a alma obscura da célula primitiva, sobrevivesse a todas as destruições orgânicas.

O perispírito nos aparece então como o suporte da energia psíquica que mantém o progresso realizado no decurso da transformação das espécies; ele explica a marcha progressiva da humanidade, bem mais que o atavismo cujas leis não conhecemos.

O Dr. G. Geley, que tem se aprofundado na questão, demonstrou essas três proposições essenciais: 1° que a ideia reencarnacionista está de acordo com todos nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum deles; 2° ela dá a chave de uma multidão de enigmas de ordem psicológica; 3° ela se apoia em uma demonstração positiva. Hoje ela parece dever lançar uma luz sobre a ciência mais moderna e não parece que se possa lhe opor objeção séria.

Deve ser bem entendido, primeiro de tudo, que não afastamos a doutrina do transformismo evolucionista tão bem apoiado em fatos de observação, que ela não é mais contestável. Por outro lado, admitimos que, durante a vida como após a morte, a alma se banha no dinamismo inteligente, princípio de toda vida consciente. Mas não aceitamos essa elucubração metapsíquica em virtude da qual o indivíduo mergulharia, por intermitência, nesse oceano de onisciência que seria a vida universal, e que colocaria o homem em relação com o absoluto, isto é, com Deus.

Não se afirmou que essa teoria seria mais vantajosa porque, sendo mais ampla, ela se aplicaria a todos os fatos; mas ela é tão ampla que o homem aí se esvaneceria, ele não retornaria e, mesmo que essa hipótese seja um descanso para a acomodação dos inventores de sistemas, repudiamos esse misticismo

metapsíquico que toma sua fonte na imaginação e que não responde aos fatos; é preciso sempre se reportar aos fatos.

Não partimos dessa hipótese mas do axioma irrefutável de que o homem é uma emanção do princípio inteligente que o criou. Para o resto, nosso ponto de partida será o estudo do homem, isto é, um simples ramo da história natural.

Não sabemos o que é a vida, mas podemos ver como ela se comporta. O que nós vemos de nossa existência não é senão um pequeno fragmento compreendido entre o berço e o túmulo. Começamos no berço; eis aí uma criança que nasce, é admissível que ela venha ao mundo pela primeira vez? Toda a fisiologia, de acordo com a embriogenia, protesta contra a possibilidade de uma aparição espontânea de órgãos complexos no seio da mãe e que teriam chegado a um desenvolvimento completo antes de ter jamais funcionado. Deve-se sentir o absurdo desse órgão precedendo a função sem que esse sujeito necessite de mais longos desenvolvimentos. É suficiente fazer notar que segundo a velha fisiologia clássica, que explicaria a formação de órgãos para a multiplicação das células, o ato da fecundação não produziria outra coisa senão um tumor plasmático.

Mas, um órgão especializado em uma função, um instrumento tão complicado quanto o aparelho visual, como poderia se formar, e evoluir, em um meio onde não serve para nada? Forçoso para nós é supor que o dinamismo vital, aqui, somente recomeça uma construção aprendida no exercício de vidas precedentes. É uma adaptação que não pôde se realizar senão no decurso dos séculos, a vida animal criou essa função, preparou esse órgão antes que o homem aparecesse.

Não é preciso se deixar perturbar por essa similitude de nossos órgãos com os dos animais, isso não implica a

descendência; mas não há duas sortes de dinamismos, um para sustentar a vida animal e um para sustentar a vida humana, sem conhecer o mistério que nos aproxima de nossos irmãos inferiores, reconheçamos que entre nosso olho e o de um cão não há diferença, não há duas maneiras de ver e não há, pelo menos nos mamíferos, dois modos diferentes de perpetuar a vida. Não insistamos.

A ideia que fazemos da criação é a da evolução lenta. Haveria, na base da vida, uma forma de elemento psíquico, bruto, uma sorte de duplicidade da matéria (força e matéria inseparáveis) tendendo à vida e dando nascimento ao indivíduo. A evolução do corpo e da alma se faziam um no outro e um pelo outro. O que explica a formação do corpo psíquico nos elementos tomados do éter, já que o corpo etéreo não é mais para nós uma hipótese e que a doutrina espírita admite três elementos: O Corpo, e Perispírito, a Alma. Se os dois elementos, alma e perispírito, não fossem duráveis, jamais teria havido o progresso das espécies; supondo que as forças da natureza possam animar o protozoário, a evolução não iria mais longe e cada vida recairia na morte.

Não é assim, cada vida se eleva acima da precedente e é assim que o progresso se afirma, nada se perde, e os seres, fossem eles apenas conscientes, restam sempre, de uma vida a outra, alguns elementos adquiridos fixados na memória. No homem a lembrança de vidas passadas se manifesta raramente. Ela apareceria, entretanto, mais frequentemente nas crianças mortas em tenra idade. A lembrança que têm certas pessoas de lugares que jamais visitaram não tem grande valor comprobatório, ela o tem, entretanto, quando essa lembrança se aplica aos eventos contemporâneos de anos anteriormente vividos e seriamente controlados. Sem apoiar nossa doutrina em constatações dessa

natureza, ela tem, porém, em alguns casos, uma confirmação séria.

À preexistência está ligada à lei do Karma, segundo a qual as dores da vida presente corresponderiam a faltas cometidas em nossas vidas passadas. Objeta-se a isso que se não temos a lembrança do passado, não sabemos porque somos punidos e que nessas condições não melhoraremos. Isso é considerar tão baixa a noção de justiça imanente quanto conceber assim no plano de nossa pobre justiça humana. Essa ideia de que cada falta corresponde a uma expiação cujo valor poderíamos consultar é ingênua e bem afastada do progresso. Se só fizéssemos o bem para não sermos punidos isso não teria nenhuma relação com a moral. A lei de Karma nos faz passar pelas provas mais úteis ao nosso avanço e isso é tudo. Não somos impulsionados através da expiação, somos impulsionados através da experiência.

É com liberdade que devemos evoluir, já vimos alguma vez um ladrão profissional renunciar a um assalto fácil porque ele seria preso? Já vimos alguma vez um jogador renunciar ao jogo porque ele perdeu? Não, nós nos moralizamos a nós mesmos, no contato com as provas de que está cheia a vida, o progresso consiste em querer o bem, e não evitar o castigo; a alma deve se melhorar, de uma vida a outra, porque ela retorna mais forte, mais apta, mais potente na proporção de seus esforços. E depois, não sente a impossibilidade de uma vida de sociedade com as lembranças do passado; se nós nos lembrássemos, os outros também se lembrariam, então...? Não, não, o grande benefício da morte é apagar os traços de um passado do qual ficaríamos envergonhados. Não se pode viver uma vida normal com um atestado de antecedentes criminais.

Aliás, a justiça imanente não é forçosamente pessoal, há uma solidariedade entre os homens; nós a compreenderíamos se

pudéssemos lançar um olhar no conjunto do mundo, um olhar para trás no tempo. Somos solidários em tudo o que nos cerca, na família, na nação. Livres de fazer o bem ou o mal, nós nos modificamos constantemente ao contato de nossas companhias e, pelo único fato da experiência adquirida, reencarnamos com uma força aumentada, melhores intuições, aptidões desenvolvidas pelo trabalho, uma inteligência mais lúcida e é a razão pela qual cada criança que nasce representa um valor diferente ao vir ao mundo. Se não admitirmos que a vida seja esboçada progressivamente e por etapas, então Deus teria esperado, para criar as almas, no momento do nascimento. Digam-nos onde isso nos conduz e qual o papel que se faz desempenhar a Divindade, supondo que ela colabora com o homem, quando a criança é fruto do adultério, da violação ou da luxúria.

E quanta injustiça quando, duas almas igualmente inocentes, considerando que elas jamais tenham vivido, vemos uma na miséria, não tendo senão o vício por exemplo, e a outra em um meio intelectual, de pais ricos, o que não a impede de se tornar um pequeno delinquente que faz o desespero de sua família. Mas o verdadeiro argumento, nós o assinalamos acima, é a impiedade suprema que supõe a potência criadora esperando a aproximação dos sexos para sancionar por sua intervenção direta, o ato de perversão. Pode-se desafiar a teologia a sair desse dilema ou então Deus é um monstro ou a criança que vemos não é uma alma nova.

Aliás, podemos apresentar a mesma objeção diante da filosofia. Sem antecedentes, uma alma capaz de viver somente a da vida animal seria uma coisa inconcebível. Seria uma alma à qual seriam necessários longos anos para adquirir a sensibilidade; vazia de lembranças, vazia de sentimentos, incapaz de compreender e de comparar, ela não teria nenhuma noção do

mundo exterior; pois que, não tendo jamais sido posta em relação com a matéria, a linguagem dos sentidos não teria nenhuma significação para ela. Não seria em alguns anos senão um pequeno pacote de carne inerte e não um Pascal ou um Mozart. Em uma consciência que não foi ainda mobiliada, não seria capaz de ter dons inatos. Do momento em que uma criança entra na vida com a aptidão de ver e de sentir, é que ela viveu precedentemente. Mesmo supondo que a vida animal nos tenha preparado o terreno, a alma teria tido necessidade de uma longa prática para se adaptar às sensações e aprender ao que elas correspondem. Sem as vidas anteriores o pinto que sai de seu ovo, seria incapaz de manter seu equilíbrio, a criança não poderia mesmo mamar em sua mãe.

Há na parte animal do nosso ser alguma coisa como a alma dos órgãos; não esqueçamos o papel do Perispírito que é como um agente de ligação entre a vida animal e a vida do espírito. Sem os elementos vitais acumulados desde séculos no Perispírito, o ato de fecundação não produziria senão um tumor, alguma coisa amorfa e destinada ao aborto.

Algumas pessoas creem ainda que houve almas originais e perguntam: De onde provêm as almas que animaram os primeiros habitantes? Mas jamais houve primeiro habitante na Terra, tudo é produto da evolução; a força criadora fez surgir a vida de toda a superfície do globo, as espécies são formadas de si mesmas e por suas próprias forças; Deus jamais teve o capricho de criar o primeiro coelho, o primeiro cavalo ou o primeiro homem. “A mais alta ideia que se possa fazer de um organizador, é supô-lo formando um mundo capaz de se desenvolver por suas próprias forças e não por contínuos milagres” (Léon Denis).

Um erro em que não podemos acreditar, é o que supõe que a

reencarnação é um círculo fechado, que os homens nascem, morrem e reencarnam perpetuamente. Nessa ordem de idéia haveria uma superpopulação, o planeta se tornaria totalmente povoado, e chegaria um momento em que não haveria fetos disponíveis para todo o mundo. Aí está uma maneira mesquinha de se compreender o movimento evolucionista. Todos os rios se lançam no mar sem que este transborde, o oceano espiritual é bastante largo para absorver plenamente todas as almas; aqueles que reencarnam não têm acesso à vida espiritual.

Os que, tendo vivido exclusivamente a vida dos sentidos, representam os resíduos de uma humanidade insuficientemente evoluída, recaindo no aterro sanitário terrestre. Os outros, os homens superiores, não os revemos e isso explica naturalmente a constante mediocridade de nosso meio terrestre.

O receio de reencarnar em uma outra raça, o receio que os espíritos mal intencionados introduzem, para fazer a perturbação em uma honesta família, é um receio quimérico porque não é aí, sobretudo, que a lei do Carma age de uma maneira efetiva presidindo às reencarnações, não encarna quem quer, nem onde se quer; é uma lei de afinidade que permite a cada um entrar no meio que está em harmonia com seus antecedentes. É hoje, é na prova presente que determinamos a sorte que nos convirá, de acordo com a lei do Carma que opera automaticamente, e é aos erros de uma vida passada que ela permite atribuir as aflições da vida atual. Todavia, é preciso se resguardar de julgar seu próximo sob tais aparências; se a morte apagou tudo, devemos fazer como ela e esquecer o passado.

É possível fazer, afinal, que os estropiados, os idiotas e os impotentes tenham que expiar alguma coisa de seu passado, é possível que eles sejam o que fizeram a si mesmos; seu estado

presente tenha talvez realizado um progresso em relação à vida anterior, e não temos que julgar isso mas, em todo caso, se há acidentes na natureza, se há vidas falidas, seria injusto que elas não tivessem mais o meio de evoluir, uma nova encarnação lhe oferecerá possibilidades de recomeçar uma vida melhor.

Não haverá teoria que explique melhor como a das reencarnações a indiferença da Natureza diante da morte. Frequentemente, as catástrofes só são terríveis para os vivos, a morte é doce para aquele que não quis vir e seu sonho, no Além-túmulo, o mergulha no encantamento.

É preciso agora respondermos à grande objeção mística da reabsorção no grande Todo. Seria o fim necessário para o homem que cessaria de reencarnar, isto é, seu fim individual, seu aniquilamento. Se isso tivesse que acontecer seria em alguns bilhões de séculos. Por que, se pergunta, o mergulho no oceano místico, apesar disso ser incompatível com o fato das vidas sucessivas? Pois que a evolução começa em baixo na escala e que as espécies que recomeçam, acima de tudo tantas destruições orgânicas, nos fazem ver, por um progresso constante, que os animais em si mesmos não morrem inteiramente, pergunta-se por que o homem, provido de um corpo psíquico, desapareceria no infinito como uma gota d'água no oceano? A experiência nos mostra que o ser mais ínfimo conserva sua vida e continua a de organizador, que a morte não o atinge, que a força criadora mantém eternamente a impulsão que ela dá à vida do menor inseto privado de seu corpo, e o homem, privado do seu, seria uma exceção na natureza? Se as almas, privadas do corpo espesso, deviam reentrar no oceano espiritual, elas aí reentrariam muito mais cedo, desde o começo da evolução, e se se prestasse à natureza o poder de animar um protozoário, ela produziria

eternamente protozoários e jamais nada a mais, a morte fazendo reentrar o elemento etéreo no grande todo.

Mas, já que o elemento etéreo se organiza até formar um corpo humano, por que supor que esse corpo etéreo se dissolva? Um caranguejo, vendo uma medusa, poderia afirmar que esse corpo, transparente como um líquido, vai se fundir no mar. Aquele que crê na reabsorção raciocina como esse caranguejo.

O homem organizado sendo força e matéria, a matéria desaparece e a força permanece, ao passo que o órgão etéreo, o perispírito, o corpo astral mantêm a coesão do edifício mais sutil que assegura a permanência dessas lembranças e da consciência individual. A alma, assim provida, poderá banhar-se em um dinamismo superior, inteligente e consciente, ela não se esvanecerá aí.

Para compreender a necessidade das reencarnações é preciso admitir o transformismo evolucionista, é preciso constatar o progresso lentamente realizado através de todas as formas vivas. A fisiologia e a embriogenia não nos permitem crer na aparição espontânea de organismos complexos que não tenham passado pela longa fieira das evoluções sucessivas, à formação, mesmo em nove meses, de um aparelho que jamais tenha funcionado. Cabe a esses que creem no milagre nos dar uma explicação aceitável dos fatos observados, estamos todos prontos a aceitá-la se for tão satisfatória quanto a nossa. Para nós uma só existência é insuficiente para o desenvolvimento espiritual e moral do ser. Diremos como o Doutor Geley: “Encerrar toda nossa vida material na duração média de meio século passado em nosso planeta é tão infantil quanto fazer como outrora, ter nesse planeta o universo inteiro.”

Nenhuma doutrina é mais bela nem mais explicativa que a da

reencarnação, junto com a noção da evolução anímica caminhando de par com a evolução orgânica; nada está mais de acordo com as ciências e com a concepção tão grandiosa da unidade e da universalidade da vida. Ela explica tudo, ela abrange tudo, sintetiza tudo. Sem ela não se compreende nada. Léon Denis dizia: “Sem a lei das reencarnações, é a iniquidade que governa o mundo.”

Capítulo X

O ALÉM-TÚMULO

Os dois mundos foram criados pelo mesmo autor, que se nomeia “A Matéria” ou “Deus”.

JAMES HYSLOP

Jamais se dirá o quanto o além-túmulo é uma coisa simples e natural. Uma vida fora dos órgãos dos sentidos pôde parecer, aos fisiologistas, ser uma invenção paradoxal. É porque no além-túmulo eles não levam em conta nem o meio nem o corpo etéreo.

Entrar no além-túmulo não é se elevar no espaço, é simplesmente trocar de órgão. Se observarmos por um telescópio astronômico com a ocular terrestre, veremos as coisas da terra; se trocarmos a ocular, perceberemos as coisas do céu. Nossa concepção do além-túmulo é também muito simples. Temos dois meios de perceber um, que convém à observação dos objetos materiais, o outro, que se adapta aos movimentos do pensamento e à visão subjetiva. O corpo é o objetivo terrestre, impróprio à observação das estrelas.

Não é mais permitido crer que o movimento das ideias seja o produto de uma atividade físico-química, e que estas saem, como o gás se libera da combustão do carvão.

O Espiritismo, ciência nova, positiva e experimental,

transportou o problema do terreno religioso, onde os teólogos pretendiam mantê-lo, para o domínio da observação empírica porque, em nossos dias, na falta da fé religiosa, não há mais senão a manifestação positiva que possa tirar a humanidade de sua indiferença, e da imoralidade onde ela parece se comprazer.

Para provar que a vida é possível fora dos órgãos é preciso mostrar que a alma pode atuar fora do corpo, e é preciso provar que a sensibilidade não está ligada aos órgãos. É o que provou a exteriorização da motricidade e da sensibilidade, que tão bem estudou o Sr. Coronel De Rochas. Hoje, os órgãos não são mais senão instrumentos de transmissão, e os metapsiquistas são obrigados a reconhecer que ao lado das percepções materiais há uma sensibilidade específica, que atinge a alma e que lhe traz informações sem nenhuma participação dos sentidos. E isso é suficiente para provar que a alma é independente do corpo, e que os sentidos não lhe são indispensáveis para se criar uma vida de relação com o mundo visível e invisível. Os espíritas foram os primeiros a compreender o valor da experimentação objetiva e Allan Kardec deu uma base científica ao conhecimento dos fatos tradicionais sobre os quais se apoiaram todas as religiões.

“O Espiritismo — diz ele — procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, que ele aplica o método experimental: Fatos de uma nova ordem que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, os compara, os analisa, e, dos efeitos remontando às causas, chega à lei que os rege; depois ele deduz as consequências e pesquisa as aplicações úteis. Ele não estabelece nenhuma teoria preconcebida; assim, ele não coloca como hipótese, nem a existência nem a intervenção dos espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da doutrina; ele concluiu pela existência dos

espíritos quando essa existência ressaltou com evidência da observação dos fatos e assim de outros princípios. Não são os fatos que vieram após abruptamente confirmar a teoria, mas a teoria que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos.”

Isto foi escrito em 1868, e no entanto, é uma censura que se faz constantemente ao Espiritismo de ter nascido da necessidade de se crer, de não ser senão um retorno atávico às aspirações místicas da velha humanidade.

Esses críticos, que jamais leram uma obra séria sobre o Espiritismo, acreditam também achar uma prova de nossas aspirações sentimentais, em fato que nós afirmamos nossa crença em Deus.

Mas nossa crença em Deus não é mais mística, nem menos científica, do que nossa concepção do além-túmulo tal como nós acabamos de definir. Nós temos, à escolha, três palavras para colocar no topo da criação de Deus, Causa primária ou força cósmica. Essas três palavras são sinônimas e designam absolutamente a mesma coisa. Deus não se define, ele é inconcebível. Mas a Força também é invisível e escapa ao conhecimento humano. A ciência prefere a palavra força, somente como ela subentende, por aí, que, tanto como causa primeira, ela é inconsciente; ela define o que não tem o direito de conhecer e como mantemos o postulado da razão, que toda força inteligente procede de uma causa inteligente, nós estaremos perto da verdade preferindo a palavra Deus.

Se a ciência, pretensa positiva, pudesse nos dizer em qual boa razão ela se apoiou para concluir na inconsciência da causa primeira, poderíamos nos inclinar mas, considerando esse dia distante, a hipótese mais lógica permanece somente admissível.

Dito isto, retornemos ao plano material, o único que se oferece à experimentação. As experiências feitas com os sonâmbulos e nos estados de hipnose já nos permitiram constatar, no homem vivo a independência da alma e do corpo. Não há então nenhum obstáculo a que a alma sobreviva, lembrando todavia que a alma jamais é nua e que seu corpo invisível limita sempre o campo de força que a mantém em sua unidade. Daí vem a possibilidade, para os que estão separados do corpo, de agir sobre a matéria orgânica.

Incrédulos, ponham um véu em suas faces, mas escutem com seus ouvidos! No estado de exteriorização o homem vivo pode produzir todos os fenômenos que chamam de sobrenaturais desde que eles parecem provir de desencarnados. O corpo etéreo é capaz de transmitir à distância o dinamismo específico da alma, ele pode agir sobre os órgãos estranhos de suas peregrinações no espaço, pode trazer sensações visuais e auditivas, facilmente verificáveis, e em circunstâncias bastante raras, pôde constatar que a escrita automática não tinha outra causa senão um pensamento emitido no instante em que o médium escrevente, o fixava inconscientemente sobre o papel.

Em muitos casos a telepatia é suficiente para explicar os fenômenos. Não é o cérebro do sensitivo que é atingido, são os centros secundários, os da visão, da audição, do movimento, etc., que percebem telepaticamente e que executam mecanicamente.

Isso não difere da ação fisiológica normal, pois que é suficiente pensar em um gesto para que ele se efetue na completa ignorância, onde está a maior parte dos homens, do organismo que eles colocam em movimento somente na mediunidade, o pensamento é percebido telepaticamente, e o órgão secundário obedece automaticamente. A ideia iguala a ação. Pelo único efeito

da ideia transmitida tem se podido obter aparições. Entre duas pessoas vivas, a concentração do pensamento de um pode produzir, sobre o outro, o efeito de uma aparição visual. Eis aí em que consiste as operações do além-túmulo.

O além-túmulo não está no alto; ele está no homem corporal tão bem como no que deixou seu envelope. O além-túmulo é muito simplesmente o que está além de nossos sentidos, fora de nossas percepções comuns. Assim os dois mundos se interpenetram ou antes não há dois mundos, não há senão uma modificação em nossa maneira de perceber.

Os ignorantes, os indiferentes e os incrédulos fazem outra ideia completamente diferente do além-túmulo que eles qualificam de sobrenatural, e mesmo os científicos parecem ignorar as explicações simples e racionais que os espíritas dão de todos os fenômenos transcendentais do psiquismo. Coisa curiosa, eles não querem acreditar na origem exterior de certas comunicações, porque procuram uma explicação fora do sobrenatural para eles, o além-túmulo é ainda um mundo celeste. Eles são visivelmente vítimas de sua imaginação sempre presa às velhas concepções religiosas. São eles os místicos; eles não podem fazer ideia de que o além-túmulo está entre nós.

Quanto aos crentes, eles vivem com a ideia de que o homem deveria transpor, de um só salto, toda a distância que separa a besta humana do mundo angélico, e se revoltam com o pensamento de um além-túmulo não muito diferente de nosso meio terrestre. Não compreendem que objetos, criados pelo pensamento, se apresentam, com todas as aparências de uma realidade concreta. Está, entretanto, aí, uma das faculdades da alma constatada no homem vivo nos estados hipnóticos. Não fazemos distinção entre os efeitos produzidos por um

magnetizador terrestre ou um magnetizador desencarnado. O dinamismo do órgão perispiritual age da mesma forma no corpo e fora do corpo. Não há senão a natureza de nossas percepções que mudam porque, então, a alma enxerga através de uma outra luneta.

Não se deve admirar quando os espíritos nos dizem que seu mundo é um pouco parecido com o nosso, que têm jardins e flores espirituais, habitam casas reais, têm livros, cultivam artes. Talvez, não sejam analogias, mas devemos crer que, sem objetos reais ou alguma coisa de equivalente, a vida seria um nada fazer no além-túmulo, seus habitantes não teriam uma vida possível, senão nessa condição. Isso pareceria, aliás, um pouco menos fastidioso que o Paraíso das pessoas piedosas que não aspiram senão a assistir, durante a eternidade, a uma perpétua grande missa.

O além-túmulo estando entre nós, ficará entre nós no momento da morte. Fica-se um pouco perturbado pela mudança de cenário.

O corpo astral aparece ao desencarnado com a mesma visibilidade que o corpo terrestre do ponto de vista intelectual e moral, o homem permanece o que ele é; ele não se torna um santo, nem um sábio; ele tenta compreender a situação. O incrédulo, que se sente vivo, não compreende nada do que lhe acontece; ele atribui seu novo estado a um sonho ou a sua doença, e trata como loucos ou como brincadeiras más, os que tentam persuadi-lo que está morto. A memória terrestre se atenua e a preocupação do último momento predomina tudo, ela se torna uma obsessão. O monge ou a religiosa que morrem com a idéia fixa da expiação, crêem-se estar no purgatório, eles dão as razões mais fúteis; todavia, se os interrogamos, eles confessam espontaneamente que o purgatório é bastante ameno. Conforme o ensino dos espíritos, o

sono poria fim a essa perturbação e os amigos ou espíritos tutelares, aguardariam o momento do despertar para iniciar a nova vinda a esse novo modo de existência.

No momento em que não observarmos mais o invisível como um mundo sobrenatural, ficaremos menos chocados com a vulgaridade de certos detalhes que acabamos de mostrar. O meio etéreo não seria senão uma duplicidade das coisas da terra, e existiria como uma réplica dos objetos materiais, e mesmo esse duplo não seria, para os espíritos, senão uma aparência criada pelo pensamento dos homens. As vidas inferiores em si mesmas teriam sua representação anímica no mundo que não vemos, elas têm sua forma fantasmagórica, há almas animais, há alma por toda parte, não há senão um único dinamismo para animar toda a criação, há vida em todos os graus e, guardada a proporção, o homem não é o único a ter uma alma.

Por que — perguntava Carl du Prel —, por que o privilégio da alma seria para burros de duas patas e recusar aos que têm quatro? E essa reflexão judiciosa parece perfeitamente confirmada pela experimentação pois, nas sessões de materialização, têm-se visto e tocado formas animais.

Não poderia então mais ser questão de uma vida puramente espiritual que continuaria fora dos órgãos, pois que o corpo perispiritual é um órgão que permanece inseparável da alma individualizada que, desde o começo de sua evolução, presidiu seu desenvolvimento e seu progresso. Conhecemos agora a possibilidade de uma nova forma de vida em um meio cuja objetividade seria mais real do que não é, para nós, nosso mundo material, em um além-túmulo cheio de todos os objetos necessários ao exercício das faculdades intelectuais, e onde nosso espírito possui um sentido mais lúcido, permitindo-lhe relações

mais estendidas em um plano superior da vida dos seres.

Tendo assim afastado a objeção de impossibilidade, tendo constatado que, de uma parte a outra, existe a mesma objetividade, não é mais quimérico tentar estabelecer uma comunicação entre os dois mundos, e não se pode senão felicitar os espíritas pelos esforços que eles têm feito para lançar uma ponte sobre o abismo que parece nos separar, o que não é senão uma ilusão devida à ignorância que temos de nossas faculdades psíquicas. Adquirido esse conhecimento, podemos, pelos mesmos meios dos que foram constatados entre vivos, estabelecer uma comunicação com os que são espíritos exteriorizados. Não é mais senão um negócio de experimentação e de constatação empírica. Podemos crer na sobrevivência, porque vários dos que desapareceram têm podido nos fazer saber que eles vivem.

Capítulo XI

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Agora podemos observar um espírito não acostumado ao instrumento aí se instalar e estudá-lo.

F. W. MYERS

Não é por uma observação superficial que se estabelece a crença nas comunicações espíritas, mas por provas muito suficientes e por experiências conduzidas por homens de ciências cujos nomes estão protegidos dos reprovos habituais de ignorância, de incompetência e de credulidade. Há primeiramente, três fatos bem estabelecidos, três coisas cujas consequências serão formidáveis e cujo mérito retorna ao Espiritismo. A primeira é que o corpo pode exercer uma ação fora e além de sua periferia visível; a segunda é que o órgão invisível, que se exterioriza, é um núcleo em torno do qual células vivas vêm se agrupar e criar formas sob a influência de uma ideia. Enfim, o dinamismo psíquico individual pode influenciar um instrumento estranho, como se fosse o seu próprio.

Essas três coisas: a telecinésia, a ectoplasmia, e o automatismo explicam toda a fenomenologia espírita, mas é, sobretudo, o automatismo que apresenta as melhores possibilidades de comunicação com o além-túmulo.

O além-túmulo está em nós, tanto no homem vivo como no

ser desencarnado. A força e a matéria, que constituem o ser vivo, estão ligados, um ao outro, por um agente de transmissão que designamos sob o nome de perispírito. O perispírito, inseparável da alma, quando sai de seu envelope forma o que nós chamamos espírito. Assim, o espírito é em si mesmo força e matéria, e é nesse corpo etéreo que conserva sua individualidade.

Na matéria organizada, que constitui o ser aparente, a vontade não poderia agir sem o corpo etéreo, único capaz de contrair a célula nervosa e daí provocar o movimento. O cérebro humano é, em si mesmo, somente matéria; é um instrumento delicado, especialmente construído para ser manipulado pela força central que é o EU. O resto, isto é, toda nossa fisiologia, não é em si mesma senão uma máquina, um extraordinário conjunto de engrenagens complicadas no qual o cérebro é a mola, que a alma remonta constantemente. Esta, por intermédio do perispírito, distribui o movimento onde ela quiser, como ela quiser, acionando a mola ou moderando os reflexos.

Não podemos compreender a relação que existe entre a vontade e o ato a ser efetuado, mas o fato está aí e não pode ser explicado senão por um intermediário.

Como um elemento sutil, leve, fluídico, exerce uma influência sobre a matéria? Inútil indagá-lo, não podemos compreender. Não questionamos mais, para compreender os fenômenos psíquicos; o vapor, por exemplo, é evidentemente um agente intermediário entre o ato efetuado por uma máquina e a caldeira que está na origem de seu movimento.

Aquele que acreditasse compreender como o vapor, matéria sutil, inconstante e fluídica, exerce uma pressão formidável sobre o aço se faria iludido. Não sabemos por que um gás se dilata, constatamos simplesmente que a água aproximada da caldeira

desprende o vapor e que o vapor, posto em contato com o aço, efetua o movimento. É da mesma maneira que o agente etéreo, sensível aos impulsos da vontade, exerce sua influência sobre a matéria orgânica, onde a força se manifesta pela contração do músculo. Isso se constata e é inútil compreender por que um gás se dilata. Não é necessário conhecer a ação do vapor em uma locomotiva para montar um caminho de ferro. Nós não mais temos necessidade de conhecer os “por quês” do elemento etéreo para nos apoderarmos dessa hipótese que responde aos fatos, muito melhor do que a fisiologia clássica que não está mais de acordo com os mesmos.

Agora a questão que se coloca é esta: a faculdade que temos de estimular nossos músculos, para produzir a escrita, a palavra, o movimento, seria possível que ela agisse do mesmo modo sobre um instrumento estranho que seria o de um médium? Sim, não somente é possível, mas sim é. Há no mais baixo degrau da hierarquia anímica, consciências celulares, incapazes de pensar, mas que uma ideia anima, a da função na qual elas foram treinadas. A ecolalia, a imitação especular são os gestos que respondem a esse monoideísmo. Mas em um grau de consciência mais elevado, e sem que cérebro intervenha, a sugestão pode produzir o movimento automático em um órgão qualquer e recebem-se assim, seja pela escrita, seja, pela palavra, informações de valores diversos.

Quando os magnetizadores estudarem sem ideia preconcebida, não tiveram dificuldade para constatar uma analogia notável entre os fenômenos de hipnotismo e de Espiritismo.

E retornamos à questão: Há sensitivos que, em seu estado especial, podem abandonar um órgão particular à influência de

um magnetizador ou de um grupo de magnetizadores do alémtúmulo? Numerosos fatos empiricamente constatados nos permitem responder pela afirmativa.

A transmissão do pensamento, nos diz Flammarion, é tão certa quanto a transmissão do calor, da luz, da eletricidade e do magnetismo solar. Essa possibilidade, para um órgão, de ser influenciado por um pensamento emitido à distância, pode então ser considerada como uma forma de telepatia. A telepatia, fenômeno inexplicável, poderia ser considerada como a função natural do dinamismo psíquico que rege o mundo e abarca todos os seres. Ela explica tudo, desde o movimento universal até o individual. A planta que estende os braços em direção a uma estaca, a hera que se agarra ao muro, o ser celular que aspira à vida sempre mais alta, o homem que faz apelo à memória, que simpatiza com seu semelhante, tudo isso não é senão a função dessa telepatia misteriosa que permite ao ser consciente participar da grande unidade espiritual. Nosso organismo, isto é, nossas consciências orgânicas, que não são senão parcela integrante do todo, obedecendo à mesma lei, provam então o sentimento de atração ou de repulsão que constitui o movimento vital e sua sensibilidade responde automaticamente à ideia que se lhe apresenta.

Não sendo ainda senão semiconsciências, elas não têm nenhuma vontade que lhe permita resistir à emissão de um dinamismo psíquico.

Carl de Prel nos lembra que o magnetizador Péronnet conseguia fazer tocar alguns trechos de piano por um hipnotizado que jamais tinha aprendido. Ele punha a mão esquerda sobre sua cabeça, tocava um trecho com a mão direita, e o médium o repetia sem errar uma nota. (Péronnet. *Magnetismo animal*.) Eis aí pelo

lado experimental: mas se alguém, não tendo jamais tocado um piano, toca espontaneamente, sem a intervenção de nenhuma pessoa, eu daí concluo que um contato semelhante deve existir entre o médium e o mundo invisível porque é a única interpretação normal que se acha à minha disposição e que se apoia em um antecedente.

Um raciocínio análogo pode se aplicar a todos os gêneros de mediunidade às aparições, mesmo alucinatórias, se elas são criadas pelo pensamento de uma pessoa viva ou de uma pessoa falecida. A escrita automática pode provir de diferentes fontes mas, se a comunicação é dada em chinês, ela não pode provir senão de uma personalidade conhecedora do chinês. Se o automatismo afeta os órgãos vocais, um médium não sabendo o grego não pode dar uma réplica a seu interlocutor que lhe fala nessa língua. Poderíamos citar milhares de exemplos de manifestações desse gênero, que são suficientemente comprovantes. Pode-se recusar cada caso em particular, porque haverá sempre meio de sustentar que uma prova não é absoluta, mas recusá-las todas, isso é talvez uma atitude científica mas, infalivelmente, isso não é racional.

As provas da sobrevivência resultam de uma multidão de pequenos detalhes e de mínimos incidentes pelos quais o comunicante reconstitui incidentes de sua vida pessoal, incidentes ignorados por todos e verificados em seguida.

Eu não fiz, até aqui, senão expor uma série de fenômenos, geralmente incompreendidos, que se levantam de uma fisiologia comum aos dois planos, pertencendo ao mundo visível e invisível, enfim para ensinar aos que a ignoram, como o Espiritismo se nos apresenta com um aspecto racional, da base ao topo, os fatos se encadeiam em uma progressão sucessiva e se explicam uns pelos

outros. Julgar-se-á assim da perfeita e segura lógica e científica de uma doutrina que jamais cessou de se apoiar no fato experimental.

Poderiam me solicitar uma exposição detalhada dos fatos, se eu o fizesse, seria obrigado a reproduzir os trabalhos de meus predecessores, já impressos em um grande número de obras dessa literatura especial inacreditavelmente documentada e, depois citar fatos, não seria suficiente, seria preciso lembrar, ao mesmo tempo, a abundância de provas que os acompanham e que lhes dão todo o valor. Isso seria quase um plágio, os materiais estão aí, é a isso que quero dar conhecimento. Nesse ensaio eu não quis senão uma coisa, fazer compreender que a simplicidade e a clareza da doutrina espírita é acessível a todas as inteligências. O Espiritismo só é absurdo para os ignorantes, mas é preciso estudá-lo para conhecê-lo.

Uma das razões para as quais os céticos não levar em conta esses fatos é que um certo número entre eles dizem respeito à vida privada e que os autores da narração não têm notoriedade suficiente.

Mas é justamente para isso que se adotou o método de enquetes e que as sociedades de estudos os cobrem de uma garantia que não nos dão os particulares. Quanto a exigir, para essa sorte de fatos, provas científicas, é um procedimento retardatário. Não temos necessidade da ciência para certificar um fato. Vêm-se, nos jornais, maridos que matam suas mulheres, mulheres que matam seus maridos e, coisa bem mais inacreditável, pais que matam seus filhos; pode-se bem dizer que esses fatos não são cientificamente provados, mas ninguém é bastante tolo para colocá-los em dúvida. Esses dramas, relativamente em relação ao número da população, são menos

frequentes que as manifestações de falecidos, somente se lhes dá uma enorme publicidade; os fatos espíritas, evitamos de falar neles, aqueles mesmos que são testemunhas dos mesmos não querem que se publiquem seus nomes. Malgrado isso possuímos uma documentação enorme, da qual podem responder testemunhas honoráveis, nomes conhecidos, e que honram a ciência ou a literatura contemporânea.

Ao lado disso, não temos mesmo necessidade de enquete para apreciar o valor de certas comunicações automáticas que foram publicadas em tempo útil, e cujo texto está sempre aí. Elas anunciaram acidentes mortais antes que eles fossem conhecidos, o torpedeamento do Britânia, o complô contra o rei e a rainha da Sérvia, dois dias antes do assassinato, registros comunicados antes do crime a dois embaixadores. Obteve-se, pelos mesmos meios, produções literárias, registros sobre a vida privada de pessoas desconhecidas, etc., etc.

Entretanto, não é preciso crer que se possa tudo obter de uma conversação com o invisível; não se obtém mesmo grande coisa mas esse pouco é enorme quando nos dá somente uma prova de identidade.

Não é fácil superar os obstáculos que apresentam necessariamente meios indiretos de comunicações. Os espíritos desprendidos da carne, não podendo influenciar senão o mental de um médium, usam uma linguagem sem palavras; é preciso que o instrumento orgânico, isto é, o médium, traduza e interprete; lacunas e deformações parciais serão sempre possíveis. Nenhuma comunicação deve ser considerada como um oráculo; é preciso julgar o valor de seu conteúdo, como julgamos o valor de uma conversação terrestre. Quando em uma sessão bem conduzida, se obteve, enfim, a colaboração de uma entidade do além-túmulo, de

um guia, foi-lhe perguntado, inconvenientemente, um nome, o que, frequentemente, não se obtém senão um pseudônimo; provavelmente, essa pergunta não tem nenhum sentido, pois não conhecemos os segredos do além-túmulo; é certo que as manifestações de ordem mais elevada necessitaram de vários comunicantes. Se as influências que atuavam, no caso de Joana d’Arc, por exemplo, tivessem que explicar quem eram elas, teriam começado por um curso de metapsíquica científica, e teria sido um horroroso escândalo, o que teria tornado impossível a missão de Joana. Se as entidades diretoras não tivessem tomado emprestado as supostas personalidades de São Miguel e de Santa Catarina, os juízes de Poitiers a teriam condenado antes dela começar sua missão.

A alta autoridade que se apresentou sob o nome de Imperador ditava a Stainton Moses:

“Nós sabemos muito mais do que concerne aos homens que não nos é permitido vos dizer no momento; com efeito, não estamos aqui para satisfazer vossa curiosidade, nem para vos apresentar pontos de vista especulativos que não teriam outra consequência senão a de confundir vosso espírito.”

Com efeito, revelações sobre o além-túmulo, dadas por espíritos, seriam sobre pontos incompreensíveis para nós. Isso faria muito mais mal do que bem ao que poderia servir de revelações incontrolláveis e que, quase seguramente incompreendidas, seriam ridicularizadas pelos incrédulos? O que os espíritos podem nos fazer conhecer, são suas sensações corporais, os incidentes que acompanham sua entrada em um mundo novo. Frequentemente, também nos mostram como sentem a dificuldade das comunicações.

O grande psiquiatra, F. Myers continuou, após sua morte, a

obra à qual ele estava atrelado quando vivo, endereçando a homens de ciência que tinham sido seus colaboradores de outrora, e sabendo quais esforços de imaginação que foram feitos com o objetivo de atribuir às únicas faculdades transcendentais de médiuns, todas as mensagens do além-túmulo, ele encontrou meios desviados, e às vezes verdadeiramente complicados, para responder a toda objeção dessa natureza. Eis aqui o que dizia esse espírito de F. Myers a propósito das explicações que lhe eram perguntadas: “É tão insensato perguntar a um espírito recentemente desencarnado, para vos explicar a vida do além-túmulo, como o seria perguntar a uma criança recém-nascida para vos explicar as condições da vida terrestre”.

Esse grande espírito que, quando vivo, era autoridade em matéria de ciência metapsíquica, sábio investigador das faculdades humanas, que foi F. W. H. Myers, tinha obtido provas da identidade de espíritos que se manifestavam ao curso de sessões cientificamente organizadas; ele chegava a uma plena convicção que formulava assim: “A prova está feita.” Pela observação direta, está provado para mim que certas manifestações de individualidades centrais, associadas atual ou anteriormente a organismos definidos, foram observadas independentemente desses organismos, seja durante a vida destes últimos, seja após sua morte.¹⁰

Observemos, ainda uma vez, que a afirmação do sábio observador, quanto à independência do pensamento e dos órgãos, traz tanto sobre o homem vivo quanto após a morte.

Myers está morto, ele sobrevive no além-túmulo, e continua, para seus amigos, a confirmar as provas adquiridas em comum

¹⁰ MYERS, F. W. H. *A Personalidade Humana*, p. 33.

por seus trabalhos de outrora, empregando os mesmos métodos. Ele se manifesta particularmente a Sir Oliver Lodge ao qual facilita a correspondência com seu filho Raymond. A operação está longe de ser simples, quatro agentes, sem contar O. Lodge, trabalham na comunicação. Os espíritos elevados como Myers e Raymond, não têm como ponto de apoio a matéria orgânica; entre eles e o médium, a Sra. Leonard, há então um intermediário; é o espírito guia, Féda, que transmite as perguntas e as respostas. Myers e Raymond discutem juntos sobre os assuntos propostos, dão sua opinião, depois é Raymond que fala por intermédio de Féda que, ela pode influenciar o instrumento orgânico, isto é, o médium.

O processo, como se vê é um pouco complicado. É importante dizer que, bem antes da guerra que levou o jovem Raymond, o espírito de Myers jamais tinha cessado de se manifestar.

Para tomar emprestado sua própria linguagem, a individualidade central, associada outrora ao organismo definido, Frédéric Myers, se manifestou a seu turno, após sua morte, como resulta do testemunho já antigo do grande físico, que merece ser citado.

Eis o que escrevia Oliver Lodge:

“Descobrimos que amigos defuntos, dos quais alguns nos eram bem conhecidos e tinham tomado uma parte ativa nos trabalhos da Sociedade durante sua vida, especialmente Gurney, Myers e Hodgson afirmam constantemente se comunicar conosco, na intenção bem convicta de provar pacientemente sua identidade, e de nos dar correspondências cruzadas entre diferentes médiuns. Descobrimos também que eles respondem a questões específicas de uma maneira característica de suas personalidades conhecidas e que dão testemunho de conhecimentos que lhes são próprios.

Não fazemos essa confissão, acrescenta Lodge, nem muito facilmente nem muito cedo. Malgrado longas entrevistas com o que

afirmava ser a inteligência sobrevivente desses amigos e investigadores, não estávamos de nenhuma maneira convencidos de sua identidade por uma simples conversação geral, mesmo quando ela era de caráter amigável e íntimo, tal como seria suficientemente hábil a nos convencer, sem hesitação possível, da identidade de amigos com quem conversamos ao telefone, por exemplo, ou por meio de cartas datilografadas. Queríamos uma prova definitiva, irrefutável, uma prova tão difícil mesmo a convencer quanto a fornecer.”¹¹

Esses exemplos devem ser suficientes para mostrar que não são somente pessoas sem conhecimentos especiais que testemunham comunicações espíritas com provas de apoio, o fato é admitido e sempre estudado em alto grau, somente que ele é incompreendido e ridicularizado; é preciso heroísmo, da parte de um homem de ciência, para pôr a verdade acima da preocupação profissional; há nisso muitos que se fazem de surdos, porque o orgulho e o preconceito são coisas comuns e o heroísmo é uma coisa rara.

Para não se extraviar em objeções inúteis, não é preciso perder de vista a hipótese psíquica que faz, de nós, a parte integrante de um meio espiritual que não conhecemos. As boas comunicações nos confirmam, nessa ideia, que os espíritos se comunicam com vista a nos provar sua existência, mas que eles não podem nos revelar o que não é compreensível à nossa mentalidade terrestre. Frequentemente, o que eles dizem é contrário ao sentimento do médium. A Sra. Sara Underwood, médium escrevente notável, se revoltava contra o que lhe era ditado. A suas objeções o espírito respondia: “Eis sempre questões tais que se podem esperar da mulher que queria conhecer, antes do tempo, os problemas concernentes às esferas espirituais muito

¹¹ LODGE, Oliver. *A sobrevivência Humana*. Tradução do Dr. Bourbon, p. 264.

superiores... As almas dos quais vieram os dois (ele atuava no Sr. e na Sra. Underwood) se concentram em vós malgrado vossos protestos infantis. Não me questioneis sobre esses predecessores; que vos é suficiente saber que eles vivem em vós e que vós viveis neles.” Bozzano citava ultimamente esse exemplo, com alguns outros para nos dar uma percepção dos registros transmitidos aos médiuns.¹²

Tem-se repetido frequentemente que a doutrina reencarnacionista não aparecia jamais nos ensinamentos dos espíritos, junto das raças de língua inglesa; é um erro absoluto, ela aí aparecia muito frequentemente; são os espíritos terrestres que se recusam a compreendê-la e eles não falam espontaneamente dessas comunicações. Citemos somente o que o espírito de Lorde Carlington respondia à Sra. Russell Davis, médium bem conhecido:

“Há segredos espirituais que não se podem afirmar nem compreender durante a vida encarnada. O Espírito, que é a parte divina da criação, tem uma existência em si, absolutamente separada da vida mortal que ele forma e que anima; ele reencarna através de existências inumeráveis desde as origens do Tempo até à eternidade, se elevando sempre, sem jamais retrogradar, cada encarnação servindo para evoluir, concentrar, preparar a forma adaptada à que seguirá, e assim eternamente” (*Light*, 1906).

A vida espiritual é um mistério diante do qual nosso orgulho deve se inclinar. Há certamente uma constituição psíquica universal que explica as transmissões de forças e de pensamentos entre os seres, uma telepatia estendida a tudo o que vive e que abarca tudo em sua imensa unidade. Essa telepatia universal tem a grande vantagem de explicar, por um só e mesmo processo, as manifestações de inteligência em todos os graus. Nossos céticos

¹² *Revista Espírita* de junho 1927.

podem ironizar ao observar exclusivamente do lado das manifestações mais pobres, eles não dizem jamais o que é preciso pensar de melhor. Em todo caso o processo da correspondência espírita não se afasta do processo ordinário que nós conhecemos; ele toma emprestado a via orgânica que utilizamos nós mesmos quando nosso pensamento coloca nosso corpo em movimento.

Do momento que um pensamento vindo de uma pessoa, a comunicação com os mortos se tornam coisa natural e não há lugar de se admirar com o modo de comunicação.

Capítulo XII**AS PROVAS
DE IDENTIDADE**

Eu lanço um desafio a meus adversários, eu sustento que há provas da sobrevivência e que há perfeitamente boas.

SIR OLIVER LODGE

Para vos convencer do fato essencial, que pessoas tendo se despido de suas vestimentas terrestres se acham vivas no além-túmulo, e voltam para nos confirmar, é preciso que vós tomeis conhecimento de fatos muito numerosos em torno de testemunhos e de especialistas respondendo a todas as exigências da crítica. É um estudo longo e sério que é preciso empreender pessoalmente.

Aqui, não temos feito senão indicar um método que está ao alcance de qualquer um que queira se dar ao trabalho de estudar a questão. A pretensão de ver em primeiro lugar, de tudo experimentar por si mesmo, é inadmissível. Deixemos dizer os que afirmam que isso não é científico; é muito mais razoável começar por assegurar-se da realidade dos fatos, dos quais uma quantidade de trabalhos anteriores não permitem mais duvidar, que negar esses fatos antes de nada conhecer das experiências sobre as quais eles foram estabelecidos. Aqueles que tiveram a felicidade

de poder estabelecer uma correspondência com os parentes ou amigos que acreditavam desaparecidos para sempre, foram incrédulos, céticos convertidos, que resistiram ao desejo de transmitir sua convicção à humanidade sofredora, a tantas mães de luto que acreditavam na separação definitiva.

Com esse objetivo, eles escreveram livros inteiros aos quais endereçamos aqueles que têm sede de verdade!

As provas de identidade nos são fornecidas por pequenos detalhes que são as reminiscências da vida diária dos comunicantes. Está aí o que perturba e origina os protestos de algumas pessoas superficiais que não podem admitir que, no além-túmulo, ocupem-se dessas banalidades. É, entretanto, fácil compreender que a atenção de fatos importantes, que todo o mundo conhece, não teria nenhum valor do ponto de vista da prova que procuramos de magníficas instruções, filosóficas ou morais; podem ter seu interesse, mas não têm nenhum valor probatório. O único meio que os espíritos têm à sua disposição, para se fazer reconhecer por nós, é então o de fazer alusão a banalidades da vida corrente.

Obtivemos muitas provas dessa natureza, mas é um erro bem ingênuo acreditar que essas manifestações, obtidas espontaneamente, podem ser reproduzidas experimentalmente. Certos iniciantes creem que é suficiente se dirigir a um grupo de estudos espíritas para ver fenômenos transcendentais; eles nada obtêm e se desanimam. É que nada pode substituir um estudo sério no qual encontramos os elementos em documentação formidável. As manifestações não respondem a uma vã curiosidade, elas se produzem espontaneamente para salvar alguém do desespero ou na ocasião da morte. É preciso considerar como perfeitamente excepcionais as que respondem ao apelo de

uma sessão experimental.

Para se comunicar, é preciso ter no além-túmulo, um comunicante estreitamente unido ao experimentador pelos laços de afeição especial e é preciso, além disso, ter junto de si um médium cujo organismo ofereça possibilidades fisiológicas, uma afinidade especial que lhe permitam corresponder-se com a entidade segura que dirige a sessão e que ele chama comumente de seu guia. Fora disso os grupos de ocasião não obtêm jamais senão pequenos fenômenos de animismo, que têm sua importância, do ponto de vista científico, mas que só servem para provocar a crítica de experimentadores de passagem.

É nesses grupos, abertos a todo o mundo, que se encontram as mediunidades mais medíocres e as menos profissionais. São comumente pessoas simples, sem grande cultura que, dotadas de uma pequena mediunidade que obtiveram, acidentalmente, uma manifestação interessante, se acreditaram favorecidas de dons celestes e que creem obter amanhã o que elas obtiveram ontem. Esses médiuns ardem do desejo de renovar as façanhas, cuja leitura os entusiasmou, acabam por trapacear com toda inocência. Eu digo, em toda inocência, porque, sabendo, por exemplo, que uma mesa se eleva realmente sob suas mãos, eles não acreditam fazer acelerar ou amplificar o movimento abrupto; para eles é sem consequência, um pouco mais ou um pouco menos, eles não enganam o público pois que, em sua alma e consciência, sabem que o fenômeno é verdadeiro. Assim raciocinam essas almas inocentes. Infelizmente, isso é desesperante mas é preciso dizer também que os adversários do Espiritismo são encorajados nessa prática, envenenando a opinião, com essa lenda estúpida, que grandes sábios foram enganados por manobras mais grosseiras.

Falando assim eles sugerem que o engodo é fácil, e da

sugestão à execução não há distância.

O mais grave, em tudo isso, é que os adversários do Espiritismo, de má-fé, um pouco inconscientemente, fazem um alarde para denunciar a trapaça, como se fossem os únicos a chegarem a essa descoberta sutil, e partem daí para estabelecer um paralelo entre essas mediunidades passageiras, que jamais enganaram a ninguém pois que, nas sessões controladas, a fraude é imediatamente descoberta, eles estabelecem um paralelo entre esses médiuns de um dia e os que, durante uma vida inteira, suportaram o controle científico. Tal a matéria de suas conferências públicas: Os senhores o veem, senhoras e senhores, a mãe Durand, esse famoso médium (pois, para essas, os mais pobres são sempre famosos) acaba de ser presa em flagrante delito; é da mesma maneira que puderam enganar os gigantes da ciência. Isso vos prova, senhores e senhoras, que fora de sua especialidade, nossos maiores sábios, William Crookes na cabeça, eu dispenso discurso. Seria fazer injúria ao leitor que insistir sobre a atrofia do julgamento entre eles que não sentem o absurdo de semelhante aproximação.

Os fenômenos mais probatórios não se produzem em público; eles aparecem comumente em uma família, onde as duas condições essenciais, presença de um médium na família e colaboração de um falecido, se encontram. É assim que na casa do Dr. Grandon, de Boston, verdadeiras comunicações espíritas foram obtidas pela colaboração da Sra. Grandon (Marguery) com um irmão falecido.

Isto, Walter, explicava que sua facilidade de se comunicar se prendia ao seu duplo parentesco com o médium; parentesco fisiológico, isto é, similitude orgânica entre o irmão e a irmã, e parentesco psíquico, isto é, afinidade intelectual e moral,

desenvolvida no curso da vida terrestre, entre dois seres intimamente ligados. Essas sessões em família, continuadas na via da pesquisa espírita, teriam podido levar a manifestações de ordem mais elevada mas por causa de desafio trazido por uma universidade da América, o Sr. e a Sra. Grandon foram sacrificados como obra de vulgarização, eles se submeteram às experiências do laboratório e aconteceu o que acontecerá sempre com os céticos, esses senhores se contentam em observar os fenômenos físicos. Eles têm a pretensão de aplicar aos estudos psíquicos os métodos empregados para a observação de fatos materiais. Então, se registra, se constata, se controla após ter bem registrado, bem constatado, bem controlado, recomeça-se sem jamais concluir. A vaidade seria satisfeita se pudessem inventar um novo meio de controle, quanto à conclusão, nada apressado. Nessas condições não obtêm a materialização visível de Walter, obtêm suas impressões digitais, moldes mais ou menos exitosos, escuta-se a voz de Walter, por via direta, saindo dos órgãos vocais materializados; tudo isso com controles fantásticos, químicos, biológicos, elétricos, hidráulicos, etc.,... Mas sempre esperamos o experimentador corajoso que ousará anunciar ao público a descoberta de um novo mundo, desse mundo invisível há tanto tempo incompreendido.

As sessões experimentais têm sua utilidade, mas os que as dirigem não atacam o verdadeiro problema; não se pode descobrir o que não se procura e, já que só se trata de permitir ao pesquisador isolado de se convencer, digamos imediatamente que o melhor é se apoiar, simplesmente, nos testemunhos honestos.

Não é preciso que o esnobismo científico nos faça rejeitar tantas provas que se obtêm espontaneamente em muitas famílias.

Entre os fatos que tocam de perto a solução de nosso

problema é preciso concordar com valor especial aos que se observam no momento da morte. A concordância admirável das descrições que nos fazem, nessa ocasião sonâmbulos, videntes, ou testemunhas ocasionais, é uma prova da veracidade do processo de desencarnação. É antes de tudo a exteriorização fluídica que exala do moribundo e flutua acima de seu corpo, sob a aparência de uma pequena nuvem de forma indecisa, vagamente humana. Daí a pouco o fantasma, primeiro inerte, parece se animar, tomar vida, compreender seu estado. Nesse momento ele lança um olhar sobre si, depois sobre sua família e seu entorno; enfim, ele se decide a se separar de seu cadáver e é ajudado nisso por espíritos socorristas que vieram assisti-lo em seus últimos momentos. Essas coisas são vistas e relatadas de maneira idêntica por pessoas perfeitamente ignorantes do Espiritismo, e de sua literatura, ignorando-se umas às outras e mesmo quando o sujeito em observação é reconhecidamente um materialista. Isso foi visto em toda época e entre todos os povos, confirmado por enquetes sérias, e os psiquistas de nossos dias constituíram sobre isso um formidável dossiê. Seria preciso, se isso não fosse real que todo o mundo estivesse de acordo para mentir.

Há um homem a quem a ciência futura deverá um imenso reconhecimento: o Sr. Ernesto Bozzano consagrou sua vida inteira à classificação dos dossiês; ele os analisou e comentou com um espírito científico incontestável e tirou conclusões as quais é impossível contestarem.

Eis aí um guia que deverão seguir todos os que pesquisam sinceramente a verdade em suas monografias; ele condensou o trabalho de um século, e como é impossível a um observador único ser testemunha de uma grande quantidade de fenômenos, dos quais alguns são assaz raros, é nesse resumo de trabalhos do

século que chegamos a abarcar todos os fatos em uma síntese única que nos permita compreendê-los.

Uma das monografias de E. Bozzano tem por título: “Fenômenos psíquicos no momento da morte”. O autor demonstra que a hipótese da alucinação é insuficiente para explicar a maior parte das aparições vistas pelos moribundos, e o faz com uma lógica rigorosa à qual nossos adversários e contraditores jamais deram a menor resposta.

Quando uma aparição é vista no momento da morte, e que informa o moribundo o dia e a hora de seu falecimento, a alucinação se torna uma explicação insuficiente. Quando são crianças que têm essa visão ou quando uma criança vê e descreve os personagens cuja presença é confirmada pelo moribundo, é difícil acreditar que seja alucinação. Acontece frequentemente que o doente acuse a presença de alguns amigos falecidos e sinalize, com grande surpresa, a presença entre eles de uma pessoa que sabia que havia morrido, cujo falecimento lhe havia escondido.

Não são somente amigos e conhecidos que veem os moribundos; acontece algumas vezes em que uma visão maravilhosa do além-túmulo se associe a essas aparições; é então um êxtase que impõe, mesmo ao materialista, a contemplação de um além-túmulo em que jamais acreditasse.

Outra surpresa aguarde o crente, estupefato de ver um meio mais ou menos diferente do que tinha acreditado ser sua imaginação. Mas, sobretudo, ele se admira de que os assistentes não vejam a mesma coisa que ele. Estes creem geralmente em uma espécie de alucinação pré-agônica; à criança que vê seu pai, dizem: “Mas não, meu querido, papai está morto, há muito tempo.” Ao que a criança responde: “ele não está morto, pois que ele está aqui.” E algumas vezes ele declarará que seu pai está com uma

gentil dama, a qual ele assinala ser sua avó que jamais conhecera.

Para os crentes, para as crianças, os espíritos socorristas são anjos e se admiram que eles não tenham asas. Essa particularidade é sinalizada a propósito da morte, em 1916, da Sra. Botrel que, após ter permanecido em coma várias horas, exclamou com uma voz clara e feliz... “Mamãe!” O Sr. Botrel escreve ele mesmo, a propósito do anjo sem asas: “Essa frase prova muito bem que ela não é jogo de sua imaginação, pois que ela esperava ver asas nas costas dos anjos.”

É curiosos, de fato, que personagens e sobretudo crianças que não têm outra noção, sobre o além-túmulo, cujo imaginário religioso pudesse mobiliar sua memória, veem um mundo totalmente diferente daquele que eles esperavam e que descrevem concordem com as visões científicas propostas por Carl du Prel, e com doutrinas que não conhecem. Não podemos acreditar que sejam criações do pensamento, quando se trata de uma criança de tenra idade.

Quando uma menina declara ver sua mãe ou seu irmãozinho, a pessoa presente à sua cabeceira perceberá frequentemente uma luz ou uma nuvem ectoplásmica. E. Bozzano cita o caso de uma menina de seis anos, radiante de alegria quando da aparição de sua pequena irmã. Uma dama, presente à sua agonia, via ao mesmo tempo duas formas ectoplásmicas, a de uma entidade espiritual que vinha procurar sua irmã e a forma fluídica que se desprendia da pequena moribunda. Após ter se aproximado, as duas formas se esvaneceram conjuntamente. Isso exclui a hipótese da alucinação telepática, pois admitindo que a criança pudesse criar a imagem de seu próprio duplo fluídico do qual ela não tinha nenhuma ideia.

E depois, é verdadeiramente necessário tanto analisar, diante

do fato, tão frequentemente repetido, da extrema surpresa e da expressão de felicidade infinita cujo testemunho, diante de uma aparição, um doente saindo do coma.

Nosso grande astrônomo Camille Flammarion publicou, também, os resultados de uma vasta enquete para recolher esses fenômenos psíquicos no momento da morte, e as manifestações que seguem ou precedem esse momento crítico, era preciso um homem cercado pela simpatia universal e universalmente conhecido pois são frequentemente coisas confidenciais que as famílias não gostam de divulgar e que não se contam a desconhecidos. Para se desembaraçar de tantas testemunhas desanimadoras, o ceticismo pretexta que isso não é científico, mas o simples bom senso e a sã razão farão justiça dessa canção. Aliás, os pesquisadores de boa-fé responderam a essas críticas exigentes por experiências exaustivas e que afastam todas as objeções científicas, mas se fazem de surdos ou se esquivam solicitando experiências que são impossíveis de se repetir.

Nada pode substituir a convicção que se adquire pessoalmente pelo estudo aprofundado dessas obras que não foram publicadas, senão após pesquisas longas e penosas e de uma complexidade difícil de se suspeitar.

Tratava-se de responder a hipóteses antiespíritas que, sob cor de cientificismo, não recuavam diante de nenhuma extravagância para explicar, por suposições inverossímeis, o que se explica tão naturalmente pela comunicação espírita. Para isso, temos obtido a colaboração de homens de ciência, eu falo dos que estão mortos e que continuam no além-túmulo, a obra à qual eles tinham consagrado sua vida. Estes se dirigiam aos colegas da terra, que tinham compartilhado seus trabalhos, de sorte que esses sábios especialistas conhecem, de parte a parte, os

obstáculos criados pelo esnobismo científico conhecendo também a natureza das objeções que fermentam na imaginação dos incrédulos quando estes insistem em atribuir, apesar de tudo, aos médiuns o que só se manifesta por seu intermédio, procuraram organizar experiências que afastam definitivamente toda possibilidade de intervenção da faculdade supranormal do ser humano, na produção de fenômenos. E eles conseguiram.

Foram primeiro correspondências cruzadas. Os experimentadores do além-túmulo imaginam uma mensagem obscura que eles transmitiam simultaneamente a dois médiuns separados; tendo o cuidado de formulá-las em termos diferentes e tendo toda precaução para que os médiuns ignorassem a tentativa. Propunham-se assim espécies de rebus que não se tornavam inteligíveis senão ao aproximar as duas comunicações.

Para dar uma ideia da complexidade que podem alcançar as experiências desse gênero, eu direi somente algumas palavras de uma delas da qual faz menção no XXIX volume dos *Proceedings For Psychological Research*.

O caso foi analisado por Lord Balfour e o enigma ou antes a tentativa experimental foi proposta pelos grandes psiquistas desencarnados, Frédéric Myers e seu amigo Gurney. Um sábio professor de línguas, o Sr. Werrall, igualmente falecido, e cuja esposa é um formidável médium, se associou a essa experiência em 1914, anunciando que ia fazer alguma citação pertencente à literatura clássica antiga, e especificava que a prova se relacionava a um tema já proposto por Myers. Ele advertia os experimentadores para manter a Sra. Werrall, sua esposa médium, na ignorância absoluta do que seria tentado, indicando que a experiência seria longa e que cada um deveria conservar para si mesmo as descobertas que fizessem.

O primeiro dado do problema tinha sido fornecido por uma outra senhora médium, a Sra. Willett, que, em estado de transe, tinha pronunciado as palavras: “O lóbulo da orelha de Denys”, os outros elementos da adivinhação foram transmitidos em frases soltas no curso de várias sessões.

Eles não podiam ser decifrados senão por especialistas da literatura antiga.

O problema consistia então em adivinhar o personagem da antiguidade ao qual podiam se reportar as frases transmitidas. Eis aqui esses dados:

A orelha de Denys.

A caverna de Siracusa.

A história de Polifeme.

A história de Acis e Galateia.

Ciúme.

Música.

A procurar na “Poética” de Aristóteles.

Sátira.

Foi preciso um ano e meio aos eruditos pesquisadores para achar um sentido nessas diversas citações. Elas faziam alusão a certos incidentes da vida de Philoxene, poeta pouco conhecido, que vivia no tempo de Denys, tirano de Siracusa.

A caverna de Siracusa era uma prisão, tão maravilhosamente disposta, do ponto de vista acústico, que ela permitia ao tirano escutar e surpreender à distância a conversação de seus prisioneiros políticos. Por essa razão foi apelidada de: “A orelha de Denys”. O gigante Polifeme era “O Ciclope”. Denys não tinha senão um olho. O poeta em questão tendo caído em desgraça, foi

encarcerado na caverna. Restou dele um fragmento do poema intitulado: o Ciclope, que é uma sátira a Denys, uma zombaria de amores do tirano por uma flautista de nome Galateia, que cortejava também o poeta, daí a palavra “ciúme”. Quanto à música, diz-se que ditirambo era a forma teatral onde a música era aliada à poesia, ora, Philoxene era um poeta ditirâmico, e na “Poética” de Aristóteles é citado como exemplo de poema satírico, o “Ciclope” de Philoxene.

Eis aqui, então, uma forma nova e engenhosa de identificação de espíritos desencarnados, fazendo a prova da persistência de sua memória terrestre, sem que seja possível invocar, como explicação, as interferências telepáticas entre vivos.

A análise minuciosa de Lord Balfour demonstra a insuficiência dessa hipótese e termina com essa observação: “..., é manifesto que todos os que tivessem chegado à conclusão de que as mensagens mediúnicas proveem de inteligências desencarnadas, não deveriam levantar dificuldades especiais para admitir que as personalidades comunicantes eram realmente os espíritos dos defuntos em questão, como eles afirmavam com insistência. Não se poderia negar nesse ponto, sem parecer se inquietar com um pernilongo após engolir um camelo”.¹³

As experiências desse gênero não se organizam unicamente à vontade dos pesquisadores mais ou menos curiosos, a iniciativa pertence ao além-túmulo, mas o sucesso da empreitada se explica pelo interesse que trazem aos estudos psíquicos os sábios que, de parte a parte, tentaram esse esforço. O mesmo gênero de comunicação é facilitado por laços de afeição que a morte não rompeu, e vários livros que o provam foram escritos sobre esse

¹³ Citado por BOZZANO, em sua bela obra: *A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana*. Edições Jean Meyer, rua Copernic n° 8 Paris (16^a).

assunto. O mais interessante é devido ao grande físico Oliver Lodge, que se correspondeu com seu filho Raymond. A importância dessa publicação não foi sempre apreciada em seu justo valor, porque ela permanece incompreendida pelos que, na ignorância da questão, se contentaram com uma leitura superficial. As pessoas de bom senso e os homens de estudos julgaram de forma diferente. Não se podia rejeitar o testemunho de um físico que consagrou sua vida ao exame das ciências ditas positivas e, mais particularmente, ao problema sutil do éter.

Antes de ter escrito seu livro “Raymond”, sir O. Lodge já tinha se correspondido com o espírito de Myers, e já se achava convicto. A prova da sobrevivência, escreve ele:¹⁴

“Foi feito de uma maneira quase irrefutável por um recente desenvolvimento do sistema de correspondências cruzadas. Esse desenvolvimento é devido a pesquisadores experimentados e de espírito crítico da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, aos quais todas as dificuldades eram familiares. Após sua morte se empenhara para vencê-las, servindo, com esse objetivo, dos mais engenhosos meios. A única explicação que se poderia dar das provas mais evidentes, seria imaginar uma malícia supranormal e diabólica que faria o mal e nos enganar.”

O que acabamos de dizer das comunicações obtidas pelo meio de correspondências cruzadas, poderíamos redizer a propósito de outras comunicações recebidas pela mesa, pela escrita automática, etc., que se apresentam às vezes com tanta complexidade de provas concordantes quanto elas permitem concluir pela identidade da pessoa que pretende se manifestar. Mas não temos a intenção de fazer, aqui, uma compilação que necessitaria de vários volumes assaz felizes se esse resumo conseguisse somente

¹⁴ *Raymond*, por O. Lodge, página 115. Payot e Cia, Boulevard Saint-Germain n° 106, 1920.

dissipar os preconceitos e tranquilizar os que temem se embrenhar no caminho da superstição. O Espiritismo não se afasta da via positiva e experimental.

Temos demonstrado que nosso conhecimento da sobrevivência nos foi imposta por fatos, que não cessamos um instante de nos apoiar no conhecido para explicar o desconhecido, no que está em baixo para compreender o que está no alto.

A única coisa a que somos obrigados a admitir à priori, é essa causa primeira que denominamos força e, nisso, não cessamos de ser científicos. O positivismo não é mais, desde que ele atribui, a essa força, a inconsciência, pois isso não se apoia em nenhum fato conhecido na natureza que nos mostra, em nós mesmos, uma força inteligente e plastificante de onde podemos concluir, com certeza que nossa atividade consciente deriva de uma fonte inteligente e criadora.

Desde então não temos mais que olhar para baixo, para observar a evolução dos seres; é uma espécie de poeira viva, poeiras de almas, que vemos sair do limo da terra, onde elas se encarnam nos organismos ínfimos. Todo ser vivo está então em posse de um verdadeiro corpo etéreo preexistente e sobrevivente à sua forma material, e que é ao mesmo tempo um centro de emissão e um posto de recepção. Que seja entidade divina, angélica, etérea, humana, animal ou protoplásmica, haverá sempre em algum lugar uma alma que provoca o movimento na esfera submetida à sua influência e uma consciência capaz de perceber, no raio de sua aura, as emissões do ambiente. É a telepatia universal que, de ligação em ligação, se estende até aos últimos dos seres.

Esse magnetismo do além-túmulo se observa desde os reinos inferiores, existe em um ambiente um pensamento motriz dos

instintos, pois não se pode atribuir à consciência dos insetos os meios prodigiosamente variados dos quais eles se servem para assegurar a continuidade da espécie.

A impulsão formidável que engendra a vida é uma impulsão constante, ela estimula e organiza. Pode-se estudá-la, no homem, começando pelos fatos do magnetismo e do hipnotismo. As mais baixas manifestações não diferem das mais altas, é o mesmo processo que se observa no mecanismo celular, no automatismo psicológico, isto é, no animismo, no metapsiquismo, no Espiritismo e no êxtase místico. A mais ínfima célula que transmite a sensação da epiderme ao centro ganglionário correspondente, não age de outra forma senão a que o homem que se eleva a Deus na asa da prece. Os movimentos da alma não são uma simples metáfora; como a prece seria percebida sem um mecanismo de transmissão? O. Lodge disse: “Nós agimos diretamente sobre o éter e indiretamente sobre a matéria.” Meditemos sobre essa nova noção. No plano espiritual, há movimentos do pensamento, que vão daquele que dá ao que recebe no meio fisiológico, os movimentos da vida, são centrípetos e centrífugos, é exatamente a mesma coisa; minha vontade age diretamente sobre o elemento etéreo e indiretamente sobre o músculo que se contrai.

É por isso que damos tanta importância ao reconhecimento, pelo mundo oficial, do corpo etéreo cuja existência é demonstrada no capítulo VI e que, sem contradizer a teoria Darwiniana, a completa e torna mais compreensível.

Que maravilhoso assunto de experimentação oferecerá, aos metapsiquistas, a possibilidade de exteriorizar o ectoplasma e de constatar a plasticidade desse corpo proteico, quando as constatações absurdas tiverem tido fim.

Sobre esse ponto os Espíritas precederam os metapsiquistas, mas que o fato seja simplesmente admitido, e as histórias de formação de fantasma, de duplo de vivos e de aparições vão se tornar muito mais verossímeis; será mais indulgente para a filosofia dos simples que se ache simplista; uma concepção espiritualista do Universo acabará por se impor. A alma retomará seu lugar à frente das forças conhecidas, pois que como todas as outras forças, ela se manifesta pelos efeitos que não pertencem senão a ela: telepatia, criptestesia, metagnomia, visão à distância, etc. Reconhecer-se-á o lugar que é preciso consignar ao corpo invisível na sua função de agente de transmissão do dinamismo inteligente, em seu papel de agente de ligação entre o espírito e a matéria. Quando a plasticidade do corpo etéreo for um fato admitido compreender-se-á a marcha do evolucionismo que se explica pela ação da alma sobre os órgãos, acompanhando todos os progressos e presidindo à mutação das espécies. O dinamismo estritamente unido ao agente perispiritual explicará tudo naturalmente a conservação das formas sobrevivendo a todas as destruições às quais a natureza permanece indiferente. Enfim, a ideia palingenésica associada à doutrina do transformismo evolucionista explicará tudo. O poder criador do pensamento explicará essa objetividade do mundo do além-túmulo, que parece tão inverossímil aos que preocupa a ideia do sobrenatural. Estes poderão daqui por diante compreender a analogia que existe entre as relações de um sensitivo hipnotizado com seu magnetizador e as do médium em transe com seu espírito guia, entre o sonho sonambúlico e a criação inteligente de imagens simbólicas que é o meio comum e a via natural de comunicação com o invisível.

Essas manifestações podem ser muito convincentes quando

são espontâneas, mas temos mostrado o quanto elas são difíceis de se obter experimentalmente; o além-túmulo não responde a um apelo vulgar, e não se tem frequentemente um médium notável. É preciso intermediários; intermediário do médium e de seu guia, intermediário no além-túmulo, de colaboradores que o cético repila com toda a força de sua incredulidade, porque as faculdades anormais dos médiuns sendo as faculdades normais dos comunicantes, não recuam diante de nenhum exagero para atribuir, àqueles, o poder de representar a comédia com os elementos que eles teriam podido tirar dos cérebros dos consulentes. É então aos verdadeiros psiquistas, aos que consagraram toda sua existência à observação dos fatos que estão livres para organizar essas sessões bizarras e complicadas como as que relatamos anteriormente, que respondem a todas as objeções e que permitem concluir no sentido de O. Lodge, dizendo: "Eu lanço um desafio a meus adversários, eu sustento que há provas da sobrevivência e que as há perfeitamente boas."¹⁵

¹⁵ Oliver LODGE, membro da Sociedade Real de Londres. *A Evolução biológica e Espiritual do Homem*, p. 30.

Capítulo XIII

BREVE OLHAR SINTÉTICO

A Força Inteligente é eterna.

As criações são perpétuas.

As almas são imortais.

OS DRUIDAS

O pessimismo filosófico do século XIX não se apoiava em fatos. Não podendo fazer sair o mundo do nada, ele se contentou em inventar entidades de convenção. Hartmann conseguiu fazer-se de trouxa com sua “Filosofia do Inconsciente”. Mas o que é o Inconsciente? É uma palavra que representa o vazio. O vazio do pensamento, e supondo que toda possibilidade estava nele, que pôde provocar ilusão, com os sofismas tão ociosos como hipóteses.

Quanto a Schopenhauer, foi bem compreendido que era preciso colocar outra coisa que o nada; na origem da Criação, foi colocada a Vontade. Mas esse ponto de partida é ainda inadmissível, porque a Vontade não é uma coisa concreta, nem preexistente; é uma função.

Aí onde não há uma consciência, não há vontade. A filosofia espírita é muito mais lógica se apoiando em um fato constatado. Esse fato é a existência de uma Força necessariamente pré-existente; tudo vem daí.

A Força...! Coisa incompreensível, mas constatação evidente,

pois que é o único conceito que se apresenta à nossa consciência sem intermediário, porque ela está em nós porque ela somos nós mesmos. A Vontade é um atributo dessa força.

O Dinamismo inteligente, que colocamos no topo da criação não é então mais uma hipótese, é uma simples constatação. O homem é uma força consciente de si mesmo, resultante de uma força consciente, que é e sempre foi. Necessariamente participante da natureza da força que o criou, ele é em si mesmo criador. (Ideia-força, pensamento criador de imagens).

Uma nova fé, baseada em fatos e uma explicação racional do mistério da vida, exerceria a mais feliz influência sobre a educação da juventude. Não é preciso mais que se ignore o lado psíquico da natureza humana; não é preciso crer que os fenômenos que se produzem no invisível sejam sobrenaturais; eles se escondem frequentemente muito menos nos mistérios que os fatos que vemos todos os dias e que achamos naturais porque nos são familiares. O Espiritismo nem dá a explicação dos fatos, ele os constata; um fato não é milagroso porque permanece inexplicado, e somos obrigado em levar isso em conta.

É preciso se familiarizar com a ideia do invisível, já que é de lá que provêm todos os movimentos da matéria; é lá que descobrimos a chave de todos os fenômenos, e não é senão lá, onde podemos compreender a extensão de nossa ignorância. Devemos nos contentar com o que a Natureza nos mostra e que não é senão uma parte ínfima da realidade. É preciso ver o homem na sua parte invisível; ele é um espírito que habita a matéria, que modela a matéria e que construiu órgãos segundo as necessidades do meio. Mas a vida do homem, seu pensamento e seus sentimentos, estão, desde o presente, no além-túmulo.

Os que não sabem ainda ler o invisível não podem se afastar

da superstição da matéria; eles são ainda muito jovens, e o homem na infância, se vendo limitado pelos sentidos, não quer ver além desse limite. Mas, da mesma forma que a eletricidade, que desempenha tamanho papel em nosso meio planetário, é independente da matéria sobre a qual ela exerce seu poder, assim o corpo do homem não está ligado ao dinamismo inteligente que o penetra.

A vida psíquica é independente de seu meio orgânico, quando o corpo morre o espírito permanece, não mais no estado de puro espírito, mas sempre ligado ao corpo etéreo no qual ele se individualizou.

Três elementos são necessários à compreensão das manifestações espíritas; o corpo visível, o Perispírito ou corpo invisível, e enfim a força essencial que constitui a unidade aparente do “EU”. A ação do pensamento sobre a matéria se explica pelo intermediário perispiritual, que é ao mesmo tempo condutor da força e o agente da sensibilidade telepática.

A telepatia explica todos os movimentos do pensamento, da memória e das informações percebidas sem o concurso dos sentidos. Ela é, segundo toda probabilidade, uma função do universo vivo que abarca todos os seres. É uma faculdade que pertence igualmente ao ser terrestre e desencarnado, é limitada, para cada um de nós, no campo de força mais ou menos extenso que se acumula em torno de nossos órgãos.

O Espiritismo, que traz um apoio sério aos sentimentos religiosos, deixa de lado toda consideração mística, todo apriorismo dogmático; ele tem a pretensão de ser uma ciência.

Não tem senão um objetivo limitado, que é o de provar que a morte não existe, que ela não é necessária a nossa evolução, e que

pelas faculdades naturais do homem, encarnado ou desencarnado, pelas únicas faculdades anímicas, pode-se esperar chegar a se corresponder com os que não vemos mais.

O magnetismo, os estados de hipnose e a lucidez sonambúlica serão um precioso socorro para elucidar o grande problema. Chega-se, por esses meios, a exteriorizar o corpo psíquico e, por aí, provar que é ele que conduz a força motriz e que é a sede da sensibilidade. Esse corpo, que se pode tornar visível, prova a possibilidade das aparições e das materializações, é, não há absurdo em admitir, a possessão de órgãos por um espírito independente. A questão de saber se um órgão pode ser influenciado por uma vontade estranha, e se um desencarnado pode escrever e falar por meio de um aparelho que não lhe pertence, não depende mais senão da observação.

Nosso ponto de partida é bem simples: Se o nada não tivesse jamais existido isso seria, ainda hoje, o nada. Pode-se concluir que o dinamismo original, qualquer nome que se queira dar, tem existido eternamente. Isso é incompreensível, mas é evidente. Eis aí a causa do movimento. No movimento universal, está Deus; na matéria viva, é a alma. O homem é um espírito encarnado na matéria, do mesmo modo que as almas ganglionárias ou as almas vegetais.

O problema, para nós, consiste em achar o meio de se comunicar com as almas no plano terrestre, aí se chega pela telepatia; no além-túmulo chega-se pela mesma via mas, então, será sempre possível contestar a identidade do comunicante.

Quando eu chamo alguém ao telefone, ele está livre para não me responder: essa verdade não é compreendida como o determinismo que pretende tratar o vivo como o inerte. Pode-se objetar que será muito difícil provar cientificamente que a pessoa

que responde não é a que com quem eu pretendo me comunicar; minha certeza, nesse caso, é uma certeza moral. É um pouco nossa posição com respeito ao espírito desencarnado, e minha fé não é abalada diante do metapsiquista que pretende tratar o vivo como o inerte e que me responde: “Eu não acreditarei na presença de vosso amigo mesmo que o coloquemos em condições de verificar seu pé, seu talhe e a cor de seus cabelos; até aí podeis desligar.” Se fosse preciso escutar semelhantes objeções, na prática, creio, que isso retardaria um pouco as coisas; é o que nos acontece com os metapsiquistas, sua ciência não avança senão lentamente.

Entretanto, os Institutos Metapsiquistas têm feito um imenso progresso, nesses últimos tempos, colocando um termo no período desmoralizante das negações. Não se contesta mais os fatos de telecinésia, de telepatia, de ectoplasmia nem mesmo de ideoplastia, e isso é de grandes consequências, pois o materialismo recebe um profundo golpe.

A alma retoma seu lugar como fator morfológico no curso das evoluções. O dinamismo inteligente reaparece na origem da criação; a criação se nos mostra sob a forma de um movimento perpétuo, as almas individuais participam dessa força e desse movimento. Eis aí a razão do ser vivo, a fonte da vitalidade ou força vital. Todo ser vitalizado, por mínimo que seja, é uma força entre as forças, uma causa entre as causas. Não temos consciência das forças invisíveis que estão abaixo e acima de nós.

Entretanto, nossas necessidades fisiológicas, nossas sensações, são um apelo de consciências inferiores à nossa unidade consciente. Nossa consciência de ser, eis aí o que constitui nossa unidade aparente; mas na realidade, nossa alma ou antes nosso domínio psíquico, se compõe de uma multidão de almas, como nosso corpo se compõe de uma multidão de células vivas, e

a telepatia, criando uma relação incessante entre todos esses elementos conscientes e inconscientes, liga cada unidade ao organismo universal.

Toda alma se acha limitada por seu corpo no plano físico, e por seu grau de evolução, no plano psíquico. Tal é a extensão do poder de cada unidade, seja ela divina, angélica, etérea, humana, animal ou mesmo celular. É o que explica a diferença de valor intelectual e moral, entre almas humanas incorporadas em formas semelhantes.

Não há diferença de natureza entre a inteligência e o instinto, somente difere a forma de percepções. O pensamento circula no grande corpo do qual nos falava Virgílio, a mesma força onipresente rege os mundos e os átomos.

Agora, o intermediário perispiritual ou corpo espiritual, é indispensável para explicar os fenômenos espíritas. Por ele temos uma explicação racional da telecinésia, da ectoplasmia e da ideoplastia. Esse corpo cuja substância, segundo toda aparência, tomou emprestada do éter, é uma organização ideoplástica de uma consciência pré-existente que, sem o perispírito, não poderia se adaptar às condições de vida materiais; é absolutamente necessário para que a alma possa evoluir, que ela se torne objetiva em uma forma corporal porque ela não progride senão pelo esforço e que a matéria representa o ponto de apoio indispensável, o ponto de resistência sem o qual a vontade não poderia se manifestar.

O imenso interesse dos primeiros fatos espíritas, que se pôde desprezar no início, é de ter provado a existência desses fatos dinâmicos que se manifestam fora dos limites visíveis do corpo humano, o que a prudência científica batizou com o nome de telecinésia ou telergia; mas que merece uma determinação mais

precisa pois as ações telérgicas que apanham os objetos, que tocam acordeão, que deixam uma pegada na substância maleável, são bem o fato de mãos articuladas e de membros invisíveis. É então o corpo psíquico que se manifesta e do qual importa afirmar a existência.

O ectoplasma e a materialização são reconstruções momentâneas e mais ou menos incompletas do corpo psíquico; o corpo psíquico é pré-existente ao nascimento. O ectoplasma não pode durar, porque ele é ideoplástico, ao passo que o nascimento é uma materialização lenta, isto é, um ectoplasma que dura, porque de um meio orgânico ele tira elementos substanciais que assimila definitivamente. É um fenômeno biopsíquico condicionando o processo de encarnação do espírito na matéria.

O corpo psíquico, uma vez encarnado, pode ainda se exteriorizar, ele explica as aparições. Assim, tudo se mantém e se encadeia maravilhosamente nas explicações que nos sugere a experimentação espírita, do que se faz pouco caso ligeiramente por causa do aspecto defeituoso dos fenômenos.

O fenômeno do nascimento, que se explica pela descida na matéria de um espírito pré-existente, não é suficiente para explicar a presença do homem na terra; ele nos conduz à pesquisa de um processo anterior que não pode ser senão o de uma evolução lenta começando na obscuridade, como diz São Paulo, isto é, na inconsciência original.

No momento em que a vida se tornou possível no planeta, uma multidão de vidas elementares se manifestaram e se elevaram da forma simples às formas complexas, seguindo uma quantidade de linhas evolutivas formando correntes, das quais a maior parte dos elos desapareceram. Uma dessas correntes evolutivas resulta no homem, do qual, é inútil procurar o primeiro

pai. É a luz e o calor solar que provocaram o primeiro movimento vital no protoplasma que despertou de sua inércia. É perfeitamente certo, hoje, que a evolução, passando sempre do simples ao complexo, passou pela série animal antes de chegar ao bicho homem. É preciso renunciar à lenda do pai Adão; nenhuma espécie, atualmente existente, teve um ancestral semelhante à forma que ela reveste hoje.

É de encarnações em reencarnações que o espírito, de essência etérea, lentamente penetrou a matéria, aí se instalou, aí se organizou. O transformismo evolucionista é a única teoria que explica o progresso e o intermediário perispiritual explica de uma maneira racional sua continuidade, não obstante as destruições orgânicas. A doutrina reencarnacionista é igualmente satisfatória do ponto de vista moral; é a prática da vida que desenvolve, em nós, o sentimento que nos fazia imperfeitos e o amor do verdadeiro, do bem que eleva o homem acima de si mesmo.

As maravilhosas descobertas da ciência moderna deveriam nos ajudar a compreender que a ideia do além-túmulo não é um sentimento místico, que é uma realidade, mais fácil de compreender que os mistérios da T.S.F. e das forças intra-atômicas. Tudo o que está além de nossas percepções orgânicas não é menos real do que o que impressiona nossos sentidos. O inseto, em si mesmo, tem sua parte de vida no além-túmulo; ele aí vive por seus instintos, como o homem vive pelo pensamento, e a morte não afeta nem os instintos, nem as aptidões que prosseguem sua marcha mesmo assim, pois que a natureza nos mostra a permanência do élan vital fazendo sempre sair o mais do menos. A morte não é senão uma etapa, o além-túmulo é um reservatório de forças que não vemos e o pretense sobrenatural é um meio etéreo cujos segredos ainda não penetramos.

É no meio etéreo que a telepatia funciona livremente, sem conhecer o obstáculo das distâncias; é o organismo etéreo que possui essa sensibilidade específica que permite, a certos sensitivos, receber, sem o concurso dos órgãos, informações que se lhes propõem, sem razão, vir de um sexto sentido. Compreende-se agora que papel pode trabalhar essa sensibilidade específica na claridade da lucidez e na transmissão de imagens que constatam tão frequentemente e que são os avisos de acidentes ou previsões de morte.

Compreender-se-á sobretudo quais possibilidades essa faculdade nova traz à comunicação espírita, já que essa faculdade, de aparência anormal entre os vivos, é faculdade normal dos desencarnados, podemos esperar estabelecer uma correspondência normal entre nós e o além-túmulo. Isso sem dizer que, nesse mundo de correspondência, há todas sortes de perigos a evitar mas a manifestação espírita não é mais essa coisa ridícula que várias pessoas se compraziam em imaginar. Pode-se achar, em nosso plano terrestre, um organismo detector próprio para registrar as emissões do além-túmulo. Estão aí operações delicadas que não podem ser confiadas senão a homens sem ideia preconcebida, e que sua ciência põe ao abrigo de suposições sempre invocadas de incompetência ou de credulidade.

Demonstramos, no capítulo precedente, quanto é difícil mostrar a evidência sobre a questão da identidade dos comunicantes. Entretanto, aí chegou-se; temos mostrado como, não voltaremos aí. Diremos, entretanto, que cada um tem o direito de julgar provas obtidas nessa ordem de experimentações, não é exclusivamente o papel da ciência.

Se eu chamo alguém ao telefone, posso saber que um amigo me responde; posso ter essa convicção sem que a ciência se

envolva. Será fácil me contestar que a coisa não foi demonstrada cientificamente, isso em nada abalará minha certeza.

Muita gente honesta tem adquirido uma certeza dessa natureza. É permitido achar a prova insuficiente; mas não devemos nos esquecer de que todo um grupo de sábios investigadores, dos quais toda a vida foi consagrada às pesquisas psíquicas e que, quando vivos, tinham se defrontado com todas as dificuldades do problema, aplicaram-se, desde sua morte, em realizar as condições que, de comum acordo com seus colaboradores de outrora, ainda vivos na terra, eles tinham julgado decisivas.

Aqueles que receberam essas provas e que são autoridades científicas, o que não é mais racional recusar, se declaram convencidos. Eles afirmam, como Lodge, que a morte não é o fim do indivíduo e que, sob certas condições, uma comunicação é possível entre os que estão ainda presos à matéria e os que entraram em uma nova fase de sua existência. Essas coisas não são mais hipóteses, mas fatos científicos provados. Eu afirmo sem hesitação, diz ele, e nisso estou tão seguro que não importa qual outro fenômeno da natureza.

Aliás, uma analogia toda simples nos ajudará a compreender que não vemos, da vida, senão o lado ilusório; a palavra e a escrita não são outra coisa senão uma manifestação do homem invisível. Sob uma forma material ele objetiva um pensamento que, desde o presente, pertence ao além-túmulo. Vivemos no invisível, é suficiente um pouco de reflexão para compreender que a matéria não é senão o écran sobre o qual a alma projeta as imagens que aparecem aos nossos olhos.

Mas não temos, agora, homens de elite que registraram as vozes do além-túmulo fora do écran. Feliz aquele que pode atingir

essa certeza para si, um novo sol se eleva, ele saiu das trevas, retomou à paz e essa alegria interior que nos ajuda a suportar o fardo da vida, é a ressurreição da alma. Mas aquele não pode mais guardar seu segredo para si mesmo, arde de desejo em compartilhar sua felicidade, gostaria de informar a toda a humanidade sofredora. Daí nasceu uma literatura que se enriquece, a cada dia, de fatos e de documentos novos.

A mais modesta testemunha prova a necessidade de falar, de escrever, de socorrer a indiferença de tantos infelizes que, na crise atual de desmoralização, sofrem a perda de todo ideal. De todas as partes vozes se fazem ouvir; elas vêm gritar ao mundo: Não sabemos senão uma coisa, o ser querido que perdemos voltou; ele se foi e voltou para nós. Que importa a morte, se os mortos vivem! Que importa a tumba, se a tumba não é mais senão o limite fronteiro de uma nova pátria!

